

RECUPERANDO O
EVANGELHO

O CHAMADO AO EVANGELHO E A VERDADEIRA CONVERSÃO

PAUL WASHER





RECUPERANDO O
EVANGELHO

O CHAMADO AO EVANGELHO E A VERDADEIRA CONVERSÃO

PAUL WASHER

**O chamado ao evangelho
e a verdadeira conversão**

Traduzido do original em inglês

The gospel call and true conversion

Copyright 2013© by Paul Washer

•

Publicado por Reformation Heritage Books,

2965 Leonard St., NE

Grand Rapids, MI, 49525

•

Copyright©2013 Editora FIEL.

1ª Edição em Português: 2014

•

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

Proibida a reprodução deste livro por quaisquer meios, sem a permissão escrita dos editores, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

•

Diretor: James Richard Denham III

Editor: Tiago J. Santos Filho

Tradução: Elizabeth Gomes

Revisão: Márcia Gomes

Diagramação: Rubner Durais

Capa: Rubner Durais

Ebook: Yuri Freire

ISBN: 978-85-8132-179-0

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

W315c Washer, Paul

O chamado ao evangelho e a verdadeira conversão / Paul Washer;
[traduzido por Elizabeth Gomes] – São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.
2489Kb ; ePUB – (Recuperando o Evangelho)

Título original: The gospel call and true conversion.
Inclui referências bibliográficas.

ISBN 978-85-8132-179-0

1. Salvação (Teologia). 2. Evangelho de Jesus Cristo. I. Título. II. Série.

CDD: 234



Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3919-9999
www.editorafiel.com.br

SUMÁRIO

Prefácio da Série

PARTE 1: O CHAMADO AO EVANGELHO

1. Um chamado ao arrependimento
2. Um chamado à fé
3. Crer e confessar
4. Receber a Cristo
5. Cristo à porta do coração

PARTE 2: UM NOVO CORAÇÃO E A NATUREZA DA VERDADEIRA CONVERSÃO

6. O grande motivo e fim da salvação
7. O autor da salvação
8. Separação e purificação
9. Um novo coração
10. O espírito efetivo

PARTE 3: UM NOVO POVO E A NATUREZA DA VERDADEIRA CONVERSÃO

11. A glória da nova aliança
12. A formação de um novo povo
13. O conhecimento certo do cristão acerca de Deus

14. O coração e o caminho do povo de Deus

15. A aliança eterna

16. A bondade de Deus para com seu povo

RECUPERANDO O EVANGELHO

O evangelho de Jesus Cristo é o maior de todos os tesouros dados à igreja e ao cristão como indivíduo. Não é *uma* mensagem entre muitas, mas *a* mensagem acima de todas as outras. É o poder de Deus para a salvação e a maior revelação da multiforme sabedoria de Deus aos homens e aos anjos.¹ É por essa razão que o apóstolo Paulo deu primazia ao evangelho em sua pregação, esforçando-se com tudo que tinha para proclamá-lo com clareza, pronunciando até mesmo uma maldição sobre todos que pervertessem sua verdade.²

Cada geração de cristãos, pelo poder do Espírito Santo, é responsável pela mensagem do evangelho. Deus nos chama a guardar este tesouro que nos foi confiado.³ Se quisermos ser fiéis mordomos, teremos de estar absorvidos no estudo do evangelho, tomando grande cuidado para compreender as suas verdades, comprometendo-nos a guardar o seu conteúdo.⁴ Ao fazê-lo, garantimos nossa salvação, bem como a salvação daqueles que nos ouvem.⁵

É esse compromisso de fiel mordomia que me impele a escrever estes livros. Tenho pouco desejo pela dura tarefa de escrever, e com certeza não existe falta de livros cristãos, mas apresento a seguinte coleção de sermões por escrito, pela mesma razão que as preguei: para ser livre de seu fardo. Acontecerá comigo, o mesmo que ocorreu com Jeremias, se eu não proclamar esta mensagem: “Quando pensei: não me lembrarei dele e já não falarei no seu nome, então, isso me foi no coração como fogo ardente, encerrado nos meus ossos; já desfaleço de sofrer e não posso mais”.⁶ Como exclamou o apóstolo Paulo: “Ai de mim se eu não pregar o evangelho!”⁷

Como sabemos comumente, a palavra *Evangelho* vem do vocábulo grego *euangélion*, que é traduzida como “boas novas”. Num sentido, toda página da Escritura contém o evangelho, mas em outro sentido, ele se refere a uma mensagem muito específica — a salvação realizada para um povo caído, por meio da vida, morte, ressurreição e ascensão de Jesus Cristo, o Filho de Deus.

Conforme o bom prazer do Pai, o Filho eterno, que é um com o Pai e a exata representação de sua natureza, deixou voluntariamente a glória do céu, foi concebido pelo Espírito Santo no ventre de uma virgem, e nasceu o homem-Deus: Jesus de Nazaré.⁸ Como homem, ele andou sobre a terra em perfeita obediência à lei de Deus.⁹ Na plenitude do tempo, os homens rejeitaram-no e o crucificaram. Sobre a cruz, ele carregou o pecado do homem, sofreu a ira de Deus, e morreu no lugar do homem.¹⁰ Ao terceiro dia, Deus o ressuscitou da morte. Esta ressurreição é a declaração divina de que o Pai aceitou a morte de seu Filho como sacrifício pelo pecado. Jesus pagou a penalidade pela desobediência do homem, satisfaz as demandas da justiça e aplacou a ira de Deus.¹¹ Quarenta dias após a ressurreição, o Filho de Deus ascendeu ao céu e se assentou à destra do Pai, e foi-lhe dada glória, honra, e domínio sobre todas as coisas.¹² Ali, na presença de Deus, ele representa seu povo e intercede junto a Deus em seu favor.¹³ Deus perdoará plenamente a todos quantos reconhecem seu estado de pecado e incapacidade, e se lançam sobre Cristo, sendo por ele declarados justos e reconciliados a ele.¹⁴ Este é o evangelho de Deus e de Jesus Cristo, seu Filho.

Um dos maiores crimes cometidos pela presente geração de cristãos é a negligência do evangelho, e é devido a essa negligência que nascem todos os nossos outros males. O mundo perdido não é tão endurecido quanto é ignorante do evangelho, porque muitos que proclamam sua mensagem também ignoram suas verdades mais básicas. Os temas essenciais que compõem o próprio cerne do evangelho — justiça de Deus, depravação total do homem, expiação pelo sangue, a natureza da verdadeira conversão, e a base bíblica para a segurança da salvação — estão demasiadamente ausentes dos púlpitos atuais. As igrejas reduzem a

mensagem do evangelho a algumas declarações do credo, ensinam que a conversão é apenas uma decisão humana e pronunciam a segurança da salvação para qualquer um que tenha feito a “oração do pecador”.

O resultado desse reducionismo evangélico tem sido de longo alcance. Primeiro, endurece ainda mais o coração dos não convertidos. Poucos “convertidos” dos dias modernos entram na comunhão da igreja, e os que o fazem, muitas vezes, se desviam ou têm as vidas marcadas pela carnalidade habitual. Milhões sem conta andam por nossas ruas e se assentam, não transformados pelo verdadeiro evangelho de Jesus Cristo. No entanto, estão convencidos de sua salvação, porque em dado momento de sua vida levantaram a mão em uma campanha evangelística ou repetiram uma oração aceitando Jesus. Esse falso senso de segurança cria uma grande barreira que, frequentemente, isola estes indivíduos de ouvir o verdadeiro evangelho.

Em segundo lugar, tal evangelho deforma a igreja, fazendo com que, em vez de ser um corpo espiritual de crentes regenerados, seja um ajuntamento de homens carnis, que professam conhecer a Deus, mas o negam por suas obras.¹⁵ Com a pregação do verdadeiro evangelho, os homens chegam à igreja, sem o entretenimento evangélico, atividades especiais ou promessas de benefícios além daqueles realmente oferecidos pelo evangelho. Aqueles que vêm o fazem porque desejam a Cristo e têm fome da verdade bíblica, adoração de coração e oportunidades de servir. Quando a igreja proclama um evangelho menor que isso, ela se enche de homens carnis, que compartilham pouco interesse pelas coisas de Deus. Manter tais pessoas é um fardo pesado para a igreja.¹⁶ A igreja então diminui o nível das demandas radicais do evangelho para uma moralidade conveniente, e a verdadeira dedicação a Cristo cede a atividades projetadas para suprir as necessidades sentidas pelos seus membros. A igreja torna-se dirigida por atividades ao invés de ser centrada em Cristo, e cuidadosamente filtra ou faz novo pacote da verdade, a fim de não ofender a maioria carnal. A igreja deixa de lado as

grandes verdades da Escritura e do cristianismo ortodoxo, e o pragmatismo (ou seja, aquilo que mantém a igreja em movimento e crescimento) se torna a regra do dia.

Em terceiro lugar, um evangelho desse tipo reduz a evangelização a pouco mais que um esforço humanista dirigido por estratégias de *marketing* sagazes, baseadas nas últimas tendências da cultura. Após anos testemunhando a impotência de um evangelho não bíblico, muitos evangélicos parecem convencidos de que ele não vai dar certo, e que o homem de alguma maneira tornou-se um ser complexo demais para ser salvo e transformado por mensagem tão simples e escandalosa. Hoje em dia há maior ênfase em entender nossa cultura decaída e seus modismos do que compreender e proclamar a única mensagem que tem o poder de salvá-la. Como resultado, o evangelho é constantemente reapresentado, de forma a caber na caixinha do que a cultura contemporânea considera mais relevante. Esquecemos que o verdadeiro evangelho sempre é relevante a toda cultura porque é a palavra eterna de Deus para todo homem.

Em quarto lugar, um evangelho assim traz repreensão ao nome de Deus. Uma proclamação diluída do evangelho faz com que os carnais e não convertidos entrem na comunhão da igreja, e pela negligência quase que total do que seja uma igreja bíblica, é permitido que eles permaneçam sem correção ou repreensão. Isso mancha a pureza e reputação da igreja e é blasfêmia ao nome de Deus entre os incrédulos.¹⁷ No final, Deus não é glorificado, a igreja não é edificada, os membros não convertidos na igreja não são salvos, e a igreja tem pouco ou nenhum testemunho ao mundo descrente.

Não fica bem a nós, ministros ou leigos, estarmos tão próximos, vendo “o glorioso evangelho de nosso bendito Deus” substituído por um evangelho de menor glória, e não fazermos nada sobre isso.¹⁸ Como mordomos desta verdade, temos o dever de recuperar o único evangelho verdadeiro e proclamá-lo com ousadia e clareza a todos. Faríamos bem em atender as palavras de Charles Haddon Spurgeon:

Nestes dias, sinto-me impelido a voltar repetidamente às verdades elementares do evangelho. Em tempos de paz, talvez sintamos liberdade de fazer excursões aos interessantes distritos da verdade que se encontram em campos distantes; mas agora precisamos manter-nos em casa, guardando os corações e lares da igreja, defendendo os primeiros princípios da fé. Na era presente, tem surgido na própria igreja, homens que falam coisas perversas. Há muitos que nos perturbam com suas filosofias e novas interpretações, com as quais negam as doutrinas que professam ensinar, solapando a fé que têm compromisso de manter. É bom que alguns de nós, que sabemos no que cremos, e não forjamos significados secretos para nossas palavras, simplesmente batamos o pé e nos recusemos a tanto, apresentando a palavra da vida, e declarando claramente as verdades fundamentais do evangelho de Jesus Cristo.¹⁹

Embora a série *Recuperando o Evangelho* não represente uma apresentação totalmente sistemática do evangelho, ela trata da maioria dos elementos essenciais, especialmente os que são mais negligenciados no cristianismo contemporâneo. Minha esperança é que estas palavras sejam guia para ajudá-lo a redescobrir o evangelho em toda sua beleza, seu escândalo, e seu poder de salvar. Minha oração é que tal descoberta transforme a sua vida, fortaleça a sua proclamação, e traga maior glória a Deus.

Seu irmão,
Paul David Washer

1. Romanos 1.16; Efésios 3.10.

2. 1Coríntios 15.3; Colossenses 4.4; Gálatas 1.8–9.

3. 2Timóteo 1.14.

4. 1Timóteo 4.15.

5. 1Timóteo 4.16.

6. Jeremias 20.9.

7. 1Coríntios 9.16.

8. Atos 2.23; Hebreus 1.3; Filipenses 2.6–7; Lucas 1.35.

9. Hebreus 4.15.

10. 1Pedro 2.24; 3.18; Isaías 53.10.

11. Lucas 24.6; Romanos 1.4; Romanos 4.25.

12. Hebreus 1.3; Mateus 28.8; Daniel 7.13–14.

13. Lucas 24.51; Filipenses 2.9–11; Hebreus 1.3; Hebreus 7.25.

14. Marcos 1.15; Romanos 10.9; Filipenses 3.3.

15. Tito 1.16.

16. 1Coríntios 2.14.

17. Romanos 2.24.

18. 1Timóteo 1.11.

19. Charles H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit* (repr., Pasadena, Tex.:Pilgrim Publications), 32:385.

PARTE 1

-----◆----- O CHAMADO AO EVANGELHO

*Foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo:
O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo;
arrependei-vos e crede no evangelho. — Marcos 1.14–15*

Jamais deixando de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo. — Atos 20.20–21

Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação.—Romanos 10.8–10

UM CHAMADO AO ARREPENDIMENTO

Foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho. — Marcos 1.14-15

Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam. — Atos 17.30

Conforme o plano eterno de Deus e seu bom prazer, o Filho de Deus, igual ao Pai, e exata representação de sua natureza, voluntariamente deixou a glória do céu, foi concebido pelo Espírito Santo no ventre de uma virgem, e nasceu Deus-homem. Andou sobre esta terra em perfeita obediência à lei de Deus, e então, na plenitude do tempo, foi rejeitado pelos homens e crucificado. Na cruz, ele carregou os pecados de seu povo, foi desamparado por Deus, sofrendo a ira divina, e morreu condenado. No terceiro dia, Deus o ressuscitou dos mortos como declaração pública de que sua morte foi aceita, o castigo pelo pecado foi pago, as demandas da justiça foram satisfeitas, e a ira de Deus foi aplacada. Quarenta dias após a ressurreição, Jesus Cristo, o Filho de Deus e Filho do Homem, ascendeu ao céu, onde assentou-se à destra de Deus Pai, e a ele foi dado glória, honra e domínio sobre tudo. Ali, na presença de Deus, ele representa seu povo e intercede com pedidos especiais a Deus em seu favor. Esta é a boa nova de Deus e de Jesus Cristo, seu Filho.²⁰

Tendo considerado esta grande obra que Deus tem feito, agora voltamos a atenção à humanidade. Qual é a resposta bíblica de uma pessoa ao evangelho? Como o evangelista direciona pessoas desesperadas quando elas clamam: “Que devo fazer para ser salvo?”. As Escrituras são claras: as pessoas têm de se arrepender e crer no evangelho. Quando Jesus apareceu em Israel, não insistiu

com eles para que abrissem o coração e o convidassem a entrar, nem fez com que repetissem determinada oração. Em vez disso, ordenou que deixassem o pecado e cressem no evangelho.²¹

UM CHAMADO QUE PERDURA E NÃO MUDA

Antes de continuar, temos de compreender que a ordem de Cristo de arrependimento e fé ainda é aplicável a nós nos dias atuais. Seria terrivelmente errado achar que fosse limitada a determinada dispensação ou direcionada apenas aos judeus da era do Novo Testamento. “Arrependei-vos e crede!” é o chamado ao evangelho para ontem, hoje e sempre. Os apóstolos reforçaram esta verdade e a proclamaram com ousadia após a ressurreição e ascensão de Cristo.

Observe as declarações do apóstolo Paulo: “Jamais deixei de vos anunciar coisa alguma proveitosa e de vo-la ensinar publicamente e também de casa em casa, testificando tanto a judeus como a gregos o arrependimento para com Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo” (Atos 20.20–21). “Ora, não levou Deus em conta os tempos da ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam” (Atos 17.30).

Estes textos e diversos outros provam que não existe base alguma para qualquer argumentação que relegue o arrependimento a alguma dispensação anterior ou diminua sua parte na pregação evangelística dos dias atuais. “Arrependimento diante de Deus” foi o chamado dos profetas do Antigo Testamento, de João Batista, do Senhor Jesus Cristo, dos apóstolos, e as confissões e pregações dos mais piedosos e úteis teólogos, pregadores e missionários através da história da igreja. As confissões de *Westminster* e de *New Hampshire* declaram respectivamente: “O arrependimento para a vida é uma graça evangélica; a doutrina que deve ser pregada por todo ministro do Evangelho, como também a da fé em Cristo” (15.1), e, “Cremos que o arrependimento e a fé são deveres sagrados, como também graças inseparáveis” (art. 8).

CARACTERÍSTICAS ESSENCIAIS DO ARREPENDIMENTO AUTÊNTICO

Sendo que o chamado ao arrependimento é necessidade absoluta na proclamação do evangelho, precisamos entender corretamente a natureza do arrependimento e sua manifestação na genuína conversão. A seguir estão oito características essenciais do verdadeiro arrependimento bíblico:

- mudança de mente;
- tristeza pelo pecado;
- reconhecimento pessoal e confissão do pecado;
- afastamento do pecado;
- renúncia da autojustiça ou boas obras;
- voltar-se para Deus;
- obediência prática;
- obra contínua e aprofundada de arrependimento;

É essencial que compreendamos que essas características do arrependimento autêntico não aparecerão necessariamente em sua forma plena ou mais madura no momento da conversão, mas continuarão crescendo e se aprofundando por toda a vida do crente. Seria terrivelmente equivocado e destrutivo sugerir que a verdadeira conversão requeira que a pessoa atinja uma profundidade de arrependimento e fé raramente vista na vida do cristão mais amadurecido. O próprio Jesus disse que mesmo a fé do tamanho de um grão de mostarda, se for genuína, é suficiente para remover montanhas.²² No momento da conversão, o entendimento que a pessoa tem da natureza hedionda do pecado poderá ser muito pequeno, mas será real. A profundidade do quebrantamento do recém-convertido poderá ser pequena em relação à de um crente maduro, mas com certeza, será autêntica. A evidência final de que o arrependimento e fé da pessoa são para a salvação será que, pela perseverante obra divina de santificação, ambas

essas graças continuarão crescendo e se aprofundando em sua vida. Tendo em vista esses esclarecimentos e cautelas, vejamos mais de perto cada uma dessas características.

Mudança de mente

No Novo Testamento, a palavra *arrepender* é mais frequentemente traduzida de um verbo grego construído por outro verbo que quer dizer “perceber ou entender” e uma preposição que denota mudança.²³ Arrependimento, portanto, envolve uma mudança radical na percepção que a pessoa tem das coisas e na sua visão da realidade. Nas Escrituras, esta mudança de mente nunca é confinada apenas ao intelecto, mas tem efeito igualmente radical sobre as emoções e a vontade. Em suma, o arrependimento autêntico começa com a obra do Espírito Santo na vida do pecador, pela qual ele regenera o coração, ilumina a mente e expõe o erro por uma revelação da verdade divina. Em razão dessa obra de Deus, a mente do pecador se transforma e sua visão da realidade é radicalmente alterada — especialmente no que diz respeito a Deus, a si mesmo, ao pecado e ao caminho da salvação.

As Escrituras ensinam que antes da conversão, um homem é obscurecido em seu entendimento e caminha na futilidade de seus próprios pensamentos.²⁴ Além disso, sua mente é hostil para com Deus, suprimindo a verdade divina. Ele não consegue se sujeitar à lei de Deus.²⁵ Consequentemente, a pessoa não convertida tem uma visão da realidade completamente distorcida, e não é exagero dizer que ela está errada quanto a tudo que realmente tem importância. Ela sabe alguma coisa a respeito do único Deus verdadeiro e de sua majestade, mas não pensa que seja necessário honrá-lo como Deus ou render-lhe graças.²⁶ Ele se enche de si mesmo e vê a autopromoção como o fim de todas as coisas. As leis de Deus estão escritas em seu coração, mas ele não acha necessário ou vantajoso seguir seus ditames. Ao invés disso, luta contra sua consciência e procura suprimir aquilo que sabe ser a verdade.²⁷ Ele sabe que todos quantos praticam o mal são passíveis de morte, mas não acha necessário temer. Não somente faz as mesmas coisas, como

também de coração aprova os que praticam tais coisas.²⁸ Sua própria mortalidade o confronta quando a morte engole tudo quanto está a seu redor, mas ele não acha que a praga o atingirá. Colocando de modo simples, a pessoa não convertida está errada, no entanto, arrogantemente, continua a fazer o que está certo a seus próprios olhos.²⁹ Ela vai por um caminho que lhe parece direito, mas no final são caminhos de morte.³⁰

Porém, no momento da conversão, o Espírito de Deus regenera o coração da pessoa, e a verdade ilumina sua mente antes obscurecida. Então, como quando um cego recebe a visão ou alguém que estava dormindo acorda do sonho, ele é feito consciente de que toda sua vida era governada por ilusões e que estava errado sobre tudo. Pela primeira vez na vida, ele vê, e reconhece a verdade. Os seus pensamentos errados, até mesmo blasfemos quanto a Deus são substituídos por um pequeno, porém acurado, entendimento do único Deus verdadeiro. As suas vãs opiniões quanto à sua virtude e seus merecimentos são trocadas por uma consciência da depravação de sua própria natureza e total indignidade de suas obras. A sua arrogância, autoconfiança e independência são substituídas por humildade autêntica, autossuspeita, quebrantamento diante do pecado e dependência de Deus, em quem ele busca perdão. Ele então se lança sobre a misericórdia de Deus na pessoa e obra de Jesus Cristo, e passa a fazer a vontade de Deus. Assim, sua mente mudou e sua vida se transformou. Ele se arrependeu.

Saulo de Tarso é grande exemplo do arrependimento bíblico. Em sua ignorância e descrença, via a Jesus de Nazaré como nada mais que impostor e blasfemador, e achava que todos os seus seguidores eram dignos apenas de prisão e morte.³¹ Foi, assim, ao sumo sacerdote e, “respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor”, pedindo cartas para que “se achasse alguns que eram do Caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém” (Atos 9.1–3). No entanto, a caminho de Damasco, o Cristo glorificado o confrontou.³² Naquele momento, para Saulo, toda visão da realidade se desintegrou. Ele descobriu que estivera errado quanto a tudo. Antes, havia pensado que Jesus de Nazaré fosse blasfemador, agora descobriu que, na

verdade, Jesus era o Filho de Deus, o Messias prometido e salvador do mundo. Paulo achava que a justiça era ganha por merecimento, em obediência à lei, e descobriu que nele não havia nada de bom, e que a salvação era pela graça mediante a fé – não por ele mesmo, mas dom de Deus.³³ Ele pensara que os discípulos fossem os inimigos de Israel, indignos de viver, para descobrir que estava perseguindo o verdadeiro Israel e matando filhos e filhas do Deus vivo.³⁴ Então, ele ficou sentado, cego, sozinho, por três dias “durante os quais nada comeu, nem bebeu” (Atos 9.9). Por meio de um encontro com a verdade, que é Cristo Jesus, Saulo de Tarso, o orgulhoso fariseu dos fariseus, cheio de justiça própria, quebrou-se em um milhão de pedaços. Contudo, por meio da obra iluminadora e regeneradora do Espírito Santo, o seu coração e seu pensamento foram mudados, e sua vida, radicalmente alterada para sempre. Ele se arrependeu, levantou-se e foi batizado; comeu e ficou fortalecido. Imediatamente, começou a proclamar Jesus nas sinagogas, dizendo: “Ele é o Filho de Deus” (Atos 9.18–22). A notícia se espalhou por todas as igrejas da Judéia de que “Aquele que, antes, nos perseguia, agora, prega a fé que, outrora, procurava destruir (Gálatas 1.22–23).

Paulo descreve essa reversão radical de sua vida, começada no caminho para Damasco, com as seguintes palavras. Nelas, descobrimos o poder de uma mente transformada e um coração renovado pela obra regeneradora do Espírito Santo:

Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé. (Filipenses 3.7–9).

Tristeza pelo pecado

Um termo hebraico que acrescenta ao nosso entendimento do que seja o *arrependimento* é o verbo *nacham*. É derivado de uma raiz que reflete a ideia de “respirar profundamente”, comunicando a demonstração física dos sentimentos, como tristeza, pesar ou contrição”.³⁵

Assim, arrependimento bíblico não apenas envolve mudança de mente como também tristeza genuína pelo pecado. O mínimo entendimento verdadeiro de nosso pecado e culpa levará a uma autêntica tristeza, vergonha e até mesmo ódio e desprezo pelo pecado e por nós mesmos, sentimento este saudável. Esdras o escriba declarou estar “confuso e envergonhado, para levantar a ti a face, meu Deus, porque as nossas iniquidades se multiplicaram sobre a nossa cabeça, e a nossa culpa cresceu até aos céus” (9.5–6). O profeta Jeremias clamou: “Deitemo-nos em nossa vergonha, e cubra-nos a nossa ignomínia, porque temos pecado contra o Senhor, nosso Deus, nós e nossos pais, desde a nossa mocidade até ao dia de hoje; e não demos ouvidos à voz do Senhor, nosso Deus” (Jeremias 3.5). O profeta Ezequiel ousou ainda declarar que quando o desobediente Israel finalmente reconhecesse a natureza hedionda de seu pecado contra o Senhor, desprezaria a si mesmo por todo o mal que havia cometido.³⁶ Finalmente, escrevendo aos crentes em Roma, o apóstolo Paulo notou que eles ainda se envergonhavam dessas coisas que fizeram antes de sua conversão.³⁷

Tal conversa parece descabida em um mundo e numa comunidade evangélica dominada pela psicologia da autoestima, mas a tristeza, a vergonha e o autodesprezo são verdades bíblicas, partes essenciais do arrependimento autêntico, tanto o Antigo quanto o Novo Testamento. Estes ensinamentos do Senhor Jesus Cristo e do apóstolo Paulo dão clara evidência dessa verdade:

O publicano, estando em pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador! Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, e não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado. (Lucas 18.13–14).

Agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte (2Coríntios 7.9–10).

Enfrentando a realidade de quem ele era e o que havia feito, o cobrador de impostos acompanhou sua confissão com quebrantamento, profundo remorso, e humildade. No caso da carnalidade e do orgulho da igreja de Corinto, a tristeza não apenas era apropriada como também foi considerada como sendo “de acordo com a vontade de Deus”. Em ambos os casos, porém, é importante notar que a tristeza e vergonha não eram o alvo, mas o meio para se atingir um fim maior. A auto-humilhação do publicano conduziu à sua justificação, e a tristeza dos crentes de Corinto levou ao arrependimento sem remorso, resultando em salvação.

Embora exista uma “tristeza segundo o mundo” em que não há fé, que leva à morte, como no caso de Judas Iscariotes, jamais devemos olhar negativamente a tristeza piedosa que acompanha o arrependimento autêntico e conduz à vida (2Coríntios 7.10). É o testemunho da Escritura que Deus tem em alta estima esse tipo de tristeza. Ele não despreza um “coração quebrantado e contrito” (Salmo 51.17), mas olha ao “pobre, de espírito contrito, que treme à minha palavra” (Isaías 66.2). Embora ele habite em alto e santo lugar, também está com o contrito e humilde de espírito, a fim de revivê-lo.³⁸ Conforme Jesus nos ensinou nas bem-aventuranças, “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mateus 5.4).

Reconhecimento pessoal e confissão de pecado

Arrependimento não envolve apenas a tristeza interior de coração, como também um reconhecimento pessoal e confissão aberta de que a opinião de Deus a nosso respeito é verdadeira e seu veredito justo: somos pecadores, pecamos e merecemos a condenação de Deus. O arrependimento bíblico sempre envolve assumir quem somos e o que fizemos. Esta verdade corre contrária aos pensamentos de nossa cultura contemporânea. Somos gente que desculpa a si mesma e justifica a si mesmo, e que, de acordo com o pensamento popular, na verdade nunca estamos errados, mas somos sempre vítimas de algum poder maligno, muitas vezes sem nome, que está além de nosso controle. Achamos ou

inventamos os meios mais sagazes de atribuir nosso pecado a qualquer coisa ou pessoa fora de nós. Com autojustiça, apontamos o dedo para a sociedade, a educação, a criação ou circunstâncias da pessoa, e ficamos estarecidos e irados quando existe a mais leve indicação de culpa colocada sobre nós. Quando nos convertemos, obtemos um entendimento radicalmente diferente do que é propagado em nossos tempos. Pela primeira vez na vida, apontamos o dedo indicador de volta para nós mesmos e assumimos com honestidade nosso pecado pessoal. Nossas bocas se fecham e vemo-nos responsáveis diante de Deus.³⁹ Não damos mais desculpas nem procuramos vias de escape.

Acompanhamos nosso reconhecimento individual de culpa — tomando plena responsabilidade pelos nossos atos — com uma sincera transparência diante de Deus e confissão do nosso pecado, de todo coração. A palavra *confessar* vem de uma palavra grega que significa literalmente “falar a mesma coisa”.⁴⁰ Na obra divina da conversão, Deus abre o coração do pecador e fala-lhe a respeito de seu pecado. A Palavra de Deus, viva, ativa, e mais afiada que uma espada de dois gumes, penetra as profundezas do coração e expõe até os mais profundos pensamentos e intentos.⁴¹ Então, pela primeira vez em sua vida, o pecador se vê face a face com seu pecado e compreende algo a respeito da sua natureza hedionda. Seu pecado está sempre diante dele e, por mais que queira, não consegue remover a horrível imagem que vê de si mesmo.⁴² Não pode mais se esconder, mas tem de reconhecer a sua transgressão diante de Deus e confessar suas faltas ao Senhor.⁴³ Como Davi, ele é compungido a clamar, em pleno reconhecimento de sua culpa, disposto a confessar: “Pequei contra ti, contra ti somente, e fiz o que é mal perante os teus olhos, de maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar” (Salmo 51.4).

O profeta Oséias descreve a nova transparência do crente diante do Senhor, pela qual o cristão concorda com Deus e confessa abertamente que tudo que Deus diz a seu respeito é verdade: “Tende convosco palavras de arrependimento e convertei-vos ao SENHOR; dizei-lhe: Perdoa toda iniquidade, aceita o que é bom e, em vez de novilhos, os sacrifícios dos nossos lábios.” (14.2)

É importante observar que essa sensibilidade para com o pecado e a confissão do mesmo é marca do verdadeiro crente, mas a falta desse sentimento é evidência de que uma pessoa pode ainda estar em estado inconvertido. O apóstolo João escreve:

Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós. Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça. Se dissermos que não temos cometido pecado, fazemo-lo mentiroso, e a sua palavra não está em nós (1João 1.8–10).

Uma das maiores evidências da verdadeira conversão não é a perfeição isenta de pecado, como supõem alguns, mas a sensibilidade e transparência diante de Deus quanto ao pecado e sua confissão aberta.

Desviar-se do pecado

No Antigo Testamento, a palavra traduzida por arrepender vem primariamente de uma palavra hebraica que significa “retornar ou voltar atrás”.⁴⁴ Implica não somente voltar-se contra o mal, mas também em retornar para a justiça.⁴⁵ Portanto, uma das indicações certas do arrependimento autêntico será um rejeitar honesto e sincero ou desviar-se do pecado. Por mais que uma pessoa possa derramar lágrimas em abundância ou demonstrar uma aparente sinceridade da sua confissão, essas coisas sozinhas nunca serão evidência definitiva de arrependimento bíblico. Tudo isso tem de ser acompanhado por uma conversão daquilo que Deus odeia e se opõe. Tal verdade é tão claramente apresentada nas Escrituras que requer poucos comentários, como nestes três trechos do profeta Ezequiel:

Portanto, dize à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Convertei-vos, e apartai-vos dos vossos ídolos, e dai as costas a todas as vossas abominações (14.6).

Portanto, eu vos julgarei, a cada um segundo os seus caminhos, ó casa de Israel, diz o SENHOR Deus. Convertei-vos e desviái-vos de todas as vossas transgressões; e a iniquidade não vos servirá de tropeço. Lançai de vós todas as vossas transgressões com que transgredistes e criai em vós coração

novo e espírito novo; pois, por que morreríeis, ó casa de Israel? (18.30–31).

Dize-lhes: Tão certo como eu vivo, diz o SENHOR Deus, não tenho prazer na morte do perverso, mas em que o perverso se converta do seu caminho e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que haveis de morrer, ó casa de Israel? (33.11).

É inegável a verdade bíblica que o genuíno arrependimento se manifestará em desviar-se do pecado. Porém, esta verdade a respeito do arrependimento tem trazido confusão e medo até mesmo entre os crentes mais piedosos. Essa confusão muitas vezes se manifesta nas seguintes perguntas: Será que eu realmente me arrependi, se eu cometo de novo o mesmo pecado que renunciei e abomino? Os meus frequentes fracassos indicam que sou uma pessoa que não se arrepende? Essa questão bastante sensível requer muito equilíbrio. Por um lado, uma volta frequente para o pecado e uma falta de manutenção de vitória sobre ele podem ser evidência de um arrependimento superficial e antibíblico. Foi por isso que João Batista admoestou os fariseus a “produzir frutos dignos de arrependimento,” e Jesus declarou: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim” (Mateus 3.8; 15.7–8).

Por outro lado, não importa o progresso que um crente tenha feito em sua santificação – até mesmo os mais maduros descobrirão que a vida cristã é uma grande luta contra o pecado, com frequentes batalhas, grandes vitórias, e derrotas desanimadoras. Deste lado do céu, nenhum crente jamais terá um rompimento completo com o pecado, a ponto de estar imune de seus enganos e livre de todo fracasso moral. Embora verdadeiros crentes tenham crescido no abandono do pecado, ele ainda será um mal repetitivo em suas vidas. Talvez o pecado se torne menos frequente ou forte, porém jamais será completamente erradicado, até a glorificação final do crente no céu. Ainda que Deus tenha prometido purificar-nos de “toda nossa impureza e de nossos ídolos”, o crente mais maduro entre nós, às vezes, se verá preso pelo pecado que ele já tinha renunciado (Ezequiel 36.25). Embora lutemos contra o pecado e corramos para a santidade, como quem corre para alcançar o prêmio; embora disciplinemos o corpo e o escravizemos, andando pelo mundo com o maior cuidado e sabedoria, descobrimos que ainda não

chegamos à perfeição e ainda carecemos de arrependimento e graça.⁴⁶ Por esta razão, os crentes não deverão se desesperar quanto à batalha que travam ou quanto à sua frequente necessidade de arrependimento enquanto lutam contra o pecado. A realidade da luta é uma marca de verdadeira conversão. O falso convertido — o hipócrita — desconhece tal batalha. É importante lembrar que Deus não promete sua presença a quem é perfeito, mas àquele cuja vida é marcada por um espírito quebrantado e contrito, que treme diante de sua palavra.⁴⁷

Sendo assim, é necessário muito equilíbrio. Existem dois lados da moeda, e não se pode perder um sem perder o outro. Os cristãos autênticos experimentarão, por um lado, um progresso gradual na santificação e frequentes vitórias sobre o pecado. Aquele que iniciou boa obra de arrependimento neles continuará essa obra para que ele cresça, se aprofunde e se torne realidade cada vez maior em suas vidas,⁴⁸ ainda que os cristãos nunca estarão completamente livres do pecado ou sem necessidade do dom divino do arrependimento. Por outro lado, cristãos professos que não demonstrem progresso real na santificação e raramente produzam frutos dignos de arrependimento devem se preocupar profundamente com suas almas. Deverão testar e examinar a si mesmos para verificar se estão na fé.⁴⁹

Renúncia das obras

À primeira vista, isso pode parecer errado quando se fala dessa característica de renúncia das obras quanto ao arrependimento autêntico. Afinal de contas, cremos que fomos “criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou de antemão para que andássemos nelas” (Efésios 2.10). Além disso, João Batista nos diz para produzirmos frutos ou obras dignas de arrependimento, e Tiago afirma que a fé sem obras é morta.⁵⁰ Como, então, o verdadeiro arrependimento é manifestado por uma renúncia das obras? A resposta está em Hebreus 6.1: “Por isso, pondo de parte os princípios elementares da doutrina de Cristo, deixemo-nos levar para o que é perfeito, não lançando, de novo, a base do arrependimento de obras mortas e da fé em Deus”. A frase “arrependimento de obras mortas”

refere-se a renunciar e se desviar de qualquer esperança em alguma obra pessoal de piedade como meio de justificação ou posição de retidão diante de Deus. Qualquer obra em que a pessoa dependa em substituição à pessoa e obra de Cristo será uma obra morta que não pode salvar.

A Escritura ensina que a salvação é pela graça somente, mediante a fé somente; não vem das obras, para que nenhum homem se glorie nelas.⁵¹ É por esta razão que as Escrituras apresentam graça e obras como sendo diametralmente opostas uma à outra e mutuamente excludentes. O apóstolo Paulo apresenta esta verdade de maneira brilhante em sua carta à igreja de Roma: “E, se [a salvação] é pela graça, já não é pelas obras; do contrário, a graça já não é graça” (Romanos 11.6).

Na lógica clássica, existe um princípio chamado de lei da não contradição. Essa lei declara que as afirmações contraditórias não podem ser simultaneamente verdadeiras no mesmo contexto. No que diz respeito à salvação, isso é verdadeiro quanto a obras e graça. Se a salvação é pela graça, não poderá ser por obras; se for pelas obras, não poderá ser pela graça. Portanto, antes que uma pessoa possa exercer a verdadeira fé salvadora em Cristo, terá de primeiro abandonar a esperança de conseguir salvação por qualquer outro meio.

O abandono da justiça própria em favor de Cristo somente é uma das grandes obras do Espírito de Deus na regeneração. Pelo Espírito, a pessoa verdadeiramente arrependida percebe a inatingível justiça de Deus e as insondáveis profundezas de sua própria depravação. Essa pessoa foi confrontada com seu pecado e clama junto com o patriarca Jó e o apóstolo Paulo: “Serei condenado; por que, pois, trabalho eu em vão? Ainda que me lave com água de neve e purifique as mãos com cáustico, mesmo assim me submergirás no lodo, e as minhas próprias vestes me abominarão” (Jó 29.31). “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7.24).

Essa nova revelação do eu e do pecado leva até o mais cheio de autojustiça entre as pessoas a renunciar a confiança em suas próprias virtudes e méritos, com a mesma força que teve ao renunciar seu pecado mais vil e hediondo. Eles não buscam mais estabelecer justiça própria diante de Deus mediante as suas obras,

mas “regozijam em Cristo Jesus, e não tem confiança nenhuma na carne” (Filipenses 3.3). Isso é ilustrado de modo poderoso na conversão do apóstolo Paulo:

Bem que eu poderia confiar também na carne. Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível. Mas o que, para mim, era lucro, isto considereí perda por causa de Cristo. Sim, deveras considero tudo como perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo e ser achado nele, não tendo justiça própria, que procede de lei, senão a que é mediante a fé em Cristo, a justiça que procede de Deus, baseada na fé; (Filipenses 3.4-9).

Como no caso de graça e obras, o verdadeiro arrependimento e a autojustiça são diametralmente opostos e não podem coexistir na mesma pessoa ao mesmo tempo. A pessoa não arrependida vê a si como “não precisando de nada”. Contudo, quando o Espírito de Deus regenera seu coração e ilumina sua mente, ele se vê como “infeliz, miserável, pobre, cego, e nu” (Apocalipse 3.17). Toma a posição do publicano, que “não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!” (Lucas 18.13). Vem a Deus com a atitude do antigo compositor de hinos que escreveu: “Não são obras de minhas mãos que tua lei satisfarão. Esforços meus em vão serão, meus lamentos nada são. Só tu podes me salvar; vem de ti a expiação. Nada tenho em minhas mãos, só me lanço em tua cruz.”⁵²

O pecador arrependido rejeita categoricamente todos os elogios de uma religião baseada em obras. Consequentemente, seu coração transborda com as palavras do salmista: “Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dai glória” (Salmo 115.1). Qualquer sugestão de que ele esteja certo diante de Deus em virtude do próprio caráter ou feitos causaria horror. Viria dele a seguinte declaração de fé: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” (Gálatas 6.14).

Então, que lugar as obras ocupam em nossa salvação? Será que o cristão continuará em pecado para que a graça seja mais abundante?⁵³ Ele deve estar vazio de frutos ou justiça pessoal? Absolutamente não! Aqueles que realmente se arrependeram e creram para a salvação foram regenerados pelo Espírito Santo e recriados à imagem de Cristo. Se alguém está em Cristo, é nova criatura e possui uma nova natureza.⁵⁴ Ele morreu para o pecado e foi ressuscitado para andar em novidade de vida.⁵⁵ Pelo poder da regeneração ele se torna habitação do Espírito Santo e, pela incansável providência de Deus, o crente produzirá fruto e realizará boas obras para a glória de Deus. Entretanto, tais boas obras não resultam na salvação; pelo contrário, fluem dela. As obras que o cristão realiza, as quais Deus preparou de antemão para que andássemos nelas, não são a causa de sua justificação, mas sim, evidência da mesma.

Voltar a Deus em obediente submissão

O abandono do pecado não é um fim em si mesmo, mas meio para um fim maior: uma volta para Deus. A moralidade não é sinônima do cristianismo, nem o cristão pratica a moralidade pela moralidade, mas para a glória de Deus e seu deleite⁵⁶ Embora exista uma moral distintivamente cristã ou bíblica, o cristianismo trata primariamente de Deus e de um relacionamento íntimo, apaixonado com ele. Jesus o descreveu da seguinte forma: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste.” (João 17.3).

Usando a palavra *conhecer*, Jesus não limita a vida cristã a um empreendimento intelectual; pelo contrário, o conhecimento de fato é relacional e também íntimo. A meta da vida cristã é buscar um conhecimento íntimo de Deus, que conduz à maior estima do seu valor, maior satisfação e alegria em sua pessoa, e maior entrega de si mesmo à sua glória. Como diz o antigo catecismo: “O propósito principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre”.⁵⁷ Portanto, o arrependimento autêntico não para no abandono do pecado, mas é incompleto até que haja um retorno para Deus como “fim principal” de todo desejo. Esta

verdade é especialmente evidente em dois trechos da Escritura, vindos do Antigo e do Novo Testamento. O primeiro é do profeta Isaías, através de quem Deus declara: “Buscai o SENHOR enquanto se pode achar, invocai-o enquanto está perto. Deixe o perverso o seu caminho, o iníquo, os seus pensamentos; converta-se ao SENHOR, que se compadecerá dele, e volte-se para o nosso Deus, porque é rico em perdoar” (Isaías 55.6–7). É importante observar que este texto claramente coloca a ênfase na volta do Senhor. A renúncia do pecado não é um fim em si mesmo, mas o primeiro passo para o fim maior de retornar a Deus. Desviamos do pecado para que nos voltemos para ele. Ambas as coisas são necessárias, porque Deus e o pecado são mutuamente excludentes. Não podemos amar ou possuir ambos ao mesmo tempo.

O segundo texto se encontra na primeira epístola de Paulo aos crentes da igreja em Tessalônica. Ele descreve a sua conversão com as seguintes palavras: “Pois eles mesmos, no tocante a nós, proclamam que repercussão teve o nosso ingresso no vosso meio, e como, deixando os ídolos, vos convertestes a Deus, para servirdes o Deus vivo e verdadeiro” (1 Tessalonicenses 1.9–10). Novamente, é evidente que a pessoa desviar-se do pecado é alvo secundário, enquanto o objetivo primário é voltar-se para Deus. A evidência da verdadeira conversão entre os crentes de Tessalônica é que não somente deixaram sua idolatria anterior, como também se voltaram para o Deus vivo e verdadeiro, em serviço obediente. Além do mais, tinham tanto desejo por ele que pacientemente aguardavam, em meio à grande aflição, a sua revelação final e plena na segunda vinda de seu amado Filho. Como é o caso do verdadeiro arrependimento, houve tanto um “abandonar” como também um “retorno, um voltar para”. Houve rejeição e renúncia do pecado e também um anseio e desejo apaixonado por Deus.⁵⁸

Obediência Prática

Uma vida marcada por obediência simples e de coração aos mandamentos de Deus pode ser a prova mais óbvia e certa do verdadeiro arrependimento. Uma pessoa pode gabar-se de uma paixão interna por Deus e sentimentos sinceros de

piedade. Porém, tais reivindicações não são válidas se a sua vida não estiver conformada com os mandamentos da Escritura. As fortes palavras de João Batista não deixam espaço para outra interpretação. Uma pessoa é capaz de ser arrependida no mesmo grau em que produz frutos “dignos de arrependimento” (Mateus 3.8). Uma vida sem frutos prova apenas que Deus já está com o machado de seu juízo à raiz. Toda árvore que não produz bons frutos é cortada e lançada ao fogo. Como a fé sem obras é morta e inútil, assim também o arrependimento sem frutos é uma falsificação sem poder e não pode salvar.⁵⁹ Se o coração da pessoa realmente tiver voltado sua direção a Deus, ela demonstrará evidência disso por uma nova obediência prática à vontade de Deus. Ainda que o arrependimento envolva a mente e as emoções, no final, é provado como sendo verdadeiro ou falso mediante a submissão voluntária da pessoa aos mandamentos de Deus.

Para que não tentemos descartar a advertência de João Batista como uma mensagem profética antiquada, dirigida apenas aos de outra era, é bom lembrarmos que a sua doutrina também é encontrada nos ensinamentos de Jesus e do apóstolo Paulo respectivamente:

Toda árvore que não produz bom fruto é cortada e lançada ao fogo. Assim, pois, pelos seus frutos os conhecereis. Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. (Mateus 7.19–21).

Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial, mas anunciei primeiramente aos de Damasco e em Jerusalém, por toda a região da Judéia, e aos gentios, que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento. (Atos 26.19–20, ênfase acrescida).

A Escritura condena fortemente qualquer tentativa de obter boa posição diante de Deus por obras ou mérito humano. No entanto, o arrependimento e a fé são resultado da obra recriadora do Espírito de Deus.⁶⁰ Essa obra da graça sempre se manifestará na transformação da vida do crente e na produção de fruto. Como o Senhor Jesus Cristo apresenta no Sermão do Monte, os que verdadeiramente se

arrependeram e creram serão conhecidos “pelos seus frutos” (Mateus 7.16–20). Isso não significa que o verdadeiro arrependido viverá sempre em perfeita conformidade à vontade de Deus, sem a mancha da desobediência, nem insinua que ele tenha sempre frutos abundantes como os do homem bem-aventurado do Salmo 1.3: “Ele é como árvore plantada junto a corrente de águas, que, no devido tempo, dá o seu fruto, e cuja folhagem não murcha; e tudo quanto ele faz será bem sucedido.” Quer dizer, entretanto, que essa pessoa terá inclinação aos mandamentos de Deus, e sua vida será marcada pela obediência simples e prática. Aqueles que dizem estar arrependidos, sem mostrar os frutos que com certeza seguem o arrependimento, têm pouca segurança da validade dessa afirmativa e da posição que supõem ter diante de Deus.

Obra de arrependimento contínuo e aprofundado

A característica final e prova última de todo arrependimento autêntico está em sua continuidade e crescimento durante toda a vida do crente. Por meio do trabalho santificador do Espírito Santo, o Deus que dá início à obra do arrependimento em nós a aperfeiçoará. Ele verá como certo o amadurecimento e profundidade no decorrer de nossa vida.⁶¹ Tal verdade se revela no início dos ensinamentos de Cristo, documentados no evangelho de Marcos: “Jesus veio para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho” (Marcos 1.14-15). No texto grego original, as ordens de arrepender e crer são ambas escritas no presente, indicando continuidade. A fim de comunicar o sentido certo, a admoestação de Cristo poderia ser traduzida da seguinte forma: “O tempo se cumpriu, e o reino de Deus está próximo; portanto, vivam uma vida de arrependimento e fé no evangelho.”

A evidência de que uma pessoa realmente se arrependeu para a salvação está em que ela continua se arrependendo durante todo o decurso de sua vida. Ainda que lute contra a carne, o engano do pecado e o endurecimento do coração, o arrependimento será marca clara em sua vida. Por esta razão, em alguns lugares do

mundo, os verdadeiros cristãos são chamados de forma até escandalosa de “arrependidos”, porque um arrependimento sempre crescente, sempre aprofundante, sempre amadurecedor, marca as suas vidas.⁶²

Esta mesma verdade é apresentada nas Bem-aventuranças, onde Cristo declara: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados” (Mateus 5.4). Neste texto, a frase “os que choram” é traduzida de um particípio presente, indicando continuidade. Cristo não está pronunciando uma bênção sobre aqueles que momentaneamente ou esporadicamente choram e lamentam, mas sobre aqueles cujo lamento marca suas vidas. Embora as palavras de Cristo não precisem de maior validação, elas possuem abundante suporte por todas as Escrituras. O Senhor afirmou a mesma verdade por meio do profeta Isaías: “Mas o homem para quem olharei é este: o aflito e abatido de espírito e que treme da minha palavra” (66.2).

É frequente, no cristianismo contemporâneo, a referência ao arrependimento como sendo semelhante a uma vacina contra gripe ou paralisia infantil — algo feito pela pessoa no momento da conversão, que acaba de uma vez por todas. Mas isso vai contra a visão das Escrituras quanto ao arrependimento. Na verdade, a evidência de contrição para a salvação está em que a pessoa ainda se arrepende. Seu arrependimento aumentou e também se aprofundou desde o dia da sua conversão.

Quase ninguém objetaria à afirmativa de que vivemos em uma era de superficialidade, na qual a pessoa secular e a religiosa parecem caminhar de mãos dadas, com o mesmo alvo: a busca da felicidade *nesta vida*. Consequentemente, o grande tabu na cultura e no cristianismo contemporâneo está em mencionar qualquer coisa que atrapalhe a alegria, fira os sentimentos de alguém ou solape a autoestima de alguma pessoa. Dizem que não só devemos evitar a busca pelas graças cristãs do arrependimento, quebrantamento e lamento, como também deveremos esquivar-nos de tais coisas a todo custo. Por esta razão, muitos entre

os filhos de Deus estão bastante impedidos em sua vida cristã. Não compreendem que o arrependimento não é apenas o primeiro passo essencial para a salvação, é também catalisador da verdadeira alegria.

Na conversão, uma pessoa começa a ver a Deus e a si mesma como nunca antes. Essa maior revelação da santidade de Deus e de sua justiça leva a uma maior revelação de si, que, por sua vez, tem como consequência um arrependimento ou quebrantamento diante do pecado. No entanto, o crente não fica no desespero, pois recebe também maior revelação da graça de Deus na face de Cristo, que conduz à alegria indizível. Esse ciclo se repete por toda a vida cristã. Com o passar dos anos, o cristão vê mais de Deus e mais de si mesmo, resultando em maior e mais profundo sentimento de quebrantamento. Ao mesmo tempo, cresce a alegria do cristão em igual medida, porque ele conhece maiores revelações do amor, graça e misericórdia de Deus na pessoa e obra de Cristo. Não somente isto, como também ocorre grande intercâmbio em que o crente aprende a depender cada vez menos em seu próprio desempenho e cada vez mais da obra perfeita de Cristo. Assim, sua alegria aumenta e se torna mais consistente e estável. Ele deixa de confiar na carne, o que é idolatria, e descansa sobre a virtude e os méritos de Cristo, que vem a ser a verdadeira piedade cristã.

20. Este resumo é baseado em parte na *Confissão de Fé de Westminster*, capítulo 8.

21. Ver Marcos 1.14–15 para um exemplo.

22. Mateus 17.20.

23. *Metanoéo*. “A preposição *meta* usada com os verbos de movimento e atividade mental indicam uma mudança no significado do verbo simples.” *New International Dictionary of New Testament Theology*, org. Colin Brown (Grand Rapids: Zondervan, 1975), 1:357.

24. Efésios 4.17–18.

25. Romanos 1.18; 8.7.

26. Romanos 1.21.

27. Romanos 2.14–15.

28. Romanos 1.32.

29. Juízes 17.6; 21.25.

30. Provérbios 14.12.

31. Atos 9.1–2; 1 Timóteo 1.13.

32. Atos 9.3–8.

33. Romanos 7.18; Efésios 2.8–9.

34. Atos 8.1; Romanos 8.14–15; Gálatas 6.16.

35. R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr., and Bruce K. Waltke, *Theological Workbook of the Old Testament* (Chicago: Moody Press, 1980), 2:570.

36. Ezequiel 20.43.
37. Romanos 6.21.
38. Isaías 57.15.
39. Romanos 3.19.
40. Grego: *homologéo*.
41. Hebreus 4.12.
42. Salmo 51.3.
43. Salmo 32.5.
44. Hebraico: *shuwb*.
45. Harris, Archer, e Waltke, *Theological Workbook of the Old Testament*, 2:909.
46. 1 Coríntios 9.24–27; Efésios 5.15.
47. Isaías 66.2.
48. Filipenses 1.6.
49. 2 Coríntios 13.5.
50. Mateus 3.8; Lucas 3.8; Tiago 2.17, 26.
51. Efésios 2.8–9.
52. Augustus M. Toplady, “Rock of Ages”, estrófes 2–3.
53. Romanos 6.1.
54. 2 Coríntios 5.17.
55. Romanos 6.2–4.
56. Praticar a moral bíblica por qualquer razão que não seja amor a Deus e a promoção de sua glória é ostensiva idolatria.
57. *Catecismo Menor de Westminster*, pergunta #1.
58. Outros textos que demonstram a dupla natureza do arrependimento bíblico incluem os seguintes: Isaías 45.22; Lamentações 3.39–41; Joel 2.12–14; Zacarias 1.3.
59. Mateus 3.10.
60. Gálatas 3.10.
61. Filipenses 1.6.
62. Evangélicos na Romênia muitas vezes são chamados de “arrepêndidos” por aqueles que são hostis à sua fé.

UM CHAMADO À FÉ

Foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho. — Marcos 1.14–15.

Mas agora, sem lei, se manifestou a justiça de Deus testemunhada pela lei e pelos profetas; justiça de Deus mediante a fé em Jesus Cristo, para todos e sobre todos os que creem; porque não há distinção. — Romanos 3.21–22.

Ora, a fé é a certeza de coisas que se esperam, a convicção de fatos que se não veem. — Hebreus 11.1.

O chamado à fé ou crença, está ao lado do chamado ao arrependimento, como elemento essencial a qualquer convite autêntico ao evangelho. Portanto, é necessário que tenhamos uma compreensão correta de sua natureza e manifestação na genuína conversão.

TERMINOLOGIA BÍBLICA

No Antigo Testamento, a palavra *crer* vem de um vocábulo hebraico que significa “ficar firme, confiar, estar certo de alguma coisa”.⁶³ Gênesis 15.6 diz que Abraão “creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado por justiça”. Ou seja, Abraão ficou firme e confiou no que Deus havia prometido a ele. A mesma ideia é refletida na famosa declaração de Habacuque de que: “o justo viverá pela fé”, onde a palavra *fé* é traduzida da palavra hebraica que denota firmeza ou constância (2.4).⁶⁴ No Antigo Testamento, crer em Deus era ter certeza quanto ao que ele prometeu, confiar sem vacilar, permanecer firme na dependência da sua palavra.

No Novo Testamento, a palavra *crer* é traduzida de uma palavra grega que significa “perceber algo como sendo verdade, estar persuadido de tal forma que se coloca confiança e crédito nisso”.⁶⁵ Os escritores do Novo Testamento escolheram esta palavra grega como a mais apropriada para comunicar a plenitude da ideia hebraica de fé como confiança no caráter e nas promessas de Deus.

UMA DEFINIÇÃO BÍBLICA

É grande bênção e demonstração de sabedoria divina que as Escrituras não apresentem a fé como um enigma nem deixem a descoberta de seu significado para nossa imaginação. Pelo contrário, nas Escrituras, Deus tem dado definições explícitas de fé junto a muitos exemplos e ilustrações, para clarificar ainda mais seu significado. O autor de Hebreus escreveu a mais concisa entre essas definições: “Ora, a fé é a substância das coisas que se esperam, a evidência de coisas não vistas” (11.1).

A palavra *segurança* vem de um vocábulo que se refere ao que é colocado debaixo de alguma coisa, como uma subestrutura ou um fundamento.⁶⁶ Denota firmeza de pensamento, uma resolução firme, confiança ou algo que se assegure. A palavra *convicção* vem de um vocábulo grego que denota certeza ou convencimento quanto à existência ou veracidade de alguma coisa.⁶⁷ À luz do significado desses termos, podemos definir a fé bíblica como a segurança ou confiança do cristão de que aquilo pelo que espera é ou se tornará realidade e a convicção ou certeza de que aquilo que ele ainda não viu, na verdade existe.

Esta definição de fé, escrita sob direção do Espírito Santo,⁶⁸ nos deixa duas perguntas muito importantes: Como podemos ter segurança daquilo pelo que esperamos? Como ter a convicção ou certeza de algo que nunca vimos? Se deixados sem resposta, essas duas perguntas poderiam levar o crente sincero à presunção, ou dar munção ao cético que zomba da fé como sendo nada mais que pensamento desejoso. Afinal de contas, um lunático pode ter plena certeza de que ele é Lourenço das Arábias, ou achar que o continente perdido da Atlântida está logo abaixo do porão de sua casa. Porém, a sua segurança pessoal e convicção sem vacilar não torna real aquilo que acredita ser a verdade. Como então, poderá o cristão ter segurança da salvação pela qual ele espera, e como ter certeza das realidades espirituais que nunca viu? A resposta a essas duas questões de suma importância está na carta do apóstolo Paulo à igreja de Roma. Quanto à reação

do idoso Abraão à promessa de um filho, ele escreve que o patriarca estava “plenamente convencido de que o que Deus promete, ele é capaz de realizar” (Romanos 4.21).

Neste texto, encontramos dois elementos indispensáveis que fazem que nossa fé bíblica seja algo maior que a presunção ou o desejo de que um pensamento dê certo. Abraão tinha plena certeza de que teria um filho, apenas porque sabia que Deus havia prometido, e cria que Deus era fiel e capaz de fazer o que promete. Quando Abraão contemplava o próprio corpo, via que era mortificado, sendo ele de quase cem anos de idade. Quando contemplava o corpo de sua esposa, Sara, sabia que tanto a concepção quanto o parto eram uma impossibilidade natural.⁶⁹ No entanto, Deus prometera a Abraão um filho, e Abraão “não duvidou, por incredulidade, da promessa de Deus; mas, pela fé, se fortaleceu, dando glória a Deus” (Romanos 4.20). Deste exemplo de Abraão, aprendemos cinco importantes verdades sobre a natureza da fé bíblica:

1. Podemos estar seguros daquilo pelo que esperamos se Deus o tiver prometido em sua Palavra.
2. Podemos ter convicção de que as coisas que não vemos são reais porque Deus as revelou e no-las tornou conhecidas em sua Palavra.
3. A falta de segurança quanto ao que Deus prometeu ou tornou conhecido em sua Palavra é incredulidade.
4. A segurança quanto a algo que Deus não tenha prometido é presunção.
5. A fé bíblica autêntica não se baseia em sentimentos, emoções, ou sabedoria humana, mas naquilo que Deus nos revelou em sua Palavra.

Antes de continuar, é necessário tratar brevemente sobre o cético que diria que nosso raciocínio tem um erro fatal: estamos pressupondo que nossa Bíblia é a Palavra de Deus. Como podemos conceder que este livro, ao qual chamamos de Escrituras Sagradas, é a revelação infalível de Deus à humanidade, e como ter certeza de que suas promessas se aplicam especificamente a nós? A resposta a

essas questões é dupla. Primeiro, apontamos à glória da Bíblia que atesta a si mesma. Sua beleza e sabedoria são incomparáveis. O seu escopo extenso e sua perfeita unidade não têm paralelo. Suas muitas profecias e seus cumprimentos precisos são inexplicáveis sem o fator da intervenção divina. Além do mais, oferece a única explicação razoável para a condição humana e a presença do mal. A história prova que tudo que a Bíblia diz a respeito do homem é verdade.

Segundo, temos de apontar à obra do Espírito Santo, sem a qual a fé é impossível. A grande maioria dos cristãos se aproxima da fé em Cristo sem o auxílio da apologética. Além do mais, a maior parte daqueles que morreram como mártires pela fé não poderiam ter dado uma razão pela esperança que havia neles simplesmente empregando os argumentos clássicos da apologética. Qual era, então, a base de sua fé na Bíblia e em seu evangelho? A resposta está na obra regeneradora e iluminadora do Espírito Santo. O cristão crê que a Bíblia é a Palavra de Deus porque o Espírito Santo o revelou. Como no caso de Lídia, da cidade de Tiatira, o Senhor abriu o coração dos cristãos para responder em fé à Palavra.⁷⁰

Por esta mesma razão é que o homem da tribo rural na região mais remota do mundo se dispõe a morrer como mártir antes de negar as Escrituras. Ele sabe que elas são verdadeiras e dignas de entregar a vida por elas, porque Deus lhe revelou. Esse homem da tribo, sem estudo e sem defesas, tem segurança da salvação pela qual espera, e convicção certa das realidades espirituais que ele jamais viu, porque, mediante a obra regeneradora e iluminadora do Espírito Santo, Deus lhe ensinou.⁷¹

Tanto a beleza quanto o escândalo do cristianismo bíblico se encerram nesta verdade. Embora a apologética seja extramente útil na evangelização e no fortalecimento da fé do crente, nossa fé não depende dessa capacidade de responder todas as perguntas ou de refutar os cétricos. Cremos na Bíblia e no evangelho, porque o Deus que disse: “Das trevas resplandeça a luz” é o mesmo Deus que iluminou o conhecimento da glória de Deus na face de Cristo”.⁷² Esta

verdade oferece direção segura ao pregador, que poderá utilizar os melhores argumentos em defesa do evangelho, mas entende sempre que o próprio evangelho é o poder de Deus para a salvação.⁷³

FÉ EM CRISTO

Para nos tornar receptores da grande obra de Deus da salvação, temos não somente de nos arrepender de nossos pecados, como também crer ou confiar naquilo que Deus fez por nós mediante seu Filho, Jesus Cristo. Temos de abandonar todas as outras confianças e colocar nossa fé exclusivamente na pessoa e obra de Jesus Cristo, em sua morte na cruz por nossos pecados e sua ressurreição dos mortos. Temos de crer que o que ele fez, o fez por nós, para nos reconciliar com Deus e nos dar nele a vida eterna.

É importante entender que quando Deus ordena a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam dos seus pecados, ele também ordena que todos os homens, em todo lugar, que creiam em seu Filho.⁷⁴ Em sua primeira epístola, o apóstolo João escreveu: “Ora, o seu mandamento é este: que creiamos em o nome de seu Filho, Jesus Cristo, e nos amemos uns aos outros, segundo o mandamento que nos ordenou” (3.23). Quando as multidões perguntaram a Jesus o que deveriam fazer para “realizar as obras de Deus”, ele respondeu: “A obra de Deus é esta: que creiais naquele que por ele foi enviado” (João 6.28–29). É também importante entender que as pessoas só podem obedecer a ordem de crer em Jesus Cristo se excluam todos os demais objetos de fé. Crer que Jesus é o salvador do mundo é descrer de qualquer outro que reivindique coisa semelhante. Talvez esta seja a exigência mais escandalosa da fé cristã. Uma pessoa não pode dizer possuir uma fé em Cristo como salvador sem rejeitar de modo absoluto qualquer outro meio de salvação. A fé autêntica não confia em Jesus Cristo como *um* salvador, mas como *o* salvador.

Esta afirmativa não é invenção de um ultrafundamentalista de mente estreita, mas tem sua origem no próprio ensino de Cristo e de seus apóstolos. Jesus apontou para si e declarou: “Eu sou o caminho, a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim” (João 14.6). O apóstolo Pedro tinha a mesma ousadia quando anunciou diante do tribunal do Sinédrio: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os

homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4.12). O apóstolo Paulo advertiu o jovem Timóteo a fazer a obra de evangelista e sofrer dificuldades como um bom soldado de Jesus Cristo,⁷⁵ sabendo que “há um só Deus e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem” (1Timóteo 2.5). Baseado nestes versículos, não é injusto nem é hipercrítica dizer que, qualquer suposto ministro do evangelho que pregue a possibilidade da salvação por outro que não Jesus Cristo tem negado a fé – tem trazido a terrível advertência do juízo de Cristo sobre sua própria cabeça: “mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 10.33).

Deus proveu apenas um fio escarlate pelo qual podemos entrar seguramente na eternidade: Cristo e sua morte sangrenta na cruz do Calvário. Repetindo as palavras do apóstolo Pedro, “Nem há salvação em nenhum outro” (Atos 4.12). Somente este evangelho tem a aprovação de Deus.

FÉ PARA A GLÓRIA DE DEUS

Em Romanos, o apóstolo Paulo faz um comentário perspicaz quanto ao resultado da fé autêntica. Escreve ele: “[Abraão] não vacilou quanto a promessa de Deus por incredulidade, mas foi fortalecido na fé, *dando glória* a Deus” (4.20 – ênfase acrescida). Está claro que a fé de Abraão não somente glorificava a Deus pela adoração que a acompanhava, como também que essa fé trouxe glória a Deus. A chave para entender esta verdade está no livro de Hebreus, cujo autor nos diz: “De fato, sem fé é impossível agradar a Deus, porquanto é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que se torna galardoador dos que o buscam” (11.6).

Nossa fé agrada a Deus e traz glória a ele, porque é uma declaração pessoal quanto a integridade de seu caráter. Quando respondemos em fé à Palavra de Deus, manifestamos ter maior confiança em tudo que Deus diz a seu respeito. Crer nele é dar testemunho pessoal a humanos e a anjos de que ele é Deus fiel, sem injustiça; que a sua obra é perfeita e todos os seus caminhos são justos; que ele guarda sua aliança e sua benignidade até mil gerações; e que é impossível que Deus minta.⁷⁶ Por outro lado, a descrença é uma afronta direta ao caráter de Deus. Lança dúvida sobre suas obras passadas, questiona a sua integridade no presente: Será que ele realmente existe? Será ele realmente galardoador daqueles que o buscam? Será que ele realmente fez essa promessa? Perguntas desse tipo colocam Deus sob julgamento, submetendo o que ele diz ao escrutínio humano. São geradas pelo coração do diabo e foi o meio usado para assassinar nossos primeiros pais.⁷⁷ Desacreditar em Deus é questionar tudo que ele é, mas crer nele é afirmar o seu testemunho quanto a quem ele é e trazer glória a ele.

Quanto ao evangelho, tal verdade tem grandes implicações. Deus colocou o seu selo sobre todas as suas obras na história e as confirmou por meio de muitas grandes e indisputáveis evidências. Contudo, Deus tem dado seu maior

testemunho quanto a seu Filho. Portanto, quem crê no Filho crê em Deus e faz a sua vontade, mas quem não crê no Filho torna Deus mentiroso e é hostil a ele. O apóstolo João escreve:

Se admitimos o testemunho dos homens, o testemunho de Deus é maior; ora, este é o testemunho de Deus, que ele dá acerca do seu Filho. Aquele que crê no Filho de Deus tem, em si, o testemunho. Aquele que não dá crédito a Deus o faz mentiroso, porque não crê no testemunho que Deus dá acerca do seu Filho. E o testemunho é este: que Deus nos deu a vida eterna; e esta vida está no seu Filho. Aquele que tem o Filho tem a vida; aquele que não tem o Filho de Deus não tem a vida (1João 5.9–12).

Guiado pelo Espírito Santo, João oferece lógica impecável. Primeiro, argumenta pela credibilidade do testemunho de Deus acima daquilo que qualquer outro homem possa dizer. As Escrituras declaram que todos os homens são mentirosos,⁷⁸ mas Deus “não é homem para que minta, nem filho do homem, para que se arrependa” (Números 23.19). Assim, se cremos diariamente no testemunho dos homens, quanto mais deveríamos crer no testemunho de Deus? Segundo, João afirma que Deus realmente deu testemunho concernente a seu Filho, e seu testemunho é este: que tudo que pertence à salvação, comunhão com Deus, e vida eterna se encontram somente em Jesus Cristo. Finalmente, João chega à sua radical e implacável conclusão de que qualquer que não abraça plenamente o Filho não tem esperança de vida eterna, e qualquer que não crê no Filho tem feito de Deus um mentiroso. Sem Jesus Cristo, as pessoas não têm parte com Deus. Este é o testemunho do cristianismo apostólico: “Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai; aquele que confessa o Filho tem igualmente o Pai.” (1João 2.23). Agradamos e glorificamos mais a Deus, portanto, crendo, confiando e dependendo exatamente naquilo em que ele deu o maior testemunho: que Jesus de Nazaré é seu Filho amado em quem ele se compraz; que ele é o caminho, a verdade, e a vida, e ninguém vem ao Pai senão por ele.⁷⁹ Aquele que crê e confessa tais coisas a respeito do Filho agrada a Deus e traz glória a seu nome. Quem recusa crer declara Deus mentiroso e abriu mão de qualquer possibilidade de vida eterna.

O FIM DA JACTÂNCIA

No instante em que a mínima obra for acrescentada ou misturada à doutrina da salvação, o cristianismo se torna em religião de obras, a justificação torna-se algo a ganhar por mérito, Deus se torna devedor das pessoas, e as pessoas passam a se exaltar diante dele. Por esta razão é que o apóstolo Paulo labora com toda força em seus escritos, para destacar a realidade da depravação humana e provar sua total incapacidade, na carne, de agradar a Deus. Ele deseja “que se cale toda boca, e todo o mundo seja culpável perante Deus” (Romanos 3.19). Somente então é que as pessoas desviarão seus olhos de si mesmas e olharão para Deus em fé. Somente então deixarão de produzir obras e se lançarão nos braços da graça. Somente então sua autoadmiração se transformará em gloriar-se em Deus. “Como está escrito: ‘Aquele que se gloria, glorie-se no SENHOR’” (1Coríntios 1.31).

Em Romanos três, Paulo apresenta essas verdades com inspirada clareza. Nos primeiros dois terços do capítulo, Paulo se esforça para provar que todos são pecadores, e estão condenados perante um Deus justo e a sua lei.⁸⁰ Então ele muda sua atenção para a obra de Cristo no Calvário e apresenta diante de nós as mais majestosas verdades documentadas nas Escrituras. Ele apresenta Cristo como a grande propiciação, que carregou os pecados de seu povo, sofreu a ira de Deus em seu lugar, e tornou possível a um Deus justo justificar pessoas ímpias, sem trair a sua própria justiça.⁸¹ Finalmente, Paulo conclui com a seguinte exclamação: “Onde, pois, a jactância? Foi de todo excluída. Por que lei? Das obras? Não; pelo contrário, pela lei da fé. Concluímos, pois, que o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei” (Romanos 3.27–28).

Paulo fecha seu argumento com a pergunta retórica: “Onde, pois, a jactância?” Antes que alguém possa levantar a mão ou dar uma resposta, ele responde sua própria pergunta com uma exclamação que demonstra convicção implacável e a mais firme resolução: “É de todo excluída”. A frase pode ser também traduzida: “Foi fechada e deixada para fora”.⁸² Aqui, Paulo usa o tempo aoristo para comunicar que qualquer elogio das obras próprias como meio de salvação tem

sido totalmente, e de modo decisivo, excluído, obstruindo qualquer debate a mais sobre a questão.⁸³ É como se dissesse: “De obras? Nem pense nisso, quanto menos argumente tal ideia. Foi excluída de uma vez para sempre, pois jamais seria meio de se colocar bem diante de Deus”.

É importante observar que nem toda jactância é excluída, mas apenas a que tem a ver com o merecimento humano. Embora não haja espaço para nos gloriarmos em nossas obras, nem mesmo em nossa fé, existem bases e lugar para nos orgulharmos em Deus e em sua graça. Quando nos perguntam “a razão para a esperança que há em nós” (1Pedro 3.15), temos de declarar enfaticamente: é tudo pela graça!⁸⁴

Tendo nos predestinado para a adoção de filhos pelo próprio Jesus Cristo, de acordo com o bom prazer de sua vontade, para o louvor da glória de sua graça, pela qual nos tornou aceitáveis no Amado (Efésios 1.5–6).

Porque pela graça sois salvos por meio da fé, e isso não vem de vós; é dom de Deus, não de obras, para que ninguém se glorie (Efésios 2.8–9).

Não a nós, SENHOR,
não a nós, mas ao teu nome dá glória,
por amor da tua misericórdia
e da tua fidelidade (Salmo 115.1).

Por natureza, os seres humanos estão cheios de vaidade, presunção, e ostentação. O espírito de Lameque e de Hamã habita em todos nós.⁸⁵ Gabamos de nossa sabedoria, força, nosso *status*, no entanto não notamos que somos apenas um nariz cheio de ar, nossa existência é como vapor, nossa sabedoria é estulta, e nossas justiças são como trapos imundos.⁸⁶ Por esta razão, o profeta Jeremias nos adverte:

Assim diz o SENHOR: Não se glorie o sábio na sua sabedoria, nem o forte, na sua força, nem o rico, nas suas riquezas; mas o que se gloriar, glorie-se nisto: em me conhecer e saber que eu sou o SENHOR e faço misericórdia, juízo e justiça na terra; porque destas coisas me agrado, diz o SENHOR (Jeremias 9.23–24).

De acordo com as Escrituras, as pessoas jamais têm base para a jactância. Qualquer coisa nobre que possam alcançar só pode ser atribuída à graça de Deus. Qualquer falha nelas encontrada é de sua própria lavra. Aquilo de que vale a pena se orgulhar não lhes pertence, e não vale à pena se gabar de nada que lhes pertence. Isso é especialmente verdadeiro com respeito à posição que se tem diante de Deus. Qualquer pessoa que tenha visto algo sobre a justiça de Deus e seu próprio pecado terá de concluir que “o homem é justificado pela fé e não pelas obras da lei” (Romanos 3.28). O vocábulo *mantém* vem de uma palavra grega que quer dizer “considerar, computar, calcular, raciocinar, ou concluir”.⁸⁷ Um verdadeiro reconhecimento do conteúdo de nosso coração, e um cálculo correto de nossos méritos e vícios, deverão levar qualquer um de nós a concluir que se a salvação fosse pelas obras da lei, estaríamos totalmente sem esperança. A mínima revelação de nosso pecado à luz da justiça de Deus deveria causar qualquer um de nós a nos juntar ao coro desesperado de outros que têm semelhantes vislumbres dolorosos de si mesmo à luz da glória de Deus: Jó: “Eu te conhecia só de ouvir, mas agora os meus olhos te veem. Por isso, me abomino e me arrependo no pó e na cinza” (42.5–6). Isaías: “Ai de mim! Estou perdido! Porque sou homem de lábios impuros, habito no meio de um povo de impuros lábios, e os meus olhos viram o Rei, o SENHOR dos Exércitos!” (6.5). Paulo: “Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Romanos 7.24).

O pecador terá de chegar a um ponto essencial de crise em que enxergue ser totalmente destituído de mérito salvador e que, por mais que procure, não encontrará esperança de salvação em si mesmo. Somente então é que voltará à graça e clamará por misericórdia. Noutras palavras, todos nós temos de nos juntar aos publicanos e pecadores, se esperamos ser salvos.⁸⁸ “Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no Livro da lei, para praticá-las” (Gálatas 3.10), mas bendito aquele a quem Deus atribui justiça pela fé,

independente de obras: “Bem-aventurado o homem a quem Deus atribui justiça, independentemente de obras: Bem-aventurados aqueles cujas iniquidades são perdoadas, e cujos pecados são cobertos; bem-aventurado o homem a quem o Senhor jamais imputará pecado” (Romanos 4.6–8).

O verdadeiro conhecimento de Deus e de si é essencial na conversão do pecador, mas é igualmente essencial na santificação contínua do santo. O crente tem de continuar a crescer em seu conhecimento de Deus e de si, até que esteja tão convencido de que é somente pela graça que teria aversão pela sugestão de que a sua salvação pudesse resultar de sua própria virtude, mérito, ou piedade. Na verdade, este é um dos maiores propósitos e resultados da obra de Deus de santificação na vida do crente. No decurso de nossas vidas, ele está orquestrando tudo para destruir nossa autojustiça e autoconfiança, a fim de que dependamos da virtude da pessoa de Cristo e dos merecimentos de sua obra perfeita no Calvário. Ele o faz para a sua glória e o nosso bem. Nosso bem-estar espiritual e nossa frutificação dependem desse intercâmbio de autoconfiança para dependência exclusiva de Deus. O profeta Jeremias coloca da seguinte forma:

Maldito o homem que confia no homem, faz da carne mortal o seu braço e aparta o seu coração do SENHOR! Porque será como o arbusto solitário no deserto e não verá quando vier o bem; antes, morará nos lugares secos do deserto, na terra salgada e inabitável. Bendito o homem que confia no SENHOR e cuja esperança é o SENHOR. Porque ele é como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde; e, no ano de sequeidão, não se perturba, nem deixa de dar fruto. (Jeremias 17.5–8).

Em conclusão, estou assustado de ver como as pessoas em uma mesma congregação reagem a uma mensagem que enfatize a depravação humana, a falta de merecimento salvador em suas obras, e a necessidade desesperada da graça divina. Alguns são desanimados, outros se ofendem, e ainda outros ficam totalmente irados com tais palavras severas faladas a seu respeito e de seus esforços piedosos. Contudo, outras pessoas na mesma congregação ouvem as mesmas verdades e se enchem de alegria, regozijando-se na bondade de Deus. Quanto mais escuro o quadro pintado pelo pregador, mais alegres ficam e maior

fica o seu louvor. Qual é a diferença entre os dois grupos? Os que estão no primeiro grupo colocaram sua confiança na carne e se gabam de sua própria virtude e merecimento. Os do segundo grupo são os da “circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne” (Filipenses 3.3). Contentam-se em ter exposto suas trevas se por tal sofrimento Cristo e a graça de Deus forem exaltados. Sabem que a escuridão da noite deixa transparecer mais as estrelas da graça de Deus.

63. Hebraico: *aman*.

64. Hebraico: *emuwnah*.

65. Grego: *pisteúo*.

66. Grego: *hupóstasis*.

67. Grego: *élegchos*.

68. 2Timóteo 3.16; 2Pedro 1.21.

69. Romanos 4.19.

70. “Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia” (Atos 16.14).

71. Isaías 54.13; Jeremias 31.34; João 6.45.

72. 2Coríntios 4.6.

73. Romanos 1.16.

74. Atos 17.30.

75. 2Timóteo 2.3; 4.5.

76. Números 23.19; Deuteronômio 7.9; 32.4; Tito 1.2; Hebreus 6.18.

77. Gênesis 3.1–6; João 8.44.

78. Romanos 3.4.

79. Mateus 3.17; 17.5; Marcos 9.7; João 14.6; 2Pedro 1.17.

80. Romanos 3.1–20.

81. Romanos 3.21–26.

82. Joseph Henry Thayer, *Thayers Greek-English Lexicon* (Grand Rapids: Baker, 1977), 195.

83. Paulo usa a forma aorista de *ekkleíō*, denotando que “[a jactância] é de uma vez por todas, eliminada”. W. Robertson Nicoll, *The Expositor’s Greek Testament* (Londres: Hodder and Stoughton, 1897–1910), 2:613.

84. Pensamento extraído de *All of Grace: An Earnest Word with Those Who Are Seeking Salvation by the Lord Jesus Christ*, por Charles Spurgeon (Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1978).

85. Gênesis 4.23–24; Ester 5.11.

86. Isaías 2.22; 64.6; Tiago 4.14.

87. Grego: *logízomai*.

88. Lucas 18.13–14.

CRER E CONFESSAR

Mas a justiça decorrente da fé assim diz: Não perguntes em teu coração: Quem subirá ao céu?, isto é, para trazer do alto a Cristo; ou: Quem descera ao abismo?, isto é, para levantar Cristo dentre os mortos. Porém que se diz? A palavra está perto de ti, na tua boca e no teu coração; isto é, a palavra da fé que pregamos. Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo. Porque com o coração se crê para justiça e com a boca se confessa a respeito da salvação — Romanos 10.6–10.

É defensável que esta seja uma das passagens mais eloquentes e importantes das Escrituras com respeito ao que uma pessoa tem de fazer para ser salva.⁸⁹ Através dos séculos do cristianismo, ela tem servido como fonte de consolo para todos quantos creem e como muro de defesa contra os ataques quase constantes de todo ensinamento falso que procura misturar obras à fé como meio de salvação. A pessoa não ganha a salvação por qualquer obra valorosa ou peregrinação nobre, mas por clamar, pela fé, pelo nome do Senhor.

UMA PALAVRA PRÓXIMA

Nos primeiros cinco versículos de Romanos 10, o apóstolo Paulo demonstra o grande erro teológico de muitos da nação de Israel. Embora tivessem recomendável zelo, não buscavam uma posição justa diante de Deus pela fé na obra expiadora de seu Filho. Ao invés disso, procuravam justiça por meio de rigorosa e excruciante obediência à lei.⁹⁰ Paulo contrapõe essa visão falsa, declarando que a obra perfeita e salvífica de Cristo marcou o fim de todas as tentativas de se estabelecer a justiça da própria pessoa diante de Deus por esforço ou mérito humano.⁹¹

A lei coloca exigências sobre pessoas caídas, impossíveis de serem realizadas, assim como elas não conseguem “ascender ao céu” nem “descer ao abismo”. Porém, a fé é totalmente diferente. Não requer feitos heroicos ou conformidade religiosa impossível. Em vez disso, conclama a pessoa a reconhecer seu estado de incapacidade e repousar na pessoa e nas realizações de Cristo.⁹² É por isso que o apóstolo Paulo assegura aos cristãos de Roma que tudo de que precisam para estar bem diante de Deus foi-lhes apropriado pela fé na “palavra” do evangelho, que os “aproximou” por meio da pregação apostólica.⁹³ Eles podiam descansar seguros da salvação, porque em seus corações creram na mensagem do evangelho que lhes foi pregada, e estavam confessando abertamente a Jesus como Senhor.

O MAU USO DO TEXTO

Esta passagem tem se tornado, corretamente, uma das mais populares e mais usadas entre evangelistas dos dias modernos e aqueles que procuram compartilhar a fé com outros. Porém, o que significa de verdade, e qual é a sua aplicação correta no evangelismo? Pode a pessoa cumprir esses requisitos bíblicos de crer e confessar, apenas tomando uma decisão por Cristo, orando a oração do pecador, ou confessando Cristo diante de uma congregação de crentes que afirmam apoio? A resposta a essas perguntas requer que consideremos as palavras de Paulo dentro de seu contexto próprio, para determinar o significado preciso de sua linguagem. Temos de exercer cautela ao assumir que um texto signifique determinada coisa ou tenha de ser usado de certo modo simplesmente porque os nossos contemporâneos se ateam a essa interpretação e aplicação do texto. Com frequência, assumimos que entendemos um texto porque recebemos sem questionamento uma interpretação vinda de outros, que por sua vez a receberam de outras pessoas, sem questionar. Porém, quando se estuda de fato o texto “examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim” (Atos 17.11), essa cadeia ingênua de confiança sem questionamento muitas vezes é quebrada. Faremos bem ao perguntar: o apóstolo Paulo escreveu este texto com o propósito de nos dar um modelo de oração do pecador, ou teria ele em vista outro propósito totalmente diferente?

No evangelicalismo contemporâneo, a oração do pecador tem se tornado o meio mais usado para convidar as pessoas a Cristo e dar-lhes segurança de salvação. Ela se encontra nas costas da maioria dos folhetos e é ouvida no final de muitos sermões evangelísticos. Geralmente inclui os seguintes elementos: o que está procurando crer é levado a confessar que é pecador e reconhecer sua incapacidade de salvar a si mesmo. É então direcionado a confessar que Jesus morreu pelos seus pecados e ressuscitou dos mortos. Subsequentemente, é encorajado a pedir que Jesus entre em seu coração e seja o seu salvador. Em seguida, é afirmado a ele que, se fez essa oração com sinceridade, agora está salvo.

Finalmente, é-lhe assegurado que se algum dia tiver dúvida de sua salvação, ele deve se firmar nesse momento em que orou a oração do pecador e confessou Cristo.

Ainda que exista alguma verdade nesses diversos elementos, há também várias sérias objeções quanto a esse método de convidar os pecadores a Cristo, que mencionaremos agora. Primeiro, não existe precedente bíblico para isso. Não foi empregado por Cristo, pelos apóstolos, ou pelos primeiros cristãos. Segundo, foi desconhecida à maior parte da igreja através da história. É uma invenção recente. Terceiro, há o perigo de transformar o evangelho em uma declaração de credo. Inúmeros indivíduos que não dão nenhuma evidência bíblica de conversão acreditam que são salvos simplesmente porque, em algum ponto de suas vidas tomaram uma decisão por Cristo e repetiram a oração do pecador. Embora os cristãos que usam a oração do pecador no evangelismo não tenham tal intenção, isso tem sido o resultado dessa metodologia. Quarto, ela substituiu totalmente o convite bíblico de arrependimento e fé. É surpreendente que os exemplos bíblicos de convidar as pessoas a Cristo sejam quase totalmente ignorados em favor de uma construção dos dias modernos. Quinto, isso se tornou a principal e muitas vezes única base para segurança da salvação. Ou seja, muitos indivíduos que dão pouca ou nenhuma evidência da obra de Deus em sua vida estão convencidos ou assegurados de sua salvação apenas por ter uma vez na vida feito a oração do pecador com sinceridade.

Essa aplicação popular de Romanos 10.9 ao que está buscando o evangelho é contrária à lógica e propósito de Paulo. Distorce um dos mais poderosos ensinamentos das Escrituras quanto à *sola fide*,⁹⁴ como também uma de suas mais poderosas promessas ao povo de Deus. Também transforma o texto em um credo vazio, que as pessoas usam para dar uma falsa segurança de salvação a inúmeras pessoas que produzem raros frutos de conversão. Por estas razões, é imperativo que examinemos com cuidado este texto à luz de seu contexto histórico e gramatical.

Para entender algo do significado e propósito de Paulo, será de ajuda entender que ele se refere a ambos: um evento que ocorre uma vez na vida do crente, como também ao resultado ou fruto desse evento, que continua através de toda a vida do crente. Noutras palavras, fala da experiência de conversão da pessoa e também do fruto contínuo dessa conversão, que a valida e demonstra ser ela genuína. O pecador é justificado e reconciliado com Deus no momento em que realmente crê na pessoa e na obra expiatória de Cristo. Porém, a evidência de que ele realmente creu e foi autenticamente convertido naquele momento é que continua crendo e confessando por todos os dias de sua vida. Isso não quer dizer que o verdadeiro crente será imune a dúvidas, livre de falhas, ou desimpedido no seu crescimento até a maturidade. Porém, significa sim, que o Deus que começou uma boa obra nele continuará a aperfeiçoá-la até o dia final.⁹⁵ A salvação é somente pela graça e somente mediante a fé.⁹⁶ Todavia, a evidência da fé salvadora é uma confissão autêntica e constante do senhorio de Jesus Cristo em toda a vida do crente.

Aqui está o problema com o uso desse texto nos dias modernos. Ninguém pode negar que existem muitas pessoas na rua e nos bancos de igreja, que acreditam estar salvos porque em uma ocasião de suas vidas supostamente creram no coração e confessaram com a boca, mas existem poucos frutos permanentes. Vivem todo o decurso de suas vidas na carnalidade e no mundanismo, não dando nenhuma verdadeira evidência do poder de Deus que perdura, que segundo a Escritura ensina, sempre acompanha a salvação. No entanto, são inflexíveis em suas convicções porque em certa época da vida eles “fizeram sua decisão” e “oraram a oração do pecador”. Ministros evangélicos que validam a salvação de tais indivíduos ainda exacerbaram mais o problema. Baseiam a sua confirmação em uma suposta experiência de conversão, mas negligenciam considerar se existe alguma evidência de uma obra contínua de santificação ou produção de frutos. Parece que se esqueceram a verdade fundacional do evangelho: a autêntica fé salvadora é validada por sua perseverança e por seus frutos, e a evidência de que fomos salvos da condenação do pecado está em que agora estamos sendo salvos do poder do pecado.⁹⁷

CRER COM O CORAÇÃO

Em Romanos 10.9–10, o apóstolo Paulo diz que somos salvos se cremos “no coração” e “com o coração”. Se nossa salvação depende dessa fé, então nossa consideração e interpretação correta dessas duas frases é de suma importância. Antes de começar qualquer discussão sobre a fé, faremos bem ao lembrar que até os demônios creem e tremem, mas não para a salvação.⁹⁸ Quando Jesus começou a pregar na Galiléia, os demônios que se apoderaram de certo homem da sinagoga gritaram: “Bem sei quem és: o Santo de Deus!” (Marcos 1.24). O endemoniado geraseno falou com detalhes ainda maiores ao confessar que Jesus era o “Filho do Deus Altíssimo” (Marcos 5.7). Assim, a Escritura, sugere que Satanás e os demônios têm conhecimento exato da pessoa e obra de Jesus Cristo e aceitam isso como realidades absolutas. Sabem que ele é Filho de Deus, que morreu no Calvário pelos pecados de seu povo e que ressurgiu no terceiro dia. Porém, o seu conhecimento e reconhecimento das realidades de Cristo não os conduzem à salvação. Não são salvos pelo que sabem ser a verdade, mas são, por isso mesmo, condenados. Esse mesmo mal se encontra entre os seres humanos.

Qualquer avaliação honesta do evangelicalismo terá de reconhecer que há muitas pessoas andando pelas ruas e assentadas nos bancos das igrejas que obtiveram a preciosa fé tanto quanto os demônios (2Pedro 1.1).⁹⁹ Sabem alguma coisa sobre a pessoa e obra de Cristo, e fazem algo parecido com uma confissão quando lhes parece conveniente. Porém, existe pouca evidência da realidade contínua da obra salvadora de Cristo em suas vidas. A sua esperança de salvação eterna está fundamentada sobre uma decisão que fizeram há muito tempo, a qual eles criam ser sincera, de “aceitar Cristo” por meio de uma simples oração. Pastores evangélicos que deveriam saber melhor confirmaram essa sua esperança. Como os demônios, eles estão perdidos. Mas, diferente dos demônios, eles não sabem disso.

Agora que vimos os perigos de uma fé sem coração, estamos prontos a examinar a verdadeira fé do coração — fé que não somente reconhece o que é verdade sobre a pessoa e obra de Cristo, como também depende dessas realidades e é por elas transformado. Nas Escrituras, o coração se refere ao cerne, ou à essência, de uma pessoa. É a sede do intelecto, da vontade e das emoções. Num sentido, podemos dizer que o coração é o centro de controle de tudo que somos. O que acontece ali afeta tudo mais em nós. Assim, é um absurdo pensar que uma pessoa pudesse crer em alguma coisa “no” ou “com” o coração, sem que isso tivesse efeito dramático ou mesmo drástico sobre a totalidade dela.

Crer no coração que Deus ressuscitou Jesus dos mortos é crer com nosso mais íntimo ser, que tudo que Jesus disse a seu respeito é verdade. Isso pode soar radical demais até que consideremos algumas das coisas que ele realmente disse:

- Ele é o Deus eterno e criador do universo.¹⁰⁰
- Ele é a vida e luz de todos os homens.¹⁰¹
- Ele é o único salvador da humanidade.¹⁰²
- Ele é soberano absoluto do universo.¹⁰³
- Ele determinará o destino eterno de todos os homens.¹⁰⁴
- Ele é mais valioso que as riquezas conjuntas do mundo inteiro.¹⁰⁵
- Promover a sua vontade e agenda é o propósito do universo e da vida de cada indivíduo.¹⁰⁶
- Ele deve ser amado acima de todas as outras pessoas e coisas.¹⁰⁷
- Ele deve ser seguido de forma radical e obedecido, não importa o preço.¹⁰⁸
- Ele julgará o trabalho de seu povo diante dele e os recompensará de acordo com essas obras.¹⁰⁹

Essas declarações radicais de Cristo não deixam lugar para resposta indiferente, e não podemos crer que estejam no centro do intelecto, vontade e emoções sem que haja um efeito radical, ou até mesmo devastador, sobre nossas vidas. É impossível para uma criatura racional abraçar essas verdades e não ser

notavelmente transformada por elas. A própria natureza das afirmativas de Jesus exige uma mudança cataclísmica no caráter da pessoa bem como na direção de sua vida.

Portanto, a verdadeira fé salvadora não é dependência passiva ou parcial em Cristo, mas uma dependência ativa e crescente. Por meio da obra contínua da santificação, ela eventualmente engloba toda a vida do crente. Prova da fé salvadora não é que “era uma vez” nós apenas “aceitamos a Cristo” por meio de uma oração decorada que repetimos, mas que, desde o momento em que cremos no evangelho, o que Cristo diz a seu próprio respeito e a sua reivindicação sobre nossa vida continua sendo uma realidade maior em nossas vidas.

CONFESSAR COM A BOCA

Tendo dado uma breve olhada na fé do coração, agora passamos a considerar o que significa confessar com a boca. A primeira coisa que devemos notar de Romanos 10.9–10 é a especificidade da confissão. Não é apenas uma confissão de fé em Jesus Cristo, mas uma confissão de seu senhorio absoluto e universal. Sendo assim, a evidência de que uma pessoa creu com o coração e confia na virtude salvadora da pessoa e obra de Cristo é que ela também o confessa como Senhor.

A longa história do cristianismo prova que nada poderia ser mais radical ou caro do que confessar *Kúrios Iesous*, grego para “Jesus é Senhor!” No mundo romano, só havia um senhor, e seu nome era César. Até mencionar a possibilidade de outro senhor era traição política, muitas vezes resultando em exílio ou execução. Na religião judaica, havia apenas um Senhor, e seu nome era Iavé. Dar o título de “senhor” a outro era blasfêmia passível de morte. O renomado estudioso de grego, A. T. Robertson escreve: “Nenhum judeu faria isso se não houvesse realmente confiado em Cristo, pois *kúrios* [senhor] na LXX (Septuaginta)¹¹⁰ é usado somente para Deus. Nenhum gentio o usaria se não tivesse deixado de adorar o imperador como *kúrios*”.¹¹¹ Robertson continua:

Somos lembrados da exigência feita a Policarpo de que ele dissesse *Kúrios Kaisar* [César é senhor] e como cada vez ele repetia a frase *Kúrios Iesous*. Ele pagou o preço de sua lealdade com sua vida. Homens despreocupados hoje em dia conseguem dizer “Senhor Jesus” de maneira frívola ou até mesmo irreverente, mas nenhum judeu ou gentio daquela época o diria a não ser que realmente cresse nisso.¹¹²

Somos salvos somente pela fé na pessoa e obra de Cristo, mas a evidência da autenticidade de nossa fé seja é a nossa confissão do senhorio de Jesus Cristo e a nossa aliança com ele, mesmo que tal confissão nos custe muito caro. A igreja primitiva sofreu e morreu porque proclamou fielmente a Jesus como Senhor e se recusou a adorar a César. Neste momento, cristãos sofrem prisões, tortura e morte devido a essa mesma confissão. Mesmo no mundo ocidental, onde existe pouca

perseguição física, o verdadeiro crente se submete ao senhorio de Jesus Cristo ao invés de viver segundo os padrões “deste mundo perverso” (Gálatas 1.4). Este é o significado dado pelo apóstolo Paulo ao escrever: “Se, com a tua boca, confessares Jesus como Senhor e, em teu coração, creres que Deus o ressuscitou dentre os mortos, serás salvo” (Romanos 10.9).

A verdadeira fé em Jesus se mostra em real submissão e confissão aberta de seu senhorio, que se aprofunda à medida que o crente amadurece e se fortalece, até mesmo nas circunstâncias mais adversas. A grande evidência da salvação é que a pessoa continua a amadurecer nesta mesma fé e confissão. Ao comentar Romanos 10.9–10, o renomado batista escocês Robert Haldane (1764–1842) escreve:

Um homem torna-se justo, perfeitamente justo, ao crer no relato de Deus sobre seu Filho. Mas a evidência de que essa fé é autêntica está na confissão aberta do Senhor com a boca, em tudo que a vontade dele é conhecida. A confissão de Cristo é tão necessária quanto é a fé nele, porém, é necessária por razão diferente. A fé é necessária para obter o dom da justiça. A confissão é necessária para provar que esse dom foi recebido. Se a pessoa não confessa a Cristo a ponto de colocar em jogo sua vida, seu caráter, suas propriedades, sua liberdade e tudo mais que lhe é precioso, ela não tem a fé de Cristo. Ao dizer, portanto, que a confissão se faz para a salvação, o apóstolo não está dizendo que é a causa da salvação, nem que sem ela o título da salvação seja incompleto. Quando o homem crê em seu coração, ele é justificado. Mas a confissão de Cristo é o efeito da fé, e será evidência da mesma no último dia. A fé que interessa ao pecador na justiça de Cristo se manifesta pela confissão do seu nome no meio dos seus inimigos ou em face do perigo.¹¹³

A CONFISSÃO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

Para que entendamos o que Paulo queria dizer ao escrever sobre a necessidade de confessar a Jesus como Senhor, será de ajuda considerar o significado disso para os cristãos da igreja primitiva. Uma carta escrita por Plínio, o Jovem, governador da Bitínia, ao imperador romano Trajano (r. 98–117), descreve brevemente como aqueles que eram acusados de serem cristãos eram interrogados e como as acusações contra eles eram provadas ou descartadas:

Uma informação anônima foi colocada diante de mim, contendo uma acusação contra diversas pessoas, as quais, sob escrutínio, negaram ser ou jamais terem sido cristãs. Repetiram após mim uma invocação aos deuses, e ofereceram ritos religiosos com vinho e incenso diante de vossa imagem, e até mesmo insultaram o nome de Cristo. [...] Achei correto, portanto, absolvê-los.¹¹⁴

Plínio escreve sobre várias pessoas que obviamente foram acusadas falsamente de serem seguidoras de Cristo. Como prova da sua inocência, elas clamaram aos deuses romanos, ofereceram culto ao imperador e insultaram o nome de Jesus. Fizeram exatamente o contrário do que Romanos 10.9–10 declara ser a atitude do cristão.

Embora o conteúdo da carta de Plínio nos ofereça um exemplo daqueles que eram inocentes de serem cristãos, ela nos dá sólido fundamento para supor como seria diferente o cenário se os acusados fossem cristãos verdadeiros. Imagine que as autoridades romanas descobrissem uma pequena igreja em uma casa e trouxesse os cristãos diante do oficial romano. Para provar ou desprovar a acusação contra eles, foram conduzidos a um pequeno altar onde deveriam cumprir alguns rituais simples. Primeiro, teriam de invocar os deuses romanos. Segundo, teriam de participar de uma forma de culto ao imperador para provar sua lealdade a César. Finalmente, tinham de insultar o nome de Cristo, negando seu senhorio ou declarando-o maldito.¹¹⁵ Para o horror da pequena comunidade, dois entre eles prontamente se colocam ao lado do altar e fazem como lhes foi ordenado. Enquanto esses dois são soltos, outro é forçado a ficar de pé e

ordenado a obedecer. Apesar de estar tremendo e cheio de medo, ele não somente se recusa a venerar os deuses romanos e a César como também responde: “*Kúrios Iesous*”, “Jesus é Senhor!”. Ele é forçado e levado embora para aguardar ou o exílio ou sua execução. Um por um, o restante da congregação faz a mesma confissão fiel, e seu destino está selado. Embora essa cena seja fictícia, os arquivos da história do cristianismo provam que incontáveis crentes passaram por tais provas e prevaleceram ao preço de suas próprias vidas. Essa provação provou que eles criam de coração para a salvação, pois confessaram a Jesus como Senhor até mesmo diante da morte.

UMA APLICAÇÃO CORRETA

À luz do verdadeiro significado de Romanos 10.9–10 e do custo do ato de confessar Cristo a tantos seguidores de Jesus com o passar dos séculos, o seu uso popular no evangelismo dos dias modernos se torna indefensável. Sugerir que este texto seja o fundamento bíblico para a oração do pecador no final de muitos folhetos evangelísticos e sermões é uma séria falácia exegética. No entanto, devido a tal crença popular, muitos homens, mulheres e crianças não convertidos têm uma segurança quase impenetrável de sua salvação eterna, apenas porque em algum tempo de sua vida afirmaram algumas verdades bíblicas e repetiram uma oração modelo. Depois disso, não houve nenhuma transformação, nenhuma obra contínua de santificação, nada de rejeição do mundo e nenhum desejo por Cristo. Emprestando a frase do apóstolo Paulo, seria certo perguntarmos: “Ó evangélicos insensatos, quem os enfeitiçou?”¹¹⁶

Romanos 10.6–10 nos ensina que somos salvos unicamente pela fé. Os cristãos não recebem a salvação por algum feito heroico ou esforço exaustivo, mas o recebem pela fé na pessoa e obra de Cristo. Os que creem, realmente há muito desistiram de qualquer tentativa de estabelecer uma justiça própria. Lançaram-se sobre Cristo, e se firmam sobre a virtude e os méritos dele.

Porém, essa fé em Cristo não é temporária, estática, ou indetectável. Ela é perseverante, dinâmica, e evidente. Isso se garante porque a salvação é obra de Deus para a glória de Deus. Aquele que primeiro operou a fé salvadora no coração do crente garante que essa fé persevere, se aprofunde e se manifeste. Uma dessas manifestações será a confissão do senhorio de Jesus Cristo por meio de palavras e atos — não obstante o preço que custar!

Como, então, devemos empregar e aplicar estes versículos? Para o crente, deve ser constante consolo e advertência. O consolo está em que somos salvos somente pela graça e só pela fé. Nossa posição diante de Deus não é resultado de ardorosos esforços ou poderosos feitos, mas resultam do grande esforço de Cristo e seu poderosíssimo feito sobre a cruz do Calvário. A advertência é que uma das

principais evidências de fé salvífica e da verdadeira conversão é a realidade crescente do senhorio de Cristo em nossa vida e nossa disposição de segui-lo, até mesmo pagando alto preço. Quanto ao evangelismo e nosso tratamento com a pessoa que está procurando a verdade, estes versículos deverão ser usados de três maneiras. Primeiro, nós os utilizamos para comprovar a inutilidade das obras e admoestar o indagador a abrir mão da ideia de obter a salvação por virtude ou mérito pessoal. Segundo, devemos usá-los para encorajar o inquiridor a olhar somente para Cristo e crer nele para a salvação. Terceiro, a pessoa que está buscando deverá usar esses versículos como prova contínua da autenticidade da sua profissão de fé. Deve saber que se realmente for convertida, o senhorio de Jesus Cristo será realidade crescente em sua vida. Ainda que passe por grandes lutas, sofrimentos e falhas na fé, piedade e confissão no decurso de sua vida, a sua identidade e seu propósito estarão cada vez mais jungidos ao domínio de Cristo sobre ele.

89. Atos 16.30.

90. Romanos 10.1–3.

91. Romanos 10.4.

92. De “It Is Well With My Soul,” 2a. estrofe, (Sou feliz em Jesus) por Horatio Gates Spafford (1828–1888).

93. Isto é, “tem se tornado prontamente à disposição deles”.

94. Latim: “somente a fé.” Esta frase histórica se refere à salvação sendo só pela fé na obra redentora de Deus por meio de Jesus Cristo, sem nenhuma mistura de merecimento humano. É uma das cinco *solas* que resumem a crença teológica da Reforma. As outras quatro *solas* são: *sola Scriptura* (somente pela Escritura), *sola gratia* (somente pela graça), *solus Christus* (somente por Cristo), *solus Deo gloria* (glória somente a Deus).

95. Filipenses 1.6.

96. Efésios 2.8.

97. Marcos 13.13; Filipenses 1.6; Tiago 2.18.

98. Tiago 2.19.

99. Nesta passagem, cristãos genuínos são referidos como “aqueles que obtiveram semelhante preciosa fé conosco [os apóstolos].”

100. João 1.1–2; 8.58–59.

101. João 1.4; 6.35; 8.12; 11.25.

102. João 8.24; 14.6; Atos 4.12.

103. Mateus 28.18; Atos 2.36.

104. Mateus 16.27; 25.31–46.

105. Mateus 16.26.

106. Lucas 6.46; 12.47.

107. Lucas 14.26.

108. Mateus 16.24–25; Lucas 14.27–33.

109. Mateus 16.27; 2Coríntios 5.10.

110. O símbolo abreviado para a Septuaginta — a tradução grega das Escrituras do Antigo Testamento.
111. A. T. Robertson, *Word Pictures in the New Testament* (Nashville: Broadman Press, 1930–1933), 4:389.
112. Robertson, *Word Pictures*, 4:168.
113. Robert Haldane, *Exposition of the Epistle to the Romans* (Edimburgo: Banner of Truth, 1958), 508.
114. Merrill C. Tenney, *New Testament Times* (Grand Rapids: Eerdmans, 1965), 329–30.
115. 1 Coríntios 12.3.
116. Gálatas 3.1.

RECEBER A CRISTO

Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome. — João 1.12.

*Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo.
— Apocalipse 3.20.*

O evangelismo dos dias modernos enfatiza a decisão da pessoa, fazendo a oração do pecador e recebendo Jesus Cristo em seu coração. Estes passos estão tão arraigados na mente evangélica moderna, que parece quase impossível fazer evangelismo sem elas. Porém, apesar de sua ampla aceitação, temos que nos perguntar se tal metodologia realmente é bíblica. Sendo que João 1.12 e Apocalipse 3.20 são os mais citados como fundamento bíblico dessa forma contemporânea de evangelismo, será de ajuda examinar cuidadosamente cada texto, neste capítulo e no seguinte. Será que eles apoiam um método de evangelismo que assegura as pessoas da salvação eterna, simplesmente porque tomaram uma decisão por Cristo, abriram os corações por um ato livre de sua vontade e por sua oração receberam a Jesus?

Antes de considerar estes textos, mais uma vez temos de reconhecer a seriedade de nossa tarefa. Muitos concordariam que os males mais comuns entre os evangélicos ocidentais são as profissões vazias e a carnalidade desenfreada. Existem milhões de pessoas convencidas de sua salvação porque seguiram os “passos”, no entanto, continuam no mundanismo e sem o mínimo desejo pelas coisas de Deus. Qual a razão para isso? Seria a salvação tão fraca que não tem

efeito sobre a pessoa a não ser que ele prossiga com toda uma vida de intensivo discipulado e responsabilização pessoal? Ou existe outra razão mais triste: muitos de nossos supostos convertidos não estão de maneira alguma convertidos? Será que nossa falta de conhecimento do evangelho estaria levando à destruição de milhões de pessoas? Será que, sem saber, nos tornamos como os falsos profetas da antiguidade, que curavam as pessoas superficialmente dizendo: “Paz, paz!” quando não há paz?” (Jeremias 6.14). Faríamos bem em lembrar que não estamos pregando o evangelho bíblico a não ser que também estejamos fazendo um convite bíblico ao evangelho.

RECEBER A CRISTO POR INTEIRO

No prólogo do evangelho de João, há uma das mais belas promessas de salvação das Escrituras: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (1.12). Por boa razão, este texto se tornou um dos mais usados no evangelismo de nossos dias. Muitos o empregam corretamente para conduzir multidões ao reino de Cristo. Contudo, muitos o utilizam erradamente, conduzindo as multidões a uma segurança falsa de salvação. Por esta razão, é necessário que entendamos o texto e sua aplicação bíblica correta antes de tentar usá-lo para levar as pessoas a Cristo.

João antecede este versículo imediatamente com uma declaração sobre a rejeição quase completa do Messias por parte dos judeus. Com palavras breves, mas poderosas, ele declara que Cristo “veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (João 1.11). A palavra *receber* vem da velha e comum forma do verbo grego *paralambáno*, que significa “tomar o lado de uma pessoa”, “dar boas vindas”. Jesus emprega essa palavra para descrever as boas-vindas do crente à mansão celeste do Pai.¹¹⁷

Tendo tratado o fracasso da nação judaica de receber a Cristo, João procede a uma promessa gloriosa e universal para todos: “Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, a saber, aos que creem no seu nome” (1.12). A adoção na família de Deus, com os plenos direitos e privilégios de filiação, está à disposição de todos — judeu e gentio, rei e servo, homem rico ou indigente, filósofo e imbecil, moralista e prostituta — até mesmo a todos quantos recebem Cristo, a todos que creem no seu nome.

Não podemos duvidar de que este seja um convite universal à salvação e filiação eterna. Porém, o que é debatível é como nos apropriarmos dessa promessa. O que significa recebê-lo? Este texto seria base bíblica para estimular aquele que está buscando a abrir seu coração e deixar Jesus entrar? Um homem

recebe a Cristo por concordar com as declarações fundamentais do evangelho, reconhecer sua necessidade de perdão e dar boas-vindas a Jesus em sua vida por meio de uma oração? Estas perguntas interpretativas têm de ser resolvidas.

Não há nada de excepcional na palavra grega “receber”, que nos ajudasse a entender melhor o que significa receber Jesus. Porém, o contexto da palavra oferece-nos algum entendimento. A primeira dica interpretativa se encontra na última frase do versículo, onde João iguala os que “receberam” Cristo àqueles que “creram no seu nome”. Nas Escrituras, crer não se limita a um entendimento intelectual de certos fatos ou mesmo a aceitação dos mesmos. Em vez disso, é confiar e depender do objeto de nossa fé a ponto de basear nossos atos sobre ela. Nossa fé ou crença em Jesus Cristo não é validada pela força de nossa confissão verbal, nem mesmo por aquilo que supostamente sentimos em nosso coração. Ela é provada verdadeira ou falsa pelo grau em que a pessoa de Jesus e sua vontade determinam nossos atos e direcionam todo o curso de nossas vidas. Sendo assim, a verdadeira fé envolve um elemento de risco da parte do crente, porque ele está fiando sua vida literalmente sobre a declaração de que Jesus “é o Cristo, o Filho do Deus vivo” (Mateus 16.16). Como escreveu o apóstolo Paulo à igreja de Corinto, se as reivindicações de Cristo não forem verdade, então o cristão autêntico estará entre os “mais infelizes de todos os homens” porque todo o curso de sua vida esteve fundamentada em uma mentira (1Coríntios 15.19). Portanto, “receber a Cristo” é confiar e depender dele a ponto de firmar nosso bem-estar temporal e eterno sobre a verdade do que ele diz, e dirigir todo o curso de nossa vida de acordo com sua vontade.

A segunda dica interpretativa está na frase “no seu nome”. Nas Escrituras, crer no nome de Deus é crer na totalidade de sua pessoa, ou crer em tudo que ele tem revelado a seu próprio respeito. As Escrituras não deixam espaço para crer em uma parte da autorrevelação de Deus enquanto rejeita outra, ou receber um aspecto de sua pessoa e rejeitar o todo. A ideia de que possamos entrar em relação pactual com Deus, aceitando-o apenas parcialmente, é antibíblica. Igualmente, é insustentável pensar que uma pessoa “receba” Jesus como salvador em um estágio

da vida e então recebê-lo como Senhor e Rei mais tarde. Receber Jesus de maneira que resulte na salvação e filiação é recebê-lo integralmente como profeta, sacerdote e rei. Embora a fé do crente em Cristo como Salvador e sua submissão a Cristo como Senhor possa inicialmente ser bem escassa, será real, e crescerá até à maturidade mediante a obra contínua da salvação.

A terceira dica interpretativa se encontra no versículo anterior, onde o recebimento de Cristo por parte do crente autêntico se contrasta diretamente à rejeição que a nação judaica fez dele. Aqueles entre nós que estão longe da cultura e religião judaica dos dias de Jesus, muitas vezes se esquecem de que os judeus não procuravam apenas um libertador, mas também um rei. O Messias seria filho de Davi e se assentaria sobre o trono de Davi. Ele governaria como soberano absoluto. Por esta razão, quando os judeus rejeitaram Jesus como o Cristo, não disseram: “Não temos *salvador* senão César!” Eles disseram: “Não temos *rei* senão César!” (João 19.15, ênfase acrescida). Assim, o Messias que viria não apenas estenderia uma folha de oliveira de paz a seu povo como salvador, também lhes estenderia um cetro real como rei. Os judeus não tinham conceito de um Messias que os salvasse, mas não reinasse sobre eles. Se “o recebessem” como libertador, também lhe dariam boas-vindas como rei.

O que era verdade para a nação judaica no tempo de Cristo continua sendo verdadeiro hoje, tanto para judeu quanto para gentio. Receber a Cristo é recebê-lo inteiramente, como salvador e senhor. Por esta razão, Isaías profetizou quanto ao Messias, dizendo: “Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios; nele os gentios esperarão” (Romanos 15.12). Por esta razão, podemos dizer propriamente que o Cristo esperado antigamente, também governará o gentio que confia em Cristo para sua salvação. Ele não é somente rei dos judeus como também dos gentios que creem.

A ilustração seguinte mostra um entendimento correto do que implica receber Cristo como salvador e senhor. Imagine uma cidade cercada de muro que estivesse sob perigo de destruição por um exército que se aproxima. Enquanto o inimigo ainda está longe, um grande rei se aproxima dos portais da cidade e

chama as pessoas de dentro do muro. Ele ordena que abram os portais se entreguem à sua completa soberania. Em recompensa, ele promete salvação do exército que se aproxima. Em um cenário, as pessoas zombam dele. Não acreditam ter necessidade de um salvador ou não creem que este rei poderá salvá-los. De qualquer modo, o rei se afasta e a cidade é destruída. Em outro cenário, o povo reconhece o poder do rei para salvar e estão dispostos a recebê-lo como salvador, mas se recusam a entregar o domínio ao rei. Novamente, o rei se afasta e a cidade é destruída. Na última cena, o povo reconhece o poder do rei de salvar, e com alegria abre as portas da cidade para recebê-lo como salvador e soberano. O rei entra na cidade, assume o trono, e liberta o povo.

De modo semelhante, recebemos a Cristo em nossas vidas. No momento da conversão, percebemos que estamos em estado desesperado, do qual não conseguimos nos livrar. Ouvimos o chamado de Cristo, as demandas do seu reino, e a promessa da salvação. Respondemos, abrindo a ele nossa vida e recebendo-o como salvador e senhor. Rejeitamos a autonomia, reconhecendo a sua soberania sobre nós. Denunciamos nossos próprios méritos e força e dependemos somente de seu poder para nos salvar. Consequentemente, a evidência de que realmente o recebemos é que nossa submissão e nossa obediência a ele se aprofunda, tornando-se realidade cada vez maior no decorrer do curso pleno de nossas vidas. Essa obra contínua de santificação está garantida na vida de todo crente. “Pois somos feitura dele” e “Aquele que começou boa obra em nós há de completá-la até o dia de Jesus Cristo” (Efésios 2.10; Filipenses 1.6).

Não é frequente no evangelismo dos tempos modernos a ênfase dessas verdades. Ao invés disso, os que estão procurando são levados a crer que podem receber os benefícios da salvação de Cristo, sem se submeter ao seu reinado soberano. Além do mais, muitas vezes eles se sentem seguros da salvação porque fizeram com sinceridade a oração do pecador, mesmo que não deem a mínima evidência de uma obra contínua de santificação em suas vidas. Este é o mal de nossos tempos, que leva ao engano e destruição de muitas pessoas.

RECEBER A CRISTO COMO NOSSO TUDO

Receber a Cristo para a salvação não trata somente de sua soberania, mas também de sua supremacia. O evangelho não nos chama a receber a Cristo como um acréscimo à nossa vida, mas como nossa própria vida. Jesus Cristo não pode ser tratado como acessório da vida da mesma maneira como usamos um cinto ou um par de sapatos para combinar com determinada roupa. É a pior coisa dizer aos pecadores que eles possuem uma vida muito boa, uma família maravilhosa, uma bela casa e um ótimo emprego, *mas apenas* lhes falta uma coisa para deixar tudo completo — um relacionamento pessoal com Jesus Cristo! Tal linguagem apresenta Jesus como uma cereja em cima de uma vida que já é maravilhosa. No máximo, faz dele nada mais que um acréscimo necessário ou complementar. Essa linguagem degrada Cristo a ponto de blasfemar. É alheia às Escrituras e àqueles santos através de toda a história do cristianismo que entenderam melhor a supremacia da pessoa de Cristo e o privilégio do seu evangelho. Contrastando com isso, o pregador puritano e autor João Flavel (1627–1691) fala de Cristo da seguinte forma:

Ó belo sol e bela lua, belas estrelas e flores mais belas, e belas rosas e lírios e todas as belas criaturas! Mas ó, dez mil vezes mais formoso é o Senhor Jesus! Errei em compará-lo dessa maneira. Ó tenebroso sol e lua, ó flores negras e lírios e rosas, mas ó formoso, mais formoso ainda Senhor Jesus! Ó todas as coisas belas, negras, deformadas e sem beleza quando colocadas junto ao mais belo Senhor Jesus! Ó tenebroso céu, mas ó formoso Cristo! Ó anjos escuros! Mas ó Senhor Jesus, de beleza que a tudo ultrapassa.¹¹⁸

Se conhecermos verdadeiramente a Cristo, e formos embaixadores honestos, teremos de descartar qualquer linguagem que pudesse mesmo que apenas sugerir, sem Cristo, a existência de outra coisa boa no céu ou na terra. Não é verdade que “Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (João 1.3)? Não é verdade que a vida sem Cristo é vaidade e menos que nada?¹¹⁹ Não é verdade que todas as nossas boas obras, e todos os nossos atos de justiça, à parte de Cristo, são como trapos imundos?¹²⁰ Portanto, como ousamos

supor ou sugerir que pessoas caídas só precisem de Cristo como complemento daquilo que já têm ou do que alcançaram por sua própria força ou virtude? Seria melhor dizer ao pecador o seguinte: “A sua vida é uma vaidade inútil.¹²¹ Desde a sola de seus pés até o topo de sua cabeça, não há nada são em você.¹²² Você diz: ‘sou rico, tornei-me próspero e não preciso de nada’. Mas não sabe que você é ‘desgraçado, miserável, pobre, cego e está nu’.¹²³ A sua família é carne cuja duração sobre esta terra será como vapor.¹²⁴ Você os levou a negligenciar a Deus e os tornou como palha que o vento espalha.¹²⁵ As suas realizações materiais serão testemunho contra você no dia do juízo, e as suas obras se queimarão no fogo.¹²⁶ Seu dinheiro não adiantará, pois a redenção de uma alma é muito cara.¹²⁷ O que aproveita ganhar o mundo todo e perder a sua alma?¹²⁸ Arrependa e volte a Cristo pela fé. Conte tudo como perda, todos os seus feitos como lixo, para que ganhe Cristo e seja encontrado nele.”¹²⁹

O evangélico dos dias modernos é mais propenso a responder à essa franqueza com as palavras: “Duro é este discurso; quem o pode ouvir?” (João 6.60). O especialista em crescimento de igreja e o missionário de última geração na contextualização em missões com certeza rejeitarão essas palavras severas, argumentando que as pessoas modernas são frágeis e divididas demais para suportar tal denúncia. Essa linguagem, embora bíblica, foi elaborada para outro tempo, quando as pessoas eram mais rústicas em sua psique e tinham mais certeza de seu valor pessoal. Porém, nada poderia ser mais ridículo. É tarefa do pregador do evangelho convencer as pessoas de que nada são e nada têm separadas de Cristo! O evangelho verdadeiro arrasa a alma e leva com ela todo despojo. Deixa o coração sem nada, para que Cristo entre com tudo! Se uma pessoa visse todas as coisas em comparação com Cristo, como fez Flavel, será que seu coração não seria muito melhor? Não é errado pregar um evangelho que tira tudo da pessoa, mas a deixa somente com Cristo. Será que Cristo não basta? Não é ele mais que o mundo inteiro?

Como cristãos e ministros do evangelho, temos de pregar Cristo como sobremaneira belo e estimado acima de todas as riquezas deste mundo e do mundo por vir. Temos de apresentá-lo em forte contraste às sombras e tipos deste mundo inferior. Porém, para proclamar Cristo desta forma, temos de conhecê-lo desta forma! Somente os que se demoram com ele e o procuram na Palavra de Deus e em oração obtêm tal conhecimento. Se apenas gastássemos mais tempo com ele, nós o conheceríamos melhor e proclamaríamos com maior poder. Então nossa alegria e zelo brilharão mais que tudo, envergonhando os que se ocupam com deuses menores.

RECEBER CRISTO COMO NOSSO SUSTENTO

Na sinagoga de Cafarnaum, Jesus declarou aos judeus: “Eu sou o pão da vida”, e, “se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tendes vida em vós mesmos” (João 6.48, 53). São muitas as verdades destas declarações, mas queremos considerar brevemente apenas uma delas: receber Jesus é recebê-lo como o próprio sustento e fonte de nossa vida. Ele não é algo que apenas acrescentamos à vida para torná-la mais completa ou algo que ajuda a atingir uma vida mais plena. Ele *é* nossa vida, nosso alimento e bebida, a seiva da vida que flui da vinha para os galhos.¹³⁰

Ainda que o novo convertido só compreenda em parte essa verdade, e ela quase não chegue a ser real para ele, o Deus que começou boa obra nele a aperfeiçoará, e garante seu crescimento.¹³¹ À medida que o crente continua em sua peregrinação cristã, as coisas do mundo passarão a desvanecer à luz da glória e graça de Cristo.¹³² O crente encontra a autossuficiência e autossatisfação ofuscadas por uma dependência cada vez maior a Cristo e maior satisfação nele. Pela obra de santificação, o braço da carnalidade aos poucos ficará inerte por falta de uso, e o crente abandonará as cisternas desgastadas que ele cavou para si em troca da fonte de águas vivas que tudo satisfaz na casa de Davi.¹³³

Temos de receber Cristo como fonte e sustento da vida, e isso nos leva a duas importantes aplicações. Primeiro, Cristo não é apenas um prato, uma mistura na refeição, mas é toda a refeição – origem suficiente de tudo que pertence à vida e à piedade.¹³⁴ Como o apóstolo Paulo escreveu à igreja de Corinto, Cristo “se nos tornou, da parte de Deus, sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção,” para que não mais nos gloriemos em nós ou em nosso desempenho religioso, mas no Senhor e sua obra em nosso favor (1Coríntios 1.30–31). Receber Cristo é renunciar nossa autossuficiência, guardar todos os nossos troféus anteriores, recusar todos os elogios presentes e futuros. É suportar com alegria apenas um título por toda eternidade: “receptor da graça”.

Ser verdadeiramente cristão é reconhecer que toda boa dádiva e dom perfeito vêm do alto, mediante a pessoa e obra de Jesus Cristo.¹³⁵ É denunciar qualquer sugestão de valor ou mérito autogerado e com alegria confessar publicamente que todo bem, toda realização pessoal ou valor calculável em nós vem somente de Cristo. É viver dependente dele, como dependemos do ar que respiramos e da água e do alimento que ingerimos, que sustenta nossa carne. É ser de tal forma satisfeito com ele que não mais gastemos nosso dinheiro naquilo que não é pão ou nosso salário em coisas que não satisfazem.¹³⁶ É fixar nosso lugar à mesa de Cristo e não ficar mais procurando misturas complementares ou substitutos mundanos. Já provamos e vimos que o Senhor é bom!¹³⁷ O que são as cebolas e alhos do Egito comparados ao maná de Cristo?¹³⁸

A segunda aplicação da verdade de que Cristo é o sustento do crente é que a festa não é uma refeição única, confinada ao momento da conversão e jamais repetida, mas um banquete contínuo que dura por toda a vida do crente. A conversão é simplesmente o começo de toda uma refeição de vida longa, eterna, concedida pelo Espírito Santo, em medida cada vez mais crescente ao cristão que está amadurecendo cada dia mais. Um dos grandes pecados do evangelicalismo contemporâneo é que trata a salvação como coisa do passado, ocorrido uma só vez, considerando muito pouco sua natureza contínua de passado, presente e futuro. Temos de nos lembrar de que a santificação contínua no decorrer da vida é evidência da conversão que aconteceu uma vez por todas. De modo semelhante, a alimentação contínua do crente em Cristo é evidência de que ele experimentou um sentar-se inicial à mesa de Cristo. Jesus não é uma passagem para o céu, comprada com uma oração, que fica escondida no bolso até que a pessoa finalmente a tire e apresente no momento da morte para conseguir a entrada. A salvação não é real se for considerada apenas como transação única, que supostamente sela o destino daqueles que fizeram a oração do pecador.

Na conversão, o pecador prova e vê que o Senhor é bom.¹³⁹ Porém, o seu paladar ainda não é refinado. Os resquícios do mundo ainda apodrecem em seu ventre e sua capacidade de saborear o verdadeiro alimento ainda está amortecida.

A carne temperada de Cristo é forte demais para ele, e tem de tomar apenas leite.¹⁴⁰ Como nos ensina o escritor de Hebreus: “Ora, todo aquele que se alimenta de leite é inexperiente na palavra da justiça, porque é criança. Mas o alimento sólido é para os adultos, para aqueles que, pela prática, têm as suas faculdades exercitadas para discernir não somente o bem, mas também o mal” (Hebreus 5.13,14). Deus promete que o novo cristão não permanecerá nesse estado, mas crescerá à plena estatura de um homem. Assim, Deus ordena deixar de lado a dieta fatal desta era presente, e, como criança recém-nascida, desejar ardentemente o puro leite da palavra, para que ele possa crescer com respeito à salvação.¹⁴¹ Gradativamente, por meio do treinamento divino, a renovação do pensamento e a graça que Deus supre para vencer, o Espírito Santo exercita os sentidos do crente para discernir entre o bem e o mal, desprezar o cardápio do mundo e desejar somente Cristo.¹⁴² O sabor restante de carne estragada é aos poucos tirado e os seus sentidos espirituais são refinados. Ele não só se esquece da comida do Egito, como também passa a odiá-la. Como Mefibosete, ele se acostuma à mesa do rei e não deseja mais as comidas comuns deste mundo, mas as despreza.¹⁴³

Antes de terminar nossa breve discussão, é importante reiterar que no momento da conversão, ninguém entende plenamente o que significa receber a Cristo, depender dele completamente, ou desejar somente a ele. Embora tenhamos lhe dado boas vindas pela capacitação e urgir do Espírito, o nosso entendimento está misturado ao erro, nossos motivos estão mesclados a desejos egoístas, e nossos corações são divididos entre lealdades que competem umas contra as outras. Mesmo após décadas da obra de Deus de santificação em nossa vida, esses males nunca são totalmente desarraigados. Embora nosso estado espiritual esteja em muito aprimorado, a dependência de Cristo aprofundada, e nosso desejo por ele aumentado, nós ainda não somos integralmente dele. Um coração perfeito permanece além de nosso alcance até que sejamos glorificados em sua presença.

É por esta razão que seria terrivelmente errado exigir do novo convertido compreensão e dedicação maduras, quando o santo mais amadurecido ainda luta para entender e apreciar o mesmo. Embora a santificação seja a verdadeira prova da justificação, e o receber contínuo de Cristo seja evidência de ter recebido a ele para a salvação, temos de tomar cuidado para não roubar a segurança dos salvos por tornar a perfeição em evidência da fé ou dedicação imaculada em prova de salvação. Estaremos sempre lutando por apreender aquilo pelo qual fomos apreendidos: conformidade a Jesus Cristo.¹⁴⁴ A evidência da salvação não é ter atingido o alvo, mas uma luta sincera por crescer em santidade e em progresso gradual nas coisas de Deus. Aqueles que realmente receberam a Cristo dão evidências de crescimento em compreensão mais plena de Deus, à medida que ele vai se tornando uma realidade cada vez maior em suas vidas. Os que supostamente o receberam, mas nunca desenvolvem em maior reconhecimento do que seja a verdade demonstram pouca prova de conversão autêntica.

117. João 14.3.

118. João Flavel, "Epistle Dedicatory," em *The Works of John Flavel* (London: Banner of Truth, 1968), 1: xix–xx.

119. Eclesiastes 1.2.

120. Isaías 64.6; Romanos 7.18.

121. Romanos 3.12.

122. Isaías 1.6.

123. Apocalipse 3.17.

124. Tiago 4.14.

125. Salmo 1.4.

126. 1 Coríntios 3.11–15.

127. Salmo 49.7–9.

128. Salmo 49.7–9.

129. Filipenses 3.8–9.

130. João 15.1–6; Colossenses 3.4.

131. Filipenses 1.6.

132. Helen H. Lemmel, "Turn Your Eyes upon Jesus" (Volve os olhos a Cristo), refrão.

133. Jeremias 2.13; Zacarias 13.1.

134. 2 Pedro 1.3.

135. Tiago 1.17.

136. Isaías 55.2.

137. Salmo 34.8.

138. Números 11.5.

139. Salmo 34.8.

140. Hebreus 5.2.

141. 1Pedro 2.1–3.

142. Hebreus 5.14.

143. 2Samuel 9.6–7.

144. Filipenses 3.12–14.

CRISTO À PORTA DO CORAÇÃO

*Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e
cearei com ele, e ele, comigo*
– Apocalipse 3.20

“Cristo à porta do coração” por Sallman Warner é uma pintura religiosa bem conhecida, tanto por evangélicos quanto por católicos romanos.¹⁴⁵ O artista baseou o quadro no chamado de Cristo à igreja de Laodiceia, em Apocalipse 3.20: “Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo”.

De acordo com a interpretação do texto pelo artista, Cristo bate à porta do coração humano e pede entrada. O mais notável é que não há nenhuma maçaneta ou ferrolho externo, e isso não foi descuido do artista. Na verdade, ele queria ilustrar que o coração humano só pode ser aberto de dentro para fora. Para entrar, o sempre gracioso Cristo não força nem usa alavanca. Deus deseja salvar, mas depende da pessoa abrir o coração e permitir-lhe entrada. Cópias impressas desta obra estão em muitas grandes catedrais como também em minúsculas capelas por todo o mundo ocidental. Numerosos sermões, folhetos e livros evangelísticos fazem referência a este quadro, que se tornou marca sinalizadora do convite ao evangelho.

UMA INTERPRETAÇÃO ERRÔNEA

É difícil exagerar o poder da mídia em qualquer forma que ela se apresente. A maioria das pessoas não baseia sua ideia da história em fontes primárias, mas na interpretação daquele evento pela mídia, em um quadro de vida morta, uma novela ou romance, ou um filme do cinema popular. O filme de Cecil B. DeMille de 1956, *Os dez mandamentos* é um bom exemplo disso. O entendimento de muitas pessoas quanto ao êxodo de Israel do Egito é baseado mais no filme popular clássico do que nas Escrituras.

Semelhantemente, parece que muitos que pregam sermões evangelísticos sobre Apocalipse 3.20 os baseiam mais na pintura de Warner do que na consideração séria do texto. Assim, os pregadores dizem ao povo que Cristo bate à porta de seus corações e só eles têm o poder de abrir a porta, convidando-o, mediante uma oração, para entrar. Se a pessoa ora e está confiante de sua sinceridade, é-lhe assegurado que Cristo já entrou em seu coração e o salvou. Dizem a ela que deverá firmar-se sobre esta verdade pela fé e não confiar nos sentimentos ou emoções. Aqueles que aconselham os novos convertidos muitas vezes confrontam as suas dúvidas com o seguinte raciocínio:

1. Cristo prometeu entrar em seu coração se você abrir a porta.
2. Você abriu a porta pela fé e em oração.
3. Cristo sempre cumpre suas promessas, e, portanto, ele entrou no seu coração. Se não tiver entrado, ele é mentiroso.
4. Porém, sabemos que Cristo não mente; portanto, sabemos que a sua salvação está assegurada.

Devido a essa lógica, numerosos indivíduos acreditam que são salvos, ainda que demonstrem pouca evidência de mudança em sua vida. Não mostram a mínima dedicação a Cristo em sua vida diária, e estão sem marcas externas do

verdadeiro cristianismo. Como explicamos isso? O texto não está errado, e sim, a interpretação e aplicação popular dele é que estão equivocados.

Quando olhamos Apocalipse 3.20 em seu contexto, vemos algo muito diferente do retrato que nos foi apresentado pelo evangelismo moderno. Primeiro, Cristo não bate à porta do coração do pecador, mas à porta da igreja de Laodiceia. Segundo, ele não está pedindo às pessoas que o convidem a entrar os recônditos mais profundos de seu coração por meio de uma oração. Aqui ele está repreendendo um grupo de pessoas que congregam em seu nome, ordenando-lhes que se arrependam da apatia que têm para com ele (não são nem quentes nem frios, mas mornos), de sua cegueira espiritual (não enxergam que são desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus) e de seu materialismo e orgulho (dizem que são ricos e se tornaram prósperos e não precisam de nada).¹⁴⁶ Terceiro, ele não chama os homens à fé no evangelho nem está prometendo vida eterna a um grupo de descrentes. Ele está prometendo comunhão restaurada e galardão eterno às pessoas de dentro da igreja que ouvirem sua voz e renovarem seu relacionamento com ele, mediante um arrependimento autêntico.

UMA PERIGOSA CONTRADIÇÃO

O contexto e propósito imediato de Apocalipse 3.20 têm muito pouco a ver com o evangelismo e isso deveria levantar algumas bandeiras vermelhas. Isto é verdade particularmente quando percebemos que a Escritura, em nenhum lugar, manda as pessoas responderem à mensagem do evangelho abrindo seus corações e pedindo que Jesus entre. Em vez disso, a Escritura ordena às pessoas que se arrependem dos seus pecados e confiem em Cristo.¹⁴⁷

É também interessante que este texto tenha se tornado base para a maioria das metodologias evangelísticas contemporâneas e um dos trechos da Escrituras mais empregados no evangelismo, mesmo que tenha pouco a ver com o evangelismo de verdade. Ao mesmo tempo, o trecho de Atos 16.14, que oferece uma descrição bíblica do evangelismo apostólico e da obra de Deus na salvação é quase totalmente ignorado: “Certa mulher, chamada Lídia, da cidade de Tiatira, vendedora de púrpura, temente a Deus, nos escutava; o Senhor lhe abriu o coração para atender às coisas que Paulo dizia”.

Muitos pregadores usam Apocalipse 3.20 como base para exortar as pessoas a abrirem a porta do coração para Cristo e ilustram que a maçaneta do coração humano está do lado de dentro. Isso para demonstrar que Deus não pode ou não quer abrir pelo lado de fora, e somente os seres humanos têm o poder de fazê-lo. Como no quadro de Warner, Cristo espera, sem poder fazer nada, implorando entrada. O texto, então, é usado para ilustrar uma doutrina que não ensina, e valida uma metodologia evangelística que não se encontra em nenhum lugar da Escritura.

Além do mais, essa interpretação contemporânea e uso de Apocalipse 3.20 é contradição direta do ensino claro de Atos 16.14, onde as Escrituras declaram nitidamente que Deus abriu o coração de Lídia a responder às coisas sobre as quais Paulo falava. Ali, a palavra *abrir* é traduzida do grego *dianoígo*,¹⁴⁸ que o renomado estudioso de grego, A. T. Robertson define como “abrir ampla ou completamente, como os dois lados de uma porta dobrada”.¹⁴⁹ O lexicólogo de

grego, Joseph Henry Thayer dá um significado similar: “abrir mediante dividir ou separar, abrir totalmente”.¹⁵⁰ Em outro lugar de seus escritos, Lucas usa a mesma palavra para descrever o primogênito abrindo o ventre da mãe,¹⁵¹ Jesus abrindo a mente dos discípulos para entender as Escrituras,¹⁵² e Deus abrindo os céus para revelar Jesus em pé, à sua destra.¹⁵³ Esses eventos não são passivos; pelo contrário, demonstram ação e poder, o primeiro da parte do Filho e os dois seguintes da parte de Deus.

Um uso próprio

O evangelismo contemporâneo usa Apocalipse 3.20 perigosamente mal, mas o texto tem um válido uso como convite ao evangelho se uma sã teologia e compreensão correta da conversão autêntica a acompanharem. Embora a maioria dos estudiosos sérios imediatamente ressalte que Cristo esteja falando a uma congregação apática, autossatisfeita e autoenganada, admitem também que o texto oferece ilustração da paciência de Cristo com o pecador e sua perseverante oferta de comunhão. Vista em luz correta, podemos aplicar Apocalipse 3.20 da seguinte maneira:

“Eis que estou à porta e bato...”. Este texto ilustra a verdade de que há um chamado universal do evangelho, e nenhum cristão deverá duvidar disso. Em todas as Escrituras, Deus deixa claro que não tem prazer na morte do ímpio, mas em que ele deixe seus caminhos errados e viva.¹⁵⁴ Portanto, somos responsáveis a ofertar o evangelho de Jesus Cristo a toda criatura debaixo do céu e chamar todas as pessoas de todo lugar ao arrependimento e fé.¹⁵⁵ Devemos fazê-lo fervorosamente e consistentemente até a volta do Senhor. Deverá ser nossa obsessão magnífica oferecer o evangelho a toda pessoa da nossa geração, sem exceção, e, ao fazê-lo, humildemente avisar nossos ouvintes que Cristo o visitou, e também chamou, mediante a mensagem que nós pregamos.

Segundo, aprendemos deste texto que o chamado de Deus ao pecador é tanto paciente como também constante. Ele é um Deus compassivo e gracioso — tardio para se irar e abundante em benignidade e verdade.¹⁵⁶ Portanto, ele chama até o mais endurecido pecador, e atende até mesmo aqueles que desprezaram suas misericórdias durante toda a vida. Isaías ilustra de modo belíssimo e poderoso a longanimidade de Deus quando escreve:

Fui buscado pelos que não perguntavam por mim; fui achado por aqueles que não me buscavam; a um povo que não se chamava do meu nome, eu disse: Eis-me aqui, eis-me aqui. Estendi as mãos todo dia a um povo rebelde, que anda por caminho que não é bom, seguindo os seus próprios pensamentos; povo que de contínuo me irrita abertamente, sacrificando em jardins e queimando incenso sobre altares de tijolos (65.1-3).

O pregador deve dar grande importância à longanimidade de Deus para com os pecadores, porque é a bondade, tolerância e paciência de Deus que leva as pessoas ao arrependimento.¹⁵⁷ Contudo, o pregador obrigatoriamente tem de advertir o pecador a respeito de um dia, conhecido somente por Deus, quando o chamado à salvação findará, e o juízo será tudo que permanecerá.

“Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta...”. A maravilhosa verdade revelada nesta frase é que Deus chama as pessoas a responderem à mensagem do evangelho. Qualquer pregação que não exija uma resposta das pessoas será, quando muito, desequilibrada e herética, se não pior. O evangelista não terá cumprido sua tarefa se apenas proclamar a mensagem, deixando o ouvinte sem senso de urgência, sem um sentido de que ele estará perdido até que tenha respondido ao apelo do evangelho. Isto fica claro pelos exemplos deixados pelo próprio Senhor e seus apóstolos nas Escrituras. Desde o início de seu ministério, Jesus ordenou que as pessoas atendessem ao chamado do evangelho com arrependimento e fé.¹⁵⁸ No dia de Pentecostes, Pedro exortou fortemente seus ouvintes à ação, dizendo: “Salvai-vos desta geração perversa” (Atos 2.40). O apóstolo Paulo persuadiu e implorou aos pecadores em favor de Cristo a se

reconciliarem com Deus.¹⁵⁹ Dele é que lemos uma das mais poderosas exortações das Escrituras aos pecadores: “eis, agora, o tempo sobremodo oportuno, eis, agora, o dia da salvação” (2Coríntios 6.2).

O evangelho, claramente e sem desculpas, exige uma resposta daquele que ouve. Porém, essa resposta não se confina à repetição em particular de uma oração escrita nas costas de um folheto evangelístico ou ao ato de ir à frente no final de uma mensagem evangelística. Todo o conselho da Escritura é que pecadores devem responder abrindo suas vidas à obra salvadora e governo soberano de Cristo. A Escritura os conclama a arrependerem-se dos pecados, desviarem-se de toda forma de autonomia ou autogoverno, e confessarem Jesus como Senhor.¹⁶⁰ A Escritura nos ordena a nos afastarmos de qualquer esperança de salvação por meio do braço da própria carne e lançar-nos pela fé sobre as misericórdias de Deus em Cristo. Para que compreendamos o significado de ouvir a voz de Cristo e abrir nossas vidas para ele, temos de considerar os seguintes textos do evangelho de João: “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão (5.25). “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (10.27).

No primeiro versículo, Cristo fala da salvação como uma ressurreição daqueles que estavam espiritualmente mortos. É uma obra sobrenatural e milagrosa pela qual ele transforma o coração do pecador e o infunde de vida espiritual.

Pelo magnífico e ilimitado poder de Cristo, o novo convertido é ressuscitado como nova criatura, criado em Cristo Jesus para andar nas boas obras que Deus preparou para ele antes da fundação do mundo.¹⁶¹ É uma ressurreição espiritual que não é menos milagrosa ou transformadora de vida que a ressurreição de Lázaro diante da ordem de Cristo. Portanto, seria absurdo achar que uma pessoa realmente pudesse ouvir a voz de Cristo e experimentar obra tão poderosa de Deus, e ainda permanecer não transformada pelo evento. Conforme nos ensina João 5.25: “Os que a ouvirem *viverão*”. Consequentemente, eles também “andarão em novidade de vida” (Romanos 6.4).

No segundo texto do evangelho de João que estamos destacando, observamos que uma das características daqueles que verdadeiramente ouviram a voz de Cristo e abriram sua vida a ele é que continuam a segui-lo. Seria absurdo pensar, e herético ensinar, que uma pessoa pudesse ouvir a voz de Cristo e ser ressuscitada da morte espiritual sem experimentar efeitos permanentes desse evento em sua vida. Igualmente, é contrário ao que diz João 10.27 achar que a pessoa pudesse abrir sua vida a Cristo apenas para receber a salvação, para então fechá-la de novo para viver uma vida de autonomia, sem dar a mínima ao seu salvador. Faremos bem em lembrar que a ideia hebraica de *ouvir* inclui não apenas o ato de escutar, mas também o ato de obedecer.

Mais uma vez, temos de apresentar uma simples verdade do evangelho: as pessoas são salvas somente pela graça, mediante somente a fé; a salvação é dom de Deus, separada de todo mérito humano e exclui toda vanglória na carne.¹⁶² Porém, é também uma obra sobrenatural do Espírito, pela qual uma pessoa se torna nova criatura e feitura de Deus. Esta verdade garante que a pessoa que ouviu e abriu sua vida para a salvação de Deus progredirá em santificação pessoal e conformidade com Cristo. Não é pela força da vontade do convertido, mas pelo poder e fidelidade do Deus que salva. Aquele que começou boa obra nessa pessoa vai completá-la.¹⁶³

“... *Virei a ele...*”. Uma das maiores e mais amadas realidades da nova aliança é que Cristo habita em seu povo. Ele é nosso verdadeiro Emanuel até o final dos tempos.¹⁶⁴ É importante declarar que quando a Escritura se refere à habitação de Cristo no crente, não está falando de modo poético nem metafórico, mas ressaltando uma realidade verdadeira para todo filho de Deus. Em sua carta à igreja de Colossos, o apóstolo Paulo refere a Cristo em nós como verdadeiro fundamento da esperança do crente para a glória futura.¹⁶⁵ A habitação de Cristo pelo Espírito, que produz vida espiritual interior bem como uma transformação exterior discernível, assegura ao crente de que ele pertence a Cristo e tem boa razão de esperar na glória final que ainda está para vir. Assim, a habitação de

Cristo pelo Espírito não é algo passivo, mas cheio de energia.¹⁶⁶ Não é secreto ou limitado a alguma impressão mística subjetiva. Em vez disso, é uma realidade discernível e notadamente observável.

Cristo promete vir a todos quantos receberem a ele pela fé, no entanto, nós temos de reafirmar que a evidência da fé, a prova de que o recebemos, será a ativa operação de Cristo em nós, conformando-nos à sua imagem, uma transformação gradual, contudo, que perdura, na pessoa que confessa seu nome. No evangelho de João encontramos um texto que mostra o grande significado da habitação de Cristo no crente: “Respondeu Jesus: Se alguém me ama, guardará a minha palavra; e meu Pai o amará, e viremos para ele e faremos nele morada” (14.23).

Jesus não está ensinando que sua habitação no cristão é baseada na magnitude do amor que o crente tem por ele nem na eficácia da obediência do crente a Cristo. Amar a Cristo e guardar a sua palavra não granjeiam a sua habitação, mas demonstram sua realidade. Sabemos que nascemos de novo e somos habitação de Cristo pelo Espírito porque temos por ele um amor que antes não existia, e demonstramos novo relacionamento com sua Palavra, marcado por crescente obediência a ela.

Tal ensino bíblico está em forte contraste à ideia popular de que as pessoas conseguem ficar firmes sobre sua esperança da salvação, simplesmente por ter uma vez feito uma oração pedindo que Jesus entrasse em seus corações. Mesmo que não experimentem um sentimento interno nem evidência externa de que Cristo habite seu interior, eles permanecem firmes simplesmente porque ele realmente prometeu e eles pediram sinceramente. Isso trata a habitação de Cristo como uma realidade passiva, sem poder, indiscernível. A salvação se torna nada mais que um bilhete de entrada para o céu, sem expectativa de que tenha efeito discernível sobre o caráter da pessoa ou sua relação com Deus.

Por mais popular que seja essa interpretação, ela não tem fundamento na Escritura. Ainda que uma pessoa possa experimentar segurança cada vez maior quando considera a sua experiência de conversão, tal consideração não é o único fator a determinar a validade de sua profissão de fé em Cristo.

Existem outros fatores importantes e indispensáveis, como a obra contínua de Deus que produz santificação na vida do crente: um aprofundamento do arrependimento, o crescimento na fé, um maior apreço por Cristo, e uma mais profunda submissão à sua vontade.

“... e cearei com ele, e ele comigo”. Uma das maiores promessas do evangelho é a comunhão com Cristo, no entanto, isso parece ter ficado ignorado diante de um benefício mais desejável: a autopreservação do pecador. As pessoas são estimuladas a pedir que Jesus entre em seu coração para que elas obtenham a promessa de uma vida melhor neste mundo, e evitem a destruição eterna no mundo futuro. Ainda que essas promessas sejam válidas, quando damos a elas prioridade maior do que à promessa de comunhão com Cristo, elas distorcem o evangelho. É uma contradição ao significado de vida eterna conforme Jesus via: “E a vida eterna é esta: que te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste” (João 17.3).

O diabo discerniu corretamente ao declarar que uma pessoa faria qualquer coisa para salvar a própria pele.¹⁶⁷ Ela faz uma oração, frequenta uma igreja, se envolve no culto religioso e pode até mesmo se oferecer como mártir. Porém, o ser humano depravado não foi transformando de maneira radical para que estime a Cristo e deseje comunhão com ele. Isso requer obra sobrenatural do Espírito de Deus. A oferta de uma vida melhor ou alegria eterna atrairá muitas pessoas carnis, mas o oferecimento de comunhão com Cristo só atrairá aqueles a quem o Espírito de Deus chamar: “Ninguém pode vir a mim se o Pai, que me enviou, não o trouxer; e eu o ressuscitarei no último dia.” (João 6.44).

Como cristãos e ministros do evangelho, temos de nos lembrar de duas importantes verdades ao utilizarmos Apocalipse 3.20 para compartilhar Cristo com os outros. Primeiro, temos de propor exaltar a Cristo e demonstrar o seu valor a nossos ouvintes, para que desejem acima de tudo a comunhão com ele. Embora haja inúmeros benefícios do evangelho que devemos deixar conhecidos, temos de proclamar Cristo como principal de todos os benefícios, e mais valioso

do que a soma de todos os outros. Na verdade, devemos nos esforçar por mostrar ao pecador que, à luz de Cristo, todos os demais benefícios são de pouco valor ou consequência.

O que o pregador pode oferecer que se compare a Cristo? Devemos deixar de lado esse tema exaltado para falar de coisas menores a fim de atrair pessoas carnais, que preferem comer no cocho do suíno em vez de banquetear à mesa do Senhor? Se nosso tema principal for a beleza de Cristo e a glória do seu evangelho, pode ser que atraíamos menos pessoas, mas os que vierem não o farão em vão. Pelo Espírito de Deus, eles virão por causa de Cristo, e permanecerão por causa de Cristo. Ainda que toda promessa de prosperidade e alegrias terrenas pareçam faltar, elas permanecerão no curso porque tiveram um vislumbre do Cristo glorioso, e consideraram tudo mais como lixo quando comparado a ele.¹⁶⁸

Em segundo lugar, temos de usar este texto amado para mostrar que a evidência de uma pessoa ter aberto a porta a Cristo, experimentando a verdadeira conversão, é que ela continua em comunhão com Cristo. Jesus prometeu: “Virei a ele e cearei com ele, e ele comigo”. Aqui, Jesus ensina uma verdade vital de que o resultado de sua habitação do novo crente será o começo e a continuação de comunhão real, que perdura, entre Cristo e aquela pessoa. É esta uma das marcas da verdadeira conversão. Sabemos e temos certeza de que Cristo nos salvou e mora em nós por causa da comunhão mútua: ele ceia conosco, e nós com ele.

É de extrema importância perceber que esta promessa de comunhão permanente não é declarada como mera possibilidade, mas como realidade certa — como algo que acontece na vida de todo crente verdadeiro. É muito semelhante a uma das mais belas promessas do Antigo Testamento quanto à nova aliança: “Dar-lhes-ei coração para que conheçam que eu sou o SENHOR; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; porque se voltarão para mim de todo o seu coração”. Esta promessa pactual fala de uma época quando Deus criaria para si um povo reconciliado pela morte expiatória do Messias e regenerado pelo Espírito Santo. Devido à sua obra sobrenatural em seu favor, Deus seria o seu Deus e eles seriam seu povo. Isso não é apenas um pensamento desejoso da parte

de um Deus esperançoso, mas um decreto imutável, vindo de um Deus que é soberano em tudo. Ele não somente garante sua fidelidade eterna a esse povo renovado, como também promete trabalhar neles de modo que respondam apropriadamente. Eles serão o seu povo.

Em Apocalipse 3.20, vemos algo dessa mesma certeza. Cristo não apenas promete continuar em comunhão com o verdadeiro convertido, como também sua habitação dessa pessoa garante que ela atenderá conforme ele quer. Não quer dizer que o crente sempre se manterá no curso sem falhar, nem que a sua dedicação a Cristo nunca se esfriará. Mas quer dizer que a vida do crente será marcada por comunhão real e visível com Cristo. A sua segurança da salvação não estará fundamentada apenas em uma oração feita há muito tempo, que ele acreditava fosse sincera, mas sobre uma relação permanente e mútua com o Cristo vivo.

OLHA QUEM VEM PARA O JANTAR

Antes de mudar de assunto e ir adiante, é necessário dizer mais uma coisa. Muitos dos problemas associados ao uso de Apocalipse 3.20 como meio de evangelizar seriam resolvidos se simplesmente entendêssemos e proclamássemos corretamente *quem* está batendo à porta. Não é o Cristo rejeitado, mendigando farrapos de devoção – é o Senhor da glória! O que ele precisa dos seres humanos? Está assentado no trono do céu e a terra é seu escabelo.¹⁶⁹ Mãos humanas não o servem como se ele precisasse de alguma coisa, pois ele mesmo dá a todos a vida, o fôlego e tudo quanto existe.¹⁷⁰ Se ele tivesse fome, não diria aos homens, pois o mundo inteiro é seu, com tudo que contém.¹⁷¹ Além disso, se uma pessoa pecar ou multiplicar suas transgressões, o que isso faz contra Deus? Acrescentando ainda, se um homem for justo, qual o benefício para Deus?¹⁷² A. W. Tozer estava certo:

Se todos os seres humanos de repente ficassem cegos, ainda assim o sol brilharia de dia e de noite e as estrelas continuariam a brilhar, pois eles não devem nada aos milhões de pessoas que se beneficiam com sua luz. Assim também, se todo homem sobre a terra se tornasse ateu, isso não afetaria a Deus de modo algum. Ele é quem é, sem acatar qualquer outro ser. Crer nele não acrescenta às suas perfeições; duvidar dele não tira dele coisa alguma.¹⁷³

Assim, Cristo bate à porta do coração humano como Senhor gracioso a quem devemos reverenciar e honrar, não como um rejeitado mendigo de quem nós devemos ter dó. Quando ele entra no coração humano, é ele quem dá todas as condições e faz todas as exigências. Ele não inclina sua vontade aos caprichos das pessoas, mas exige a fidelidade da pessoa por inteiro. Por isto é que nas Bem-aventuranças Cristo ensina: “Bem-aventurados os limpos de coração” (Mateus 5.8). Abençoados são aqueles cujos corações são puros e sem mistura ou competição de lealdades contrárias, porque verão a Deus. Como ilustração, digamos que Cristo esteja batendo à porta do coração humano. Ele oferece à pessoa grandes promessas de cura, paz e vida eterna. Então, ao ouvir sobre os

benefícios dessa salvação, a pessoa estende a mão à maçaneta da porta, pronta para abrir. Porém, antes de mexer na tranqueta, Cristo fala uma palavra de advertência:

Se você abrir a porta, eu entrarei e cumprirei toda promessa que eu tiver feito, mas entrarei como Senhor, e a minha vontade é a lei. Tudo que você é e tudo que tem é meu, e eu farei de acordo com meu bom prazer e propósito. Você será meu servo, e eu serei seu Senhor. Eu o ensinarei, o provarei, o disciplinarei e tirarei de você tudo que não me agrada. Tomarei posse de sua vida e o conformarei à minha imagem. Esteja avisado! No momento que você abrir a porta para mim, estará fechando a porta a tudo mais. Um “sim” para mim é um “não” para o mundo, e ganhar-me é perder o mundo.

Negar tal chamado ao evangelho é negar tudo que Jesus Cristo ensinou sobre a natureza radical e exigente da verdadeira conversão e discipulado.

145. Sallman Warner (1892–1968) foi pintor cristão de Chicago. Sua obra é baseada na obra anterior do pintor britânico William Holman Hunt, “A Luz do Mundo”, completada em 1853.

146. Apocalipse 3.16-17.

147. Marcos 1.15; Lucas 24.46–47; Atos 16.30–31; 17.30.

148. Do prefixo grego *día* (dois, divide, atravessa) e o verbo *anoígo* (abrir).

149. Robertson, *Word Pictures*, 3:252.

150. Thayer, *Greek-English Lexicon*, 140.

151. Lucas 2.23.

152. Lucas 24.45.

153. Atos 7.56.

154. Ezequiel 18.23.

155. Marcos 16.15; Atos 17.30.

156. Êxodo 34.6.

157. Romanos 2.4.

158. Marcos 1.15.

159. 2Coríntios 5.11, 20.

160. Romanos 10.9–10.

161. 2Coríntios 5.17; Efésios 2.10.

162. Efésios 2:8–9.

163. Filipenses 1.6.

164. Isaías 7.14; Mateus 1.23; 28.20.

165. Colossenses 1.27. A. T. Robertson escreve: “Aqui ele se dirige a gentios, mas a ideia de “em” é “em” e não “entre”. É a experiência pessoal e presença de Cristo na vida de todo indivíduo crente que Paulo tem em mente, o Cristo que habita em o coração como em Efésios 3.17. Ele constitui também a esperança da glória, pois ele é o *shekina* de Deus. Cristo é nossa esperança agora (1Timóteo 1.1) e a esperança da consumação que virá no futuro (Romanos 8.18).” *Word Pictures*, 4:485.

166. William Hendriksen, *New Testament Commentary: Exposition of Colossians and Philemon* (Grand Rapids: Baker, 1964), 91.

167. “Então, Satanás respondeu ao SENHOR: Pele por pele, e tudo quanto o homem tem dará pela sua vida” (Jó 2.4).

168. Filipenses 3.7–8.

169. Isaías 66.1.

170. Atos 17.25.

171. Salmo 50.12.

172. Jó 35.6-7.

173. A. W. Tozer, *The Knowledge of the Holy* (New York: Harper & Row, 1961), 40. *O Conhecimento do Santo* (São Paulo: Editora Mundo Cristão, 1972).

PARTE 2



UM NOVO CORAÇÃO E A NATUREZA DA VERDADEIRA CONVERSÃO

Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas. Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. – Ezequiel 36.22-28.

O GRANDE MOTIVO E FIM DA SALVAÇÃO

Dize, portanto, à casa de Israel: Assim diz o SENHOR Deus: Não é por amor de vós que eu faço isto, ó casa de Israel, mas pelo meu santo nome, que profanastes entre as nações para onde fostes. Vindicarei a santidade do meu grande nome, que foi profanado entre as nações, o qual profanastes no meio delas; as nações saberão que eu sou o SENHOR, diz o SENHOR Deus, quando eu vindicar a minha santidade perante elas. — Ezequiel 36.22–23

Entre as mais importantes questões da religião cristã estão estas: O que moveria um Deus justo e santo a fazer o bem e operar a sua redenção por pessoas más? Como ele pode ser amigo dos pecadores, quando seus olhos são puros demais para contemplar o mal?¹⁷⁴ Será que o Juiz de toda a terra não faria somente o bem?¹⁷⁵

Qualquer que tenha considerado seriamente a teologia pura (ou seja, o estudo da pessoa e dos atributos de Deus) e a total depravação da humanidade caída deverá imediatamente reconhecer que não existe afinidade entre o caráter e as obras de Deus e o caráter e obras dos seres humanos. Deus é bom, justo, e amável. A humanidade caída é má, ímpia, absorvida por si mesma e sem amor. Se essa baixa visão do homem nos choca, devemos reconhecer que as Escrituras são ainda mais duras em sua denúncia da humanidade:

[Os homens são] cheios de toda injustiça, malícia, avareza e maldade; possuídos de inveja, homicídio, contenda, dolo e malignidade; sendo difamadores, caluniadores, aborrecidos de Deus, insolentes, soberbos, presunçosos, inventores de males, desobedientes aos pais, insensatos, perversos, sem afeição natural e sem misericórdia. (Romanos 1.29–31).

Como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios, a boca, eles a têm cheia de maldição e de amargura; são os seus pés velozes para derramar sangue, nos seus caminhos, há destruição e miséria; desconhecaram o caminho da paz. Não há temor de Deus diante de seus olhos” (Romanos 3.10–18).

À luz da avaliação das Escrituras quanto ao homem caído, a mente treinada biblicamente não pergunta como Deus pode estar contra os homens, condená-los ou até mesmo destiná-los à separação eterna. Ele deveria se perguntar como Deus pode amar os homens, justificá-los e trazer-lhes a uma relação de proximidade com ele, sem lançar dúvidas sobre a sua própria virtude ou integridade. Afinal de contas, uma pessoa traz em questionamento a sua moralidade por meio dos relacionamentos que desenvolve e das companhias que mantém.

Ilustramos o problema com o seguinte: uma pessoa poderá ser julgada como má devido a suas obras más. Hitler ficou conhecido na história como epítome da maldade humana devido a seus crimes horrendos contra a humanidade. Contudo, uma pessoa que não tenha cometido tais coisas ainda poderá ser considerada má por sua associação com aqueles que os cometeram. Por exemplo, Um homem que não cometeu as atrocidades de Hitler, mas sabia delas e ainda considerava Hitler como amigo, procurando salvá-lo das consequências daquelas atrocidades, seria considerado mau. Embora fosse inocente de qualquer envolvimento direto com as obras más, ele demonstraria sua maldade por sua ligação e amizade com a pessoa que as cometeu.

Então, por que um Deus santo e justo, que odeia o mal e tem por ele repulsa, procuraria relacionamento com pessoas más, para salvá-las das consequências do pecado? Antes de considerar a resposta da Escritura, temos de desfazer uma opinião contemporânea popular e blasfema: que Deus tenha se movido a salvar a humanidade devido a alguma necessidade divina ou desejo por relacionamento.

É preocupante que tantas pessoas tenham caído tanto que não consigam ver quando uma opinião é contradição direta das Escrituras e do pensamento cristão histórico. Uma das mais importantes e encorajadoras doutrinas quanto aos

atributos de Deus é a sua autossuficiência. Deus não tem necessidade de nada, nem precisa relacionar-se com o homem. O cristianismo no Ocidente tem exaltado o valor do homem além de toda medida, de forma que, hoje, coloca a humanidade acima de Deus, como fim de todas as coisas, possuindo valor além de toda estima. Temos nos convencido de que não haveria céu sem que nós existíssemos e que Deus não seria completo se a humanidade permanecesse perdida. Porém, as Escrituras calculam o valor total das nações como “uma gota no balde” e “um grão de poeira sobre a balança” (Isaías 40.15). Em resposta à ideia de que Deus tenha uma necessidade que só será satisfeita pelos homens, o apóstolo Paulo apresenta a seguinte declaração: “O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas” (Atos 17.24).

Deus não tem nenhuma falta e, portanto, não necessita de nada ou ninguém fora de si mesmo para manter ou enaltecer a sua existência. Ademais, Deus não precisa de relacionamentos, pois o Pai, Filho e Espírito existem em perfeita comunhão um com o outro desde a eternidade. Deus infinitamente abundante não criou o mundo por alguma necessidade divina, mas por superabundância.

O AMOR DE DEUS

Voltamos agora às Escrituras para responder a pergunta que está diante de nós: O que levou Deus a nos salvar? A primeira resposta a considerar é de 1João 4.8. Em certo sentido, esta resposta não deve surpreender o cristão, no entanto, noutra, deverá sempre nos surpreender e deixar-nos maravilhados: “Deus é amor”. Deus amou a humanidade caída porque Deus é amor. Tal declaração simples não somente nos ensina que Deus *ama*, ainda que isso em si seja uma extraordinária verdade, como também que ele *é* amor — ensina também que o amor de Deus é muito mais que uma decisão, disposição ou obra. É um *atributo* de Deus, parte de seu ser e de sua própria natureza. Por causa de quem ele é, ele se entrega graciosamente aos outros, sem egoísmo, para benefício e bem deles. Assim, o amor de Deus para com as pessoas é resultado de quem ele *é* e nada tem a ver com valor ou mérito do objeto de seu amor. Ele não salva as pessoas por causa delas, mas apesar delas. O amor de Deus flui dele por sua própria vontade e virtude. Alguma virtude ou mérito — evidente ou latente, inerente ou derivado — no caráter ou nas obras do homem, não faz com que Deus conceda alguma coisa. A lógica é simples: Deus salva homens maus porque os ama, e os ama porque ele *é* amor.

Esta verdade sobre o amor imerecido e incondicional de Deus é ilustrada de maneira maravilhosa no livro de Deuteronômio, onde Deus explica a base ou motivação por escolher a Israel. Moisés lembra ao povo: “Não vos teve o SENHOR afeição, nem vos escolheu porque fôsseis mais numerosos do que qualquer povo, pois éreis o menor de todos os povos, mas porque o SENHOR vos amava” (7.7–8).

Israel pergunta: Por que me amaste? e Deus responde: “Eu te amei porque eu te amei”. O amor de Deus por Israel e pela humanidade caída nada tem a ver com quem são ou o que fizeram – pelo contrário, tem tudo a ver com quem Deus *é* e o que ele determinou. Deus ama as pessoas pecadoras e caídas porque ele *é* amor e determinou firmar neles o seu amor.

A verdade do amor de Deus a despeito da humanidade caída, com completa falta de merecimento, é ainda ilustrada no livro de Ezequiel. Ali, Deus descreve a natureza miserável, até mesmo repulsiva, de Israel — e de todos nós — antes de sua obra redentiva em nossa vida:

Assim diz o SENHOR Deus a Jerusalém: A tua origem e o teu nascimento procedem da terra dos cananeus; teu pai era amorreu, e tua mãe, hetéia. Quanto ao teu nascimento, no dia em que nasceste, não te foi cortado o umbigo, nem foste lavada com água para te limpar, nem esfregada com sal, nem envolta em faixas. Não se apiedou de ti olho algum, para te fazer alguma destas coisas, compadecido de ti; antes, foste lançada em pleno campo, no dia em que nasceste, porque tiveram nojo de ti. Passando eu por junto de ti, vi-te a revolver-te no teu sangue e te disse: Ainda que estás no teu sangue, vive; sim, ainda que estás no teu sangue, vive. (Ezequiel 16.3–6)

Neste texto, Deus descreve o povo de Israel — e toda a humanidade decaída — como criança de linhagem vergonhosa e nascimento ignóbil: nascida de uma raça inimiga, suja e abortada, abandonada em campo aberto, e revirando em seu próprio sangue. Até mesmo a pessoa mais terna não se moveria a salvar criatura tão grotesca, encontrada em estado tão miserável. Contudo, Deus, sendo rico em misericórdia, por causa de seu grande amor com que nos amou, mesmo quando estávamos mortos em nossas transgressões, nos tornou vivos juntamente com Cristo.¹⁷⁶

A glória do evangelho não está em Deus salvar criaturas valorosas cuja beleza atrai seu amor e torna impossível que ele viva sem nós. A glória do evangelho é que Deus salva pecadores vis e desgraçados, que se sujaram completamente, que evocam desdém e abandono da parte de todos, exceto do próprio Deus que é amor.

A GLÓRIA DE DEUS

Fizemos uma breve saída de Ezequiel 36.22–28 para considerar o amor imerecido de Deus como a principal motivação de sua obra salvífica entre pecadores que nada merecem. Agora retornamos ao texto para encontrar a grande motivação por trás de todas as obras de Deus: a promoção da sua glória. Em suma, Deus salva as pessoas por seu próprio amor e de acordo com seu bom prazer. A linguagem desses versículos pode até soar estranha e ofensiva, não somente para a mente secularizada como também para um cristianismo contemporâneo encharcado de humanismo.

A primeira verdade que chama nossa atenção é que Deus não é motivado a salvar Israel porque há alguma virtude no povo. Duas vezes, neste breve texto, Deus destaca que Israel nada fez senão profanar e violar a honra de seu nome entre as nações. O apóstolo Paulo chega a ponto de dizer que o nome de Deus foi blasfemado entre os gentios devido às práticas idólatras e por causa dos atos de maldade de Israel.¹⁷⁷ Deus não encontrou em Israel uma razão para salvar, mas sim para condenação.

Se tais coisas podiam ser ditas sobre a nação de Israel, quanto mais elas se aplicam às nações pagãs em volta do mundo? Se os judeus, que tinham a lei e os testemunhos de Deus, eram totalmente desprovidos de virtude e merecimento, quanto mais não seria o pagão endurecido? A falha dos judeus elimina a exaltação deles, bem como a do mundo inteiro.¹⁷⁸ Assim, temos de nos postar de bocas cobertas enquanto é lido nosso veredicto:

Como está escrito: Não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer. A garganta deles é sepulcro aberto; com a língua, urdem engano, veneno de víbora está nos seus lábios (Romanos 3.10–12).

Se Deus não encontra em nós razão para nos salvar, então por que ele nos salva? Encontramos resposta no texto: “Eu não o faço por amor de vós... mas por amor de meu santo nome”, e novamente: “Santificarei meu grande nome... e todas as nações saberão que eu sou o SENHOR”. Deus escolheu salvar um povo para si dentre as nações, e determinou fazê-lo para sua própria glória, por amor de seu grandioso nome e para seu louvor, para que todos saibam que só ele é Deus. Conforme Deus declara por meio do profeta Jeremias:

Purificá-los-ei de toda a sua iniquidade com que pecaram contra mim; e perdoarei todas as suas iniquidades com que pecaram e transgrediram contra mim. Jerusalém me servirá por nome, por louvor e glória, entre todas as nações da terra que ouvirem todo o bem que eu lhe faço; espantar-se-ão e tremerão por causa de todo o bem e por causa de toda a paz que eu lhe dou (Jeremias 33.8–9).

Aqui, Deus claramente comunica o seu motivo para a salvação de seu povo: toda a bondade que ele mostra, redundará em louvor, glória, e reverência da parte de todos que ouvem falar sobre isso.

É importante observar que a paixão de Deus por sua glória é um tema que perpassa todo o curso da revelação divina. As Escrituras ensinam que a criação do universo, a queda do homem, a nação de Israel, a cruz de Cristo, a igreja, e o julgamento das nações têm um grande propósito final: a glória de Deus. Noutras palavras, Deus faz tudo que faz para que revele a plenitude de tudo que ele é para sua criação, a fim de que seja estimado, adorado e tenham em Deus seu prazer. Alguns dos mais eminentes teólogos na história da igreja aceitam de coração esta interpretação do texto. Charles Hodge escreve:

Os homens há muito se esforçam por encontrar resposta satisfatória à pergunta: Por que Deus criou o mundo? Qual o fim designado a cumprir?... O único meio de determinar a questão de maneira que satisfaz é apelando às Escrituras. Ali é ensinado explicitamente que a glória de Deus, a manifestação de suas perfeições, é o fim último de todas as suas obras.¹⁷⁹

Jonathan Edwards escreve:

Vemos portanto, que a finalidade de todas as obras de Deus, expressa de maneira tão variada na Escritura, é na verdade somente UMA; e este fim é chamado mais propriamente e compreensivamente: A GLÓRIA DE DEUS.¹⁸⁰

A paixão de Deus por sua glória é ensino claro da Escritura, e sem desculpas. No entanto, muitas pessoas, às vezes mesmo crentes sinceros, perguntam se é certo Deus agir por sua própria glória. Responder isso requer que consideremos quem Deus é. Conforme as Escrituras, ele é *infinitamente maior* que toda sua criação conjunta. Portanto, não é somente certo, como também necessário que ele tome o mais alto lugar e torne sua glória a grande razão ou fim principal de tudo que faz. É justo ele tomar o palco central e operar todas as coisas para que sua glória (ou seja, a plenitude de tudo que ele é) seja conhecida de todos, com fim de que ele seja glorificado (isto é, estimado e adorado) acima de tudo. Desprezar tal preeminência seria negar que ele fosse Deus. Procurar tal preeminência, para qualquer outro que não fosse Deus, seria a mais grosseira forma de idolatria. Novamente, este é o consenso comum dos teólogos e pregadores. A. A. Hodge escreve: “Sendo Deus infinitamente mais digno do que a soma de todas as criaturas, segue que a manifestação da sua própria excelência é... a mais alta e digna entre as finalidades concebíveis”.¹⁸¹ Charles Spurgeon escreve: “Deus certamente tem o mais alto motivo, e não pode haver motivação mais alta do que a sua própria glória”.¹⁸²

Uma segunda verdade que precisamos entender é que Deus não busca sua própria glória separado do maior bem maior de sua criatura. De fato, o maior bem que Deus realiza para suas criaturas, e a maior bondade que ele poderá mostrar-lhes, é glorificar a si mesmo – dirigir e operar em todas as coisas, demonstrando a plenitude de tudo que Deus é para sua criação. Se Deus é de valor, esplendor e beleza infinitos, segue que o dom mais valioso, esplêndido e belo que ele pode dar a suas criaturas é a revelação de si. Com respeito a essa preciosa verdade, Louis Berkhof escreve:

Ao buscar a autoexpressão para a glória de seu nome, Deus não descartou o bem-estar, o mais alto bem das pessoas, mas o promoveu... o fim supremo de Deus na criação, a manifestação de sua glória, portanto, inclui, como fins subordinados, a felicidade e salvação de suas criaturas, e o recebimento do louvor da parte de corações gratos e amorosos.¹⁸³

Aprendemos que Deus glorifica a si ao dirigir e agir em todas as coisas para revelar a plenitude de tudo que ele é para sua criação. Isso é especialmente verdadeiro com respeito à cruz de Cristo e à salvação que ele realizou por meio dela. Nesta única coisa, a plenitude dos atributos de Deus é revelada da maior maneira possível, a fim de que Deus seja estimado, adorado e nele haja maior prazer, tanto por anjos quanto pelos homens redimidos. Por que Deus deu seu Filho para a salvação de pessoas ímpias? Não procure a razão em uma humanidade caída, arruinada em seu valor e destituída de todo e qualquer mérito. Olhe para Deus! Ele realizou esta grande obra de salvação por amor de seu nome e para o louvor de sua própria glória! Se isso nos incomoda, devemos entender que se Deus não tivesse agido por amor de si, não teria nenhuma razão para agir em nosso favor.

Esta verdade deve inspirar não somente um senso de maravilha como também grandiosas implicações práticas, especialmente com respeito à nossa salvação. Por essa razão é que Deus jamais falha na obra de salvação que começou na vida do crente. Aquele que começou boa obra em nós sempre a aperfeiçoará porque a sua reputação está em jogo.¹⁸⁴ A salvação é uma obra de Deus e sua maior realização. O fracasso nessa tarefa singular macularia a sua glória. Esta verdade é ilustrada de modo maravilhoso no relato de Moisés sobre a rebeldia de Israel e a sua intercessão em favor deles.

Após o relato dos espias e a recusa de entrar na Terra Prometida, Deus ameaçou aniquilá-los totalmente. Em face do juízo divino, Moisés intercedeu com o seguinte argumento:

Se matares este povo como a um só homem, as gentes, pois, que, antes, ouviram a tua fama, dirão: Não podendo o SENHOR fazer entrar este povo na terra que lhe prometeu com juramento, os matou no deserto. Agora, pois, rogo-te que a força do meu Senhor se engrandeça, como tens falado,

dizendo: O SENHOR é longânimo e grande em misericórdia, que perdoa a iniquidade e a transgressão, ainda que não inocenta o culpado, e visita a iniquidade dos pais nos filhos até à terceira e quarta gerações. Perdoa, pois, a iniquidade deste povo, segundo a grandeza da tua misericórdia e como também tens perdoado a este povo desde a terra do Egito até aqui. (Números 14.15–19).

A argumentação de Moisés vem de sua paixão pela glória de Deus, e sua lógica é esplêndida: Se Deus rejeitasse totalmente seu povo e não os trouxesse à Terra Prometida, as nações atribuiriam a falha à incapacidade de Deus. Do mesmo modo, Deus não abandonará a sua obra de salvação no crente como indivíduo, mas aquele que começou a boa obra a completará até o dia final.¹⁸⁵ A perseverança de Deus e seu compromisso para com a salvação de seu povo tem como finalidade a sua glória, e não falha. “As nações saberão que eu sou o Senhor” (Ezequiel 36.23). “Jerusalém me servirá por nome, por louvor e glória, entre todas as nações da terra que ouvirem todo o bem que eu lhe faço; espantarse-ão e tremerão por causa de todo o bem e por causa de toda a paz que eu lhe dou” (Jeremias 33.9). “Mas, desde o nascente do sol até ao poente, é grande entre as nações o meu nome; e em todo lugar lhe é queimado incenso e trazidas ofertas puras, porque o meu nome é grande entre as nações, diz o SENHOR dos Exércitos” (Malaquias 1.11).

174. Habacuque 1.3.

175. Gênesis 18.25.

176. Efésios 2.4–5.

177. Romanos 2.24.

178. Romanos 3.19.

179. Charles Hodge, *Systematic Theology*, ed. Edward N. Gross (Grand Rapids: Baker, 1988), 1:565, 567.

180. Jonathan Edwards, *Dissertation on the End for Which God Created the World*, em *The Works of Jonathan Edwards* (Edinburgh: Banner of Truth, 1974), 1:119.

181. A. A. Hodge, *Outlines of Theology* (Edinburgh: Banner of Truth, 1972), 245.

182. C. H. Spurgeon, *The Metropolitan Tabernacle Pulpit: Containing Sermons Preached and Revised* (Pasadena, Tex.: Pilgrim Publications, 1969–1980), 10:304.

183. Louis Berkhof, *Systematic Theology* (repr., Edinburgh: Banner of Truth, 1998), 136–37.

184. Filipenses 1.6.

185. Filipenses 1.6.

O AUTOR DA SALVAÇÃO

Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus. — Ezequiel 36.24–28

Tendo considerado o motivo divino pelo qual Deus busca a salvação de pessoas ímpias, agora passamos a considerar a obra da conversão no indivíduo que crê. Ezequiel 36.24–28 é uma das mais belas e poderosas profecias do Antigo Testamento sobre a nova aliança inaugurada com a vinda do Messias e sua obra redentora. Oferece-nos uma das mais claras ilustrações das doutrinas da regeneração e conversão que se encontram nas Escrituras.

Para o crente que compreende o conteúdo deste texto, ele tem duplo propósito. Primeiro, oferece um padrão pelo qual medimos a validade da conversão, que resulta de uma obra sobrenatural de Deus, pela qual professamos fé em Cristo e obtemos segurança bíblica. Este texto nos ensina que na conversão autêntica, a pessoa é transformada, tornado-se responsiva à vontade de Deus. Assim, a contínua obra de Deus de santificação, bem como uma crescente submissão à sua vontade, marca a vida daquele que é realmente convertido. Segundo, este texto é fonte inexaurível de alegria, consolo e conforto. Na peregrinação do crente, muitas vezes o progresso parece lento, impedido por muitas provações e desvios. Ele indaga se conseguirá avançar ou vencer os

pecados que o assediam e cerceiam a corrida.¹⁸⁶ Este texto assegura todo crente de que aquele que começou uma boa obra a aperfeiçoará, que Deus nos limpará de toda sujeira e idolatria, e nos fará andar em seus estatutos.¹⁸⁷

A primeira grande verdade que consideraremos deste texto é que Deus é o autor e consumidor de nossa salvação, que a salvação pessoal individual, e da igreja coletivamente, é obra de Deus. É ele que a inicia, garante sua perseverança e traz sua consumação final no dia de Cristo Jesus. Muito mais que um chavão, a soberania de Deus está aqui demonstrada de maneira brilhante como fundamento da esperança do crente e fonte de sua força. A certeza com a qual Deus fala é inegável. Isso fica claro nas frases seguintes extraídas do texto. Devemos observar o uso do pronome pessoal da primeira pessoa: “EU” (Deus é quem fala), seguida de uma promessa incondicional (ele não falhará):

[Eu tomarei vocês de entre as nações] Tomar-vos-ei de entre as nações [Eu] vos congregarei de todos os países e vos trarei para a vossa terra. aspergirei água pura sobre vós; ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos.

Não há a mínima dúvida ou incerteza nestas afirmativas. Deus não está apenas falando em voz audível ou dando-nos ouvir as suas esperanças e sonhos. Não está falando daquilo que faria se conseguisse angariar nossa cooperação. Pelo contrário, ele fala como quem “faz o que lhe apraz” e opera “todas as coisas de acordo com o conselho de sua vontade” (Salmo 115.3; Efésios 1.11). Note também que Deus não somente diz o que vai fazer na vida de todo cristão, como também garante o resultado de sua obra:

e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis.

Eis o poder de Deus na salvação da sua igreja e na conversão de cada um de seus membros! Sem falha, aqueles a quem chama, ele também faz nova criação; aos que ele recria, também purifica; aqueles a quem purifica, ele habita; e aqueles em quem habita, ele também faz andar em seus estatutos e os faz cuidar em observar suas ordenanças. Temos aqui uma corrente dourada da salvação, como aquela que o apóstolo Paulo escreveu em sua carta à igreja de Roma.¹⁸⁸ Como Paulo, podemos exclamar: “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?!” (Romanos 8.31).

Aquele que começou uma boa obra há de aperfeiçoá-la por seu próprio trabalho. Isto não nega a responsabilidade humana na salvação nem a existência de uma grande batalha do cristão contra o pecado. Não nega que haverá grandes perdas como também vitórias em nossa busca de conformidade a Cristo. Porém, nos assegura de que Deus propôs fazer para si um povo, e por seu poder, ele o fará. Todos quantos ele chama virão a ele, e dos que vêm a ele, nem um sequer será perdido.¹⁸⁹ Pelo sangue de Cristo, são justificados, e pelo poder do Espírito Santo, são regenerados, santificados e conduzidos.¹⁹⁰ Embora cada um possa crescer em passo diferente e com grau maior ou menor, sendo que alguns parecem voar para a maturidade enquanto outros mal conseguem rastejar, todos progredirão rumo ao chamado de Deus em Cristo, e demonstrarão em palavras e atos que são seu povo, e ele se tornou o seu Deus.¹⁹¹

O leitor precisa entender essas verdades essenciais da conversão conforme este texto as revela. Terá de ser proclamado repetidas vezes, que a conversão bíblica produzirá frutos na vida de todo crente — embora o fruto varie, alguns produzindo cem vezes, enquanto outros sessenta e ainda outros somente trinta vezes.¹⁹² Contudo, todos frutificarão, e pelos seus frutos serão conhecidos.¹⁹³ Tal certeza não é primariamente resultado da dedicação desses crentes, mas resultado da natureza da conversão. Os que foram justificados somente pela fé tornaram-se filhos de Deus. “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas.” (Efésios 2.10).

186. Hebreus 12.1.

187. Filipenses 1.6.

188. Romanos 8.29–30 muitas vezes é chamado de “Corrente dourada da salvação”, porque apresenta, com absoluta certeza, cada aspecto da obra salvadora de Deus na vida do crente — eleição, predestinação, justificação, santificação (assumida), e glorificação: “Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. E aos que predestinou, a esses também chamou; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou”.

189. João 6.37,39; 18.9.

190. João 3.3–8; Romanos 5.9; 6.11; 8.14; 1 Coríntios 6.11; Gálatas 5.18; Tito 3.5.

191. Filipenses 3.14.

192. Mateus 13.23.

193. Mateus 7.16–20.

SEPARAÇÃO E PURIFICAÇÃO

Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra. Então, aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei. Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne. – Ezequiel 36.24-26

Nos dias atuais, em que o crescimento do cristianismo ocidental parece estar relacionado diretamente às características essenciais da conversão bíblica, o que acontece, e como se apresenta quando a pessoa nasce de novo? Podemos ser gratos porque para nós, e para a igreja em geral, tais perguntas são respondidas de maneira poderosa, conforme a promessa da nova aliança relatada em Ezequiel 36.22–28.

Nos capítulos que seguem, consideraremos algumas dessas características essenciais da verdadeira conversão, não necessariamente em ordem cronológica, conforme surgem na conversão, mas conforme o texto nos diz. Por meio desse estudo, faremos bem em perguntar a nós mesmos a que ponto estas marcas de conversão são realidades discerníveis em nossas vidas. Nas palavras do apóstolo Paulo, devemos testar e nos examinar para ver se estamos na fé.¹⁹⁴

A OBRA DIVINA DE SEPARAÇÃO

Um dos primeiros resultados que se nota na verdadeira conversão é a separação bíblica do mundo — um divórcio gradual ou uma retirada de tudo que desagrada a Deus e que se opõe à sua vontade. Tal separação não é um fim em si, mas o primeiro passo essencial para um fim maior: aproximar-se de Deus, e entregar-se aos seus propósitos e sua vontade. Esta verdade é prometida e ilustrada de maneira belíssima em Ezequiel 36.24. Por meio do profeta Ezequiel, Deus declara a seu povo: “Tomar-vos-ei de entre as nações, e vos congregarei de todos os países, e vos trarei para a vossa terra.”

Essa promessa de nova aliança não encontra cumprimento máximo apenas no retorno físico da nação de Israel do seu cativeiro na Babilônia, mas sim aguarda o dia quando Deus chamaria seu povo para si, judeus e gentios, de todas as nações e os ajuntaria sob a bandeira de seu Filho amado. Além do mais, mediante a obra de regeneração e santificação, Deus promete não apenas retirar seu povo das nações pagãs, como também tirar a influência delas do meio de seu povo. Ele deseja atraí-los a ele mesmo. Ele será seu Deus, e eles serão seu povo.

Ao nos aproximar deste texto, uma das primeiras verdades que vem à mente é que Deus é a causa ou princípio movedor na separação de seu povo do mundanismo que os cerca. Embora a separação bíblica envolva responsabilidade humana, é primariamente uma obra divina, que Deus também garante. Deus *afastará* seu povo da corrupção moral deste mundo caído e os *trará* para si. O cristão realmente se *afastará* aos poucos dos ideais e prazeres desta presente era, e *aprenderá* a andar com Deus e se firmar em seus mandamentos. Nosso texto, bem como muitos outros por todas as Escrituras, garantem tal processo. Deus é o autor e consumidor de nossa fé.¹⁹⁵ Somos sua feitura.¹⁹⁶ Aquele que começou em nós boa obra a completará.¹⁹⁷

Nas últimas décadas do cristianismo ocidental, parece que muitas verdades preciosas e grandes tem sido descartadas — ou pelo menos esquecidas. Uma dessas verdades é de que a igreja, bem como o crente como indivíduo, é possessão

de Deus. Deus tem controle absoluto deles em virtude da criação e redenção. Ele os criou e os comprou por grande preço.¹⁹⁸ São dele, portanto, para que ele faça segundo seu querer. Sob a antiga aliança, Deus disse a Israel, “sereis a minha propriedade peculiar dentre todos os povos; porque toda a terra é minha”.¹⁹⁹ Na nova aliança, Deus diz a mesma coisa à igreja. Somos possessão de Deus para o louvor de sua glória a fim de proclamar sua graça por todo o universo.²⁰⁰ Por esta razão, Cristo morreu para redimir-nos de todo efeito sem lei, e purificar para si um povo de propriedade exclusiva de Deus, zeloso de boas obras.²⁰¹

Deus não tem o direito de fazer conforme ele quer com os seus? Se pertencemos a ele pela dupla reivindicação da criação e redenção, ele também não terá o direito de nos separar da manada da humanidade e reclamar-nos para si mesmo, para seu bom prazer e para seus propósitos eternos? As Escrituras respondem a todas essas questões, sem desculpar-se, com um ressonante “sim”!

Outra verdade igualmente desprezada é que Deus é zeloso e não compartilhará o afeto de seu povo com outro.²⁰² Por isso é que ordenou Israel a não adorar ou servir a quaisquer outros deuses.²⁰³ Pela mesma razão, ele adverte a igreja, bem como o crente individual, que a amizade com o mundo é inimizade para com ele, pois ele zelosamente deseja que seu Espírito habite em nós.²⁰⁴ Embora essa doutrina do ciúme divino tenha sido grandemente criticada, é uma das mais belas verdades na Escritura. É a prova imutável do amor de Deus pelo seu povo. Duvidaríamos do amor de qualquer esposo que quisesse compartilhar sua esposa com algum outro homem. Deveríamos pensar menos do amor de Deus? Além do mais, o mais amável que Deus pode fazer por seu povo é guardá-lo de outros amores que não podem realmente satisfazer e só levam a seu maior mal.

Fundamentado nessas duas verdades, do direito de possessão e amor zeloso, Deus trabalha na vida de todos os crentes para separá-los dos falsos amores e da corrupção deste mundo caído, e nos atrair a si como possessão entesourada e transformada. Para alcançar esse desejado fim, ele não poupa esforços, esgotando todos os nossos meios e empregando e exaurindo todos nossos recursos. Como Deus declarou pelo profeta Jeremias, ele levará seu povo até o fim para o qual

foram escolhidos, e o fará: “... de todo o meu coração e de toda a minha alma” (Jeremias 32.41). Noutras palavras, ele usará a plenitude de sua divindade para garantir que sua obra seja completa.

Antes de continuar, devemos perguntar: Será que a obra de Deus de separação é uma realidade em nossa vida? Desde o momento de nossa conversão até agora, podemos traçar uma história da operação providencial de Deus para nos afastar da corrupção moral deste mundo e nos aproximar de si? Este é o testemunho e legado de todo verdadeiro cristão. Se tal obra de santificação estiver faltando ou não é discernível em nossa vida, é uma advertência para examinarmos a nós mesmos, para nos provar e verificar se estamos na fé.²⁰⁵

A OBRA DIVINA DA PURIFICAÇÃO

Uma característica que todas as pessoas caídas compartilham é sua impureza moral. O salmista declarou que todos nós nos desviamos e nos tornamos corrompidos a ponto de não existir quem faça o bem, nem um sequer.²⁰⁶ O profeta Isaías clamou que todos nos tornamos como imundos, e todos os nossos atos de justiça são como trapos imundos.²⁰⁷ O patriarca Jó discerniu a sujeira moral do ser humano como profundamente difundida; e ele disse corretamente que estava além de todo remédio humano.²⁰⁸

O testemunho da Escritura contra a humanidade não é elogioso, mas é verdadeiro. Cada página da história humana testifica que o homem caído é radicalmente depravado, moralmente corrompido e está além da ajuda de qualquer remédio humano. Por esta razão é que a promessa de Deus de que nos purificará de nossa injustiça e idolatria em Ezequiel 36.24–25 deverá ser causa de grande alegria.

A religião cristã é singular em relação a todas as outras porque requer purificação, mas nega a possibilidade de o esforço humano conseguir alcançá-la. Diferente das outras religiões, ele denuncia totalmente toda tentativa de autolibertação do jugo moral ou purificação da própria impureza moral. Por sua vez, oferece ajuda a pessoas incapazes: um Deus que só por ele pode libertar e também purificar. Diz o profeta Isaías, “Eu, eu sou o SENHOR, e fora de mim não há salvador.” (Isaías 43.11).

Em Ezequiel 36.24–25, Deus promete uma obra divina de purificação de todo aquele que ele separa para si. Pelas Escrituras, entendemos que esta purificação é tanto posicional quanto também experiencial. Tem a ver com ambas: justificação e santificação. São essas duas graças gêmeas e, portanto, inseparáveis. Aqueles a quem Deus justifica, ele também santifica.

De acordo com as Escrituras, a pessoa é justificada, ou declarada justa, mediante a obra redentora de Cristo. Nesse momento, a sua posição diante de Deus é que, como declara o salmista: suas transgressões foram perdoadas, seus

pecados encobertos, e já não são mais levados em conta.²⁰⁹ Usando outra metáfora, é como se seus pecados fossem lavados com hissopo, e o que foi lavado se tornou mais alvo do que a neve.²¹⁰ Até mesmo o olhar penetrante de um Deus santo e onisciente não encontra nela mancha ou mácula alguma.²¹¹

A doutrina da justificação pela fé é uma das doutrinas mais majestosas e confortantes das Escrituras, mas ela nunca aparece sozinha na vida do cristão. A obra de santificação progressiva, uma graça de igual beleza, sempre a acompanha. Pela justificação, o crente é declarado limpo de uma vez por todas diante do trono de Deus, limpo da culpa e da condenação de toda sujeira moral e idolatria. Além disso, a justiça de Cristo nos é imputada de modo que nos tornamos a própria justiça de Deus.²¹² Porém, por meio da obra contínua e progressiva da santificação, o crente justificado aos poucos está sendo transformado à semelhança de Cristo. Por meio da divina providência e do ministério do Espírito e da Palavra, Deus purifica o crente progressivamente da sujeira que fica e destrói os ídolos em sua vida, os quais desafiam a supremacia divina e competem por sua lealdade. A obra de Deus da justificação em nossas vidas é uma obra acabada: não há nada que falte para ser completada e nada que possa ser acrescentada. Porém, a obra de Deus de santificação de nossas vidas é algo contínuo e progressivo, e só será completada quando estivermos diante dele em glória. Novamente repetimos, a justificação e a santificação sempre se encontram juntas. Justificação torna possível a santificação, e a santificação é a evidência de que fomos justificados.

Como cada uma das outras promessas de Ezequiel 36.23–28, a obra de Deus da santificação na vida do crente não é apenas um pensamento desejoso, baseado em alguma esperança sem fundamento – é certeza absoluta, baseada em um imutável decreto divino. Embora muitas lutas marquem a vida do cristão, e ainda que o cristão experimente tanto perdas como também vitórias, o Deus que começou nele uma boa obra há de completá-la.²¹³ Os pecados que o assediam realmente *serão* aos poucos removidos, e os ídolos que o chamam para longe de Deus *serão* destruídos. Embora o crente jamais esteja sem pecado enquanto nesta vida, ele progredirá nas coisas de Deus e crescerá em conformidade com a pessoa

de Jesus Cristo. Deus asseverará sua soberania e dirigirá todas as coisas na vida do crente com este fim, e o fará para a glória do seu nome e o bem de seu povo. Ele fará com que se cumpra. Tal verdade é ilustrada na seguinte história.

Imagine um menino criado em uma fazenda no meio-oeste norte-americano. Todo dia, desde a madrugada até o entardecer, ele trabalha e brinca nos estábulos das vacas e nos sulcos arados dos campos. Toda noite ele volta para casa coberto de terra. Antes de poder entrar pela porta de casa, sua mãe o encontra na varanda com uma ordem simples: “Deixe a sua roupa na cesta de roupa suja e vá direto para o banho!”

Embora normalmente ele obedeça, certa noite o menino tolamente decide exercer sua autonomia e informa a mãe que não vai tomar banho. Diz que está cansado demais e simplesmente não está muito sujo. Sua mãe resolve rapidamente o conflito exercendo sua autoridade que, como mãe, tem por direito. Entra no quarto do menino, olha nos seus olhos e diz: “Jovenzinho, você *vai* tomar banho!”

Sabendo que não tem uma chance contra a verdadeira autoridade superior, relutantemente ele vai ao banheiro, abre a torneira e asperge um pouco de água nas áreas onde tem maior concentração de sujeira. Rapidamente, seca-se com a toalha e cobre a sujeira que permanece com seu pijama. Tudo vai conforme planejou até que sua mãe entra no banheiro. Ela enxerga a condição deplorável de suas toalhas brancas outrora limpas e a condição menos brilhante dos azulejos debaixo dos pés do menino. Ela levanta o queixo dele, revelando a sujeira ainda marcando seu pescoço. Enrola as mangas e pernas do pijama, expondo a sujeira que permanece nos cotovelos e joelhos do filho. Em resposta, mais uma vez ela exerce sua autoridade de mãe e ordena que ele tire a roupa e volte para a banheira. Diante do horror do menino, ela passa a encher de novo a banheira e esfregar com força o sabonete nele. Ela diz: “Você é meu filho e você *vai* ficar limpo!”

A mãe do menino passou a maior parte de sua vida adulta nessa fazenda. Embora ela fosse uma dama, conseguia trabalhar mais duro que a maioria dos homens — e muitas vezes o fazia. Arrebanhava o gado, arrastava fardos de feno, e

tinha mãos calejadas como qualquer peão. Quando terminava de dar banho em qualquer de seus filhos, eles estavam limpos. Parecia que ela não tinha apenas tirado a terra da pele, mas também removera uma camada da própria pele. Quando essa mãe dava banho nos filhotes, eles saíam limpos!

Note que quando a mãe do menino interveio no banho de seu filho, ninguém discutia a questão da soberania ou livre-arbítrio. Ninguém poderia acusar a mãe por abusar de sua autoridade ou violar o livre-arbítrio do garoto. Ela estava simplesmente exercendo o direito sobre seu filho, que muitas vezes era apático e relaxado, e às vezes até mesmo relutante e desobediente.

A questão diante de nós é a seguinte: será que o evangelicalismo ocidental concluiu que Deus não tem o direito de exercer sua autoridade sobre ninguém, nem mesmo sobre seus filhos? Será que uma mãe terrena deve ter maior autoridade sobre seus filhos do que Deus sobre os seus? Alguém disse com acerto que o Deus do cristianismo americano é o único Senhor onipotente e supremo de todos, que ao mesmo tempo não tem autoridade para fazer nada se primeiro não lhe derem permissão. Ele salva seus filhos do inferno, mas não tem direito de exigir nada deles para que não viole alguma noção distorcida de autonomia humana.

Imagine o absurdo, até mesmo a obscenidade do seguinte cenário: O tribunal examina o pai de várias crianças pequenas devido a seu estado de desnutrição e aparência descuidada. O pai, em sua defesa, assegura ao tribunal de que todo dia prepara as refeições dos filhos, certifica-se de que elas tomem banho e lhes dá roupas limpas. No entanto, apesar de sua diligência, as crianças simplesmente se recusam a obedecer. Embora ele realmente deseje o melhor para seus filhos, sua apreciação inalterável por sua liberdade torna impossível que ele os force. O tribunal não vai elogiar esse pai por seu respeito à autonomia humana, mas o censurará pelo comportamento irracional que levou ao negligenciar os filhos.

O número crescente de acidentes e mortes relacionados ao abuso de álcool tem aumentado de maneira alarmante, e em resposta, uma campanha da mídia usa os dizeres “amigos não deixam seus amigos dirigir bêbados”. A ideia é que

amigo de verdade vai fazer tudo que puder para evitar que seu amigo dirija enquanto estiver sob influência do álcool. É notável que ninguém argumente contra tal intervenção em defesa da autonomia humana. De fato, ninguém pensa nisso. Deixar que um amigo dirija o carro enquanto está intoxicado para honrar seu livre-arbítrio não seria considerado uma virtude, mas sim imoral ou até mesmo crime.

Os pontos de vista atuais sobre a obra de Deus e a autonomia humana não são apenas contrários ao bom senso, mas também são estranhos às Escrituras. Primeiro, o Deus da Bíblia é o Senhor que “opera todas as coisas segundo o conselho de sua vontade” (Efésios 1.11). Com certeza aquele que “torna em nada o conselho das nações” e “torna sem efeito os planos dos povos” reserva para si o direito de governar o seu povo de acordo com seus propósitos e para o seu bem (Salmo 33.10). Por esta razão o escritor de Provérbios declara, sem pedir desculpas: “O coração do homem traça o seu caminho, mas o SENHOR lhe dirige os passos” e: “Muitos propósitos há no coração do homem, mas o desígnio do SENHOR permanecerá” (16.9; 19.21). Não devemos nos alarmar e correr para defender nossa suposta autonomia porque Deus tem um plano para a vida de todo crente e exercerá seu poder a fim de cumpri-lo. Em vez disso, esta verdade deveria ser grande causa de conforto e esperança, como explica o profeta Jeremias: “Eu é que sei que pensamentos tenho a vosso respeito, diz o SENHOR; pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jeremias 29.11).

Como seu criador e redentor, Deus tem direito divino de operar na vida de seu povo conforme sua boa vontade. O profeta Isaías diz que nos opor a esse direito ou argumentar o contrário é igual à rebeldia, é discutir com o Criador.²¹⁴ É virar as coisas, reverter a ordem criada e considerar o barro igual ao oleiro.²¹⁵ Em vez de defender tenazmente nossos supostos direitos como criaturas, deveríamos nos concentrar em honrar o direito de Deus como criador e redentor.

Fariamos bem em adotar a atitude de submissão de Isaías ante a graciosa providência de Deus, e clamar: “Mas agora, ó SENHOR, tu és nosso Pai, nós somos o barro, e tu, o nosso oleiro; e todos nós, obra das tuas mãos” (Isaías 64.8).

Cristãos que têm caminhado com Deus por algum tempo descreveriam a vida cristã como demonstração da fidelidade constante de Deus, não somente por salvá-los da condenação do pecado como também por santificá-los. Quando o crente olha atrás para sua vida, ele vê incontáveis demonstrações da providência de Deus, trabalhando efetivamente para purificá-lo de toda sujeira e idolatrias.

Será que este Deus purificador, destruidor da idolatria, é uma realidade em nossa vida? Ao olharmos para trás, para os anos de nossa peregrinação, vemos Deus queimar o refugio que estava sobre nós, como fogo refinador e nos purificar como sabão do lavadeiro?²¹⁶ Enxergamos quando ele derruba os ídolos em nossa vida como derrubou a Dagom, esmiuçando-o no próprio templo?²¹⁷ Se somos verdadeiros crentes, a reivindicação de Deus sobre nós e sua obra de santificação em nossa vida estarão evidentes, não somente a nós como também ao que estão ao nosso redor. No decorrer dos muitos anos de vida cristã, experimentaremos progresso nas coisas de Cristo e maior conformidade à sua imagem, pois somos sua feitura, e aquele que começou em nós uma boa obra, vai aperfeiçoá-la.²¹⁸ Como ele prometeu: “aspergirei água pura sobre vós, e ficareis purificados; de todas as vossas imundícias e de todos os vossos ídolos vos purificarei”.

A OBRA DIVINA DA DISCIPLINA

Não podemos concluir um estudo das obras divinas de separação e purificação sem considerar um dos principais meios usados por Deus para alcançar estes alvos maravilhosos: a divina disciplina. O Deus do crente é amável, e também sábio. Ele pesa a eternidade como tendo significado infinitamente maior que todos os prazeres temporais juntos. Ele enxerga claramente que o bem maior para seus filhos é a conformidade à imagem de Cristo.²¹⁹ Ele empregará qualquer meio reto que for necessário para transformar seu povo: ensino, repreensão, correção e treinamento.²²⁰ Às vezes tal disciplina será leve, e outras vezes, severa; mas Deus sempre a administra com amor e tendo em mente o maior benefício do crente. Ele nos ama demais para permitir que continuemos do jeito que estamos. Sua providência até mesmo nos expõe aos maiores sofrimentos temporais, se por meio deles nós pudermos obter um peso extra de glória além de toda comparação.²²¹

Exemplo extraordinário dessa disciplina divina ocorreu na vida do patriarca Jacó. Na palavra do Senhor por meio de Malaquias, falando a um Israel rebelde, Deus fez a seguinte declaração: “todavia, amei a Jacó, porém aborreci a Esaú; e fiz dos seus montes uma assolação e dei a sua herança aos chacais do deserto” (Malaquias 1.2–3). No contexto, a nação de Israel sofria de extrema pobreza política e econômica. Deus os havia livrado do cativeiro e levado de volta à sua terra. No entanto, parecia que a disciplina divina não tinha acabado e a prosperidade prometida estava longe de ser vista. Por esta razão, Israel havia se tornado cansado e propenso a duvidar do amor pactual de Deus. Para sanar essa dúvida, o profeta Malaquias os direcionou a contrastar o modo como Deus tratava a Jacó (Israel) com o de seu irmão, Esaú (Edom). Sim, Israel havia sofrido grande disciplina da mão de Deus, mas foi para sua redenção. Embora Edom tivesse permanecido incólume e até parecesse prosperar com a perda que Israel sofria, isso era sinal da rejeição de Deus por eles e de sua destruição final. Noutras palavras, o profeta Malaquias estava relembrando a um Israel que vivia duvidando,

que a correção e disciplina eram demonstrações do amor pactual de Deus, e não causa para negá-lo. A sabedoria de Provérbios suporta fortemente sua lógica: “Filho meu, não rejeites a disciplina do SENHOR, nem te enfades da sua repreensão. Porque o SENHOR repreende a quem ama, assim como o pai, ao filho a quem quer bem” (3.11–12).

Vemos como a verdade deste texto se aplica ao cristão, ao examinarmos as vidas individuais de Jacó e Esaú, bem como o modo de Deus tratá-los. Como foi que Deus demonstrava seu amor para com Jacó enquanto demonstrava odiar ou irar-se contra Esaú? No caso de Jacó, foi por separá-lo, tomando posse de sua vida, e agindo para conformá-lo com sua vontade. No caso de Esaú, foi por deixá-lo solto, deixando que ele seguisse o seu próprio mau caminho, dando livres rédeas para fazer como o restante do mundo pagão.

Quando examinamos a vida de Esaú, descobrimos que Deus cumpriu toda promessa que fizera a Isaque concernente a ele. Ele se livrara do jugo de seu irmão Jacó e se tornara tão próspero que não precisava do apoio ou da bênção de Jacó.²²² Contudo, vemos por um lado a rejeição e ira de Deus em sua não intervenção na vida de Esaú. Não houve obra de separação e santificação. Ele deixa Esaú consigo mesmo para tornar-se epítome do homem sem Deus.²²³

Em contraste, quando examinamos a vida de Jacó, descobrimos que Deus opera a cada passo seu, ensinando, guiando, e disciplinando, com surpreendente eficácia e até mesmo severidade. Na verdade, essa disciplina foi tão pesada na vida de Jacó que quando ele voltou à Terra Prometida, estava mancando.²²⁴

A divina providência havia cobrado caro no corpo de Jacó, mas o havia transformado, de enganador para filho quebrantado, porém obediente. Desta forma, Deus trata todos seus filhos legítimos: “porque o Senhor corrige a quem ama e açoita a todo filho a quem recebe.” (Hebreus 12.6).

Aprendemos neste texto que uma das maiores evidências de verdadeira conversão é a disciplina divina que conduz à santidade. Em amor, Deus se comprometeu com cada um de seus filhos. Encorajará, instruirá, e os disciplinará

para seu próprio benefício, a fim de que eles participem da sua santidade.²²⁵ Ele os tirará dentre as nações, os ajuntará de todas as terras, e os trará para a terra e vida que preparou para eles.

Muitas vezes, os cristãos consideram como fardo a própria coisa que deveriam estimar como bênção. Às vezes, um crente reclama que os outros a seu redor estão livres para quebrar a lei de Deus sem sofrer a menor consequência, enquanto eles são disciplinados pela mínima infração. Isso não deveria ser causa de queixa, mas de regozijo e louvor. É grande evidência do novo nascimento. É prova de nossa filiação: “É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos.” (Heb. 12.7–8).

Imagine um menino mandado para a escola no primeiro dia depois das férias de verão. Sua mãe o veste com as roupas escolares novas e avisa para ele voltar diretamente para casa no final da aula. Não pode ficar para trás com seus amigos nem parar junto ao córrego local para brincar. Porém, no caminho de casa, a tentação vence a razão, e ele acompanha seus amigos até o córrego. Antes que perceba, um minuto virou uma hora, e as suas roupas novas e limpas se tornaram em trapos imundos. Percebendo seu erro e as consequências que o aguardam, ele volta para casa com dois de seus amigos igualmente desobedientes do lado. Quando sua mãe o vê e pronuncia a disciplina, rapidamente ele aponta para os outros meninos e questiona a justiça dela por puni-lo enquanto deixa os outros saírem ilesos. A mãe responde com palavras breves, mas efetivas: “Eles não são meus filhos e não estão sob meus cuidados. mas você é meu filho e a minha disciplina será dirigida somente a você.”

A moral da história é esta: A disciplina é evidência de um relacionamento de pais e filhos, não a negação de tal relação. A relação da mãe com a criança e seu amor e cuidado para com seu bem-estar a moveram a administrar tanto a correção quanto a disciplina. Outra vez, o autor de Hebreus ressalta claramente este ponto:

Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo melhor lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para aproveitamento, a fim de sermos participantes da sua santidade (12.9–10).

Existe um sentido em que Deus toma posse de cada um de seus filhos. Ele os cerca e conduz de maneira que promova seus propósitos de santidade em suas vidas. Embora isso nem sempre pareça evidente, ele está constantemente trabalhando, ensinando, corrigindo, punindo e disciplinando. O seu amor por seu povo o faz implacavelmente operante em suas vidas. Ele não larga seu martelo e cinzel até que sua obra se complete.

Deus não é, como alguns supõem, pai omisso e desinteressado. Ele não permitirá que seus filhos corram pelas ruas deste mundo sem vigilância. Não é um pastor terceirizado, que não se preocupa com as ovelhas que se desgarram. Aqueles que acreditam que um cristão possa andar em contínuo e inalterado estado de carnalidade todos os dias de sua vida é que fazem tais acusações! Em vez de exaltar a graça de Deus, estão tornando-a licença para pecar.²²⁶ Em vez de exaltar a paciência de Deus, eles o apresentam como um pai desligado ou impotente. Em vez de exaltar o evangelho, estão declarando-o vazio de poder. Este grande erro resulta na blasfêmia do mundo descrente. Como escreveu o apóstolo Paulo: “o nome de Deus é blasfemado entre os gentios por vossa causa” (Romanos 2.24).

Ao terminarmos este capítulo, restam algumas questões para cada um de nós que confessa o nome de Jesus: Existe evidência da providência divina operando em nossas vidas para separar-nos do mundo como também atrair-nos a Deus? Quando olhamos para trás em nossa vida desde nossa conversão, vemos prova da obra separadora e santificadora de Deus? Estamos nos tornando em povo peculiar que pertence exclusivamente a ele? Quando andamos com ele, sentimos seu prazer? Quando nos afastamos, conhecemos sua correção? Sua disciplina

amorosa de pai marca a nossa vida? Temos de fazer tais perguntas. A realidade da obra santificadora de Deus em nossa vida deverá nos dar grande segurança. A falta dela nos deve dar grande preocupação.

-
- 194. 2Coríntios 13.5.
 - 195. Hebreus 12.2.
 - 196. Efésios 2.10.
 - 197. Filipenses 1.6.
 - 198. 1Coríntios 6.20; 7.23; Colosenses 1.16.
 - 199. Êxodo 19.5.
 - 200. Efésios 1.14; 1Pedro 2.9.
 - 201. Tito 2.14.
 - 202. Êxodo 34.14.
 - 203. Êxodo 20.4–5.
 - 204. Tiago 4.5.
 - 205. 2Coríntios 13.5.
 - 206. Salmo 14.3.
 - 207. Isaías 64.6.
 - 208. Jó 9.29–31.
 - 209. Salmo 32.1–2; Romanos 4.7–8.
 - 210. Salmo 51.7.
 - 211. Cantares 4.7.
 - 212. 2Coríntios 5.21.
 - 213. Filipenses 1.6.
 - 214. Isaías 45.9.
 - 215. Isaías 29.16.
 - 216. Malaquias 3.2.
 - 217. 1Samuel 5.2–7.
 - 218. Efésios 2.10; Filipenses 1.6.
 - 219. Romanos 8.28–29.
 - 220. 2Timóteo 3.16.
 - 221. 2Coríntios 4.17.
 - 222. Gênesis 27.40; 33.9.
 - 223. Hebreus 12.16.
 - 224. Gênesis 32.31.
 - 225. Hebreus 12.10.
 - 226. Judas 4.



UM NOVO CORAÇÃO

Dar-vos-ei coração novo e porei dentro de vós espírito novo; tirarei de vós o coração de pedra e vos darei coração de carne.

— Ezequiel 36.26

Em Ezequiel 36.26, encontramos uma das descrições mais pitorescas e instrutivas da Escritura sobre a doutrina da regeneração. É essencial não somente que cheguemos a um entendimento bíblico desta doutrina, mas também compreendamos algo de sua suma importância. Não é exagero dizer que nosso entendimento da regeneração determinará nossa visão da conversão, e também nossa metodologia na evangelização.

A doutrina da regeneração refere-se à obra sobrenatural do Espírito de Deus pela qual o pecador espiritualmente morto é vivificado, sua natureza radicalmente depravada é transformada, e ele se torna capaz de responder ao chamado do evangelho com arrependimento e fé em Jesus Cristo. A *Confissão de Fé de Westminster* e a *Confissão Batista de Londres*, de 1689, descrevem a obra do Espírito de regeneração como “esclarecimento espiritual e salvífico de mente para compreender as coisas de Deus, tirando o coração de pedra e o substituindo com um coração de carne; renovação da vontade... e efetivamente atraindo as pessoas a Jesus Cristo: ainda que ele tenham de vir livremente, sejam feitos dispostos por sua graça”.²²⁷

A palavra *regeneração* vem de um verbo latino que significa criar novamente.²²⁸ Os escritores do Novo Testamento empregam uma variedade de frases e terminologia para descrever a doutrina. No evangelho de João, Jesus descreve a regeneração como nascer de novo, ou nascer do alto.²²⁹ Em sua primeira epístola,

o apóstolo Pedro usa um verbo grego no singular grego significando nascer de novo ou renascer.²³⁰ O apóstolo Paulo descreve a doutrina da regeneração como tornar-se vivo e ressuscitar da morte para andar em novidade de vida.²³¹ É uma obra tão radical e completa do Espírito que ele considera qualquer que esteja em Cristo uma nova criação ou criatura.²³²

Neste texto de Ezequiel vemos todas essas verdades ilustradas de maneira poderosa e muito bela. De acordo com o profeta antigo, a doutrina da regeneração vai muito além de uma reforma superficial ou mera mudança de comportamento devido a alguma disciplina da vontade. Envolve uma mudança ontológica.²³³ A própria natureza da pessoa é desfeita e recriada. O coração de pedra, que não pode responder aos estímulos divinos, é transformado em coração de carne, capaz de responder.

Para ilustrar, digamos que estamos em pé diante de uma estátua de pedra feita em perfeita semelhança de um homem. Possui semelhança exata a uma criatura intelectual e volitiva. No entanto, é feita de pedra e, portanto, é inanimada. Podemos chutá-la, cutucá-la, até mesmo pôr fogo na estátua, que ela não reagirá. É pedra sem vida; assim, é incapaz de reagir a qualquer estímulo. Porém, se tivéssemos o poder de transformar a pedra em carne viva, o resultado de todos os nossos cutucões e chutes seria bastante diferente. A carne saudável e viva possui alto grau de sensibilidade e capacidade não só de sentir como também de reagir. A carne saudável discerne a mínima brisa sobre a pele e observa até o mais leve toque do dedo. Tem o poder de responder em acordo direto aos estímulos dados.

De maneira similar, o pecador está espiritualmente morto e é incapaz de responder aos estímulos divinos. Essa falta de capacidade não o desculpa nem o torna menos responsável diante de Deus, pois sua incapacidade é seu próprio feito. O pecador não consegue responder a Deus de maneira positiva porque não quer. Embora possua a capacidade necessária para conhecer a Deus e entender sua vontade revelada, ele suprime aquilo que sabe ser a verdade.²³⁴ Seu amor pela injustiça e desejo de autonomia o tornam hostil para com Deus, de modo que ele simplesmente não consegue reconhecer nem obedecer a lei de Deus.

Esta dura verdade sobre o homem é ilustrada no relacionamento entre o patriarca José e seus irmãos. As Escrituras declaram que os irmãos de José “odiaram-no e já não lhe podiam falar pacificamente” (Gênesis 37.4). Aqui vemos ilustrada claramente a doutrina da incapacidade moral. Os irmãos de José possuíam a capacidade necessária para comunicar com ele e até mesmo dizer-lhe palavras bondosas. Porém, eram incapazes de fazer isso devido a seu ódio para com ele. Não conseguiam porque eram indispostos, e estavam indispostos porque o odiavam.

Esta verdade também pode ser ilustrada pela vida de um prisioneiro político que foi encarcerado devido à sua animosidade ao trono. Imagine que pela misericórdia real não mitigada, o rei manda abrir as portas da cela e oferece ao rebelde pleno perdão, se ele apenas reconhecer o direito de soberania do rei. Contudo, devido a seu ódio puro, o rebelde bate a porta, fechando-a e declara que prefere apodrecer no inferno ao invés de dobrar o joelho para o rei. Ele tinha capacidade de ouvir a oferta de perdão e entendê-la. A porta foi escancarada e um caminho mostrado. Porém, o prisioneiro não pode ficar livre porque não quis, e não quis, devido a seu ódio pelo rei.

É esse o caminho da pessoa não regenerada diante de Deus. Ela não pode se aproximar de Deus porque não deseja vir a Deus, e não quer vir devido a seu amor pela injustiça e seu desprezo pelo que é santo no Deus soberano. Assim, seu coração se compara à pedra. Não tem vida e não responde ao chamado do evangelho sem que haja uma obra sobrenatural do Espírito.

Algumas pessoas dizem que o mundo seria convertido se apenas conseguíssemos dar-lhes uma visão mais clara de Jesus. Porém, essa ideia demonstra um entendimento superficial da profundidade da corrupção moral do ser humano, sua cegueira espiritual e sua hostilidade para com Deus. Diante de um auditório repleto de gente não convertida, como os homens responderiam?

Primeiro, enfrentaríamos o problema da cegueira espiritual. Conforme as Escrituras, eles não reconheceriam a singularidade da pessoa de Cristo, nem estimariam o valor de seu ensino. Em sua aparência, Jesus não tinha imponência

ou majestade atrativas a pessoas carnis que olhassem para ele.²³⁵ As Escrituras declaram que seu ensino seria inaceitável para tais pessoas, que suas verdades lhes seriam indiscerníveis, e que eles as denunciariam como tolice.²³⁶ Porém, eles não são vítimas de sua ignorância, mas a causa dela: professando ser sábios, tornaram-se loucos.²³⁷

Em segundo lugar, se a cegueira espiritual dessas pessoas não convertidas fosse removida e elas pudessem ver a Cristo e discernir seu ensino com maior clareza, ainda enfrentaríamos problema mais difícil: a corrupção moral de seus corações e sua hostilidade para com a justiça. A Bíblia ensina que as pessoas são radicalmente depravadas. Odeiam a Deus e desprezam sua lei e justiça. Assim, quanto mais essas pessoas discernissem a verdadeira natureza de Cristo e quanto mais entendessem seu ensino, mais o odiariam. Uma maior revelação do Cristo que é perfeitamente justo, para gente injusta, não os atrai, antes os afastaria ainda mais. O próprio Jesus disse: “O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz; porque as suas obras eram más. Pois todo aquele que pratica o mal aborrece a luz e não se chega para a luz, a fim de não serem argüidas as suas obras” (João 3.19–20).

Para que uma pessoa não convertida venha a Cristo, tem de ser dada a ela visão espiritual, mas também sua própria natureza tem de mudar. Ela tem de ser transformada em nova criatura, que possui novos afetos. Somente então é que verá Cristo como ele é e amará o Cristo que ela vê.

A grandeza da transformação que tem de ocorrer numa pessoa antes que ela se disponha a vir a Cristo não pode ser feita por força ou coação de sua vontade. Requer a ação sobrenatural do Espírito Santo, que recria pela regeneração. Imagine que um lobo solitário tenha invadido um rebanho de ovelhas. Os pastores se juntam para capturar o animal. Agora existem três possíveis soluções a longo prazo para o problema. Primeiro, os pastores podem matar o lobo e acabar com suas invasões. Embora tanto os pastores quanto as ovelhas se beneficiem desse curso de ação, ele oferece poucos benefícios para o lobo. Isso representa uma pessoa debaixo do juízo de Deus. Segundo, os pastores podem deixar o lobo

engaiolado e manter a guarda dele pelo resto de sua vida. O comportamento do animal estará alterado, mas somente por ele estar preso numa gaiola. Ele continua sendo um matador, andando sofregamente, passo a passo, para lá e para cá. Não consegue negar sua natureza nem se libertar daquilo que é. Anseia matar e comer. Se deixado incólume, o lobo saltaria da gaiola e criaria a maior carnificina possível. Isso representa o não convertido que está sob domínio da religião. Novamente, enquanto o lobo estiver na gaiola, os pastores e as ovelhas se beneficiam, mas o lobo definha, ansioso por ovelhas. Uma terceira solução está além da capacidade e poder dos pastores. Seria transformar a natureza do animal de um lobo faminto para uma dócil ovelha. Mudar a natureza do lobo mudará seus afetos tanto para com os pastores quanto para com as ovelhas. Ele seguirá o pastor e viverá em harmonia com as ovelhas. Isto representa o homem regenerado pelo poder do Espírito Santo. O que era impossível aos homens é possível por Deus.²³⁸

Charles Spurgeon usou a seguinte ilustração para demonstrar a verdadeira natureza do não convertido e o poder da regeneração. Imagine que colocássemos duas opções de jantar diante de um porco. Num lado da sala, dispomos uma mesa com a mais fina comida que temos. Do outro lado, colocamos um cocho de lavadura sobre o chão. O porco está livre para escolher a opção mais desejada. Para a surpresa de gente da cidade — mas não para o fazendeiro que conhece porcos — o animal corre direto para o cocho de lavadura sem dar a mínima para a refeição luxuosa do outro lado. Ele enfia a cabeça na comida de porcos e come com estouvado desembaraço, até que seus desejos estejam satisfeitos. Ele não sofre por comer o refugo que engoliu e não tem vergonha diante dos outros por seu comportamento. Na verdade, ele agiu em perfeita conformidade com sua natureza. Fez exatamente o que um porco tem de fazer e faz sempre.

Contudo, para seguir nossa argumentação, digamos que temos o poder para transformar a natureza do porco e fazer dele um ser humano. Qual será o resultado dessa transformação sobrenatural e ontológica? Primeiro, aquilo que alguns momentos antes desejara agora causaria repulsa. Os cheiros horrorosos

que antes ele não notara se tornariam aguçados. Em segundo lugar, ele tiraria a cabeça do cocho e vomitaria a lavagem que anteriormente ansiava. Existem alguns alimentos palatáveis aos suínos que o estômago humano simplesmente não pode suportar. Terceiro, ele reconheceria que outras pessoas estavam observado seu comportamento. Sofreria a maior vergonha, e estaria pedindo maiores desculpas. Quarto, ele jamais se esqueceria do dia de sua transformação nem deixaria de ser repugnado pela forma do cocho ou o odor da lavagem.

Embora não seja uma contemplação agradável, esta ilustração descreve a conversão de toda pessoa que tenha realmente vindo a Cristo. A Escritura testifica que todos nós fomos concebidos em pecado e, antes da conversão, bebíamos a iniquidade como água.²³⁹ Embora Deus tivesse posto sua mesa diante de nós e nos convidado a provar e ver que o Senhor é bom, nós não demos a mínima ao seu convite.²⁴⁰ Todo dia ele estende as mãos a um povo obstinado que escolhe o cocho deste mundo caído em vez da farta mesa estendida por Deus.²⁴¹ Esse povo, corre para a sujeira moral como um porco corre para a lama e a comida de lavagem. Ao fazê-lo, estão agindo em perfeita conformidade ao que são: radicalmente depravados e moralmente corruptos. Antes, tínhamos corações de pedra e estávamos mortos em nossos pecados. Andávamos segundo o curso deste mundo caído, de acordo com a vontade do arquinimigo de Deus. Éramos impelidos pela cobiça de nossa natureza caída, cedendo aos desejos da carne, e éramos, por natureza, filhos da ira.²⁴²

Contudo, quando toda esperança de qualquer forma de recuperação estava perdida, Deus interveio e nos ressurgiu em Cristo para que andássemos em novidade de vida.²⁴³ Tomou nosso coração de pedra, incapaz de responder, e o substituiu por um coração de carne viva. Mudou nossa natureza, e, portanto, nossos afetos e nossa vontade. Ele nos recriou à imagem de Deus, em verdadeira justiça e santidade, e assim, nosso palato mudou e começamos a ter fome e sede de justiça.²⁴⁴

O resultado é que agora odiamos o pecado que outrora amávamos, e amamos a justiça que outrora odiávamos. Temos vergonha da rebeldia da qual anteriormente nos gabamos, e nos gloriamos no Deus de quem antes nos envergonhávamos.²⁴⁵ Embora não estejamos imunes aos desejos carnis e tentações da sujeira que deixamos para trás, agora sabemos o quanto estavam errados. Se formos enganados e novamente atraídos a eles, sentimos o cheiro podre e o sabor de estragado. Assim não conseguimos tolerar por muito tempo. Nossa natureza requer que nos desviemos deles em aversão e nos arrependamos envergonhados. Somos novas criaturas, com novos afetos que nos impelem de volta a Deus.

Concluindo, estas verdades deixam-nos algumas perguntas pessoais em duas categorias diferentes. Primeiro, somos daqueles que apenas tomaram uma decisão de aceitar Cristo, ou somos novas criaturas? Somos daqueles que simplesmente se juntaram a alguma expressão ou instituição do cristianismo, ou nossos corações foram transformados? Existe evidência provando nosso orgulho de salvação? Nossos afetos foram transformados? Tornamo-nos mais responsivos à pessoa e vontade de Deus? Faremos bem em nos lembrar das duas advertências dadas certa vez pelo apóstolo Paulo: “Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura” (Gálatas 6.15). Porque se alguém está em Cristo, é nova criatura.²⁴⁶

Segundo, a nossa pregação aos não convertidos ou nossa metodologia de evangelismo correspondem ao que sabemos sobre a natureza sobrenatural da conversão? Se a salvação da pessoa depende apenas da manipulação de sua vontade ou emoções, então haverá inúmeras maneiras de levá-lo a uma decisão apropriada. Mas se a conversão da pessoa requer uma operação sobrenatural do Espírito, no mesmo nível da criação do universo e da ressurreição da morte de Cristo, então sabemos que todo o convencimento, a coação e a manipulação do mundo não bastam para obtenção do fim desejado. Temos de descartar o arsenal carnal da eloquência, argumentação engenhosa e convites manipulativos.²⁴⁷ Temos de ver as pessoas como ossos muito secos que não tem a mínima

possibilidade de vida à parte de uma obra direta e pessoal de Deus. Em tudo que fizermos, temos de ceder somente ao poder de Deus.²⁴⁸ Temos de fiar todo nosso ministério sobre o fato bíblico de que o evangelho é o poder de Deus para a salvação, e pregar isso com a maior confiança, clareza e ousadia.²⁴⁹

Cada vez que pregamos ao povo deste mundo, temos de nos ver como Ezequiel andando pelo vale de ossos secos.²⁵⁰ Se nos perguntarem: “Podem esses ossos viver?”, temos de ceder somente à soberania e o poder de Deus. A mesma força requerida para a ressurreição está além do poder humano, e não é efetuada pela vontade do homem. O vento sopra onde quer, e ouvimos sua voz, mas só Deus sabe de onde vem ou para onde vai.²⁵¹ Contudo, pela fé, temos de nos firmar e profetizar sobre esses ossos, dizendo: “Ó ossos secos, ouvi a palavra do SENHOR”.²⁵² Temos de clamar em oração ao *vento*, para que ele venha e sopra sobre estes que estão mortos, a fim de que venham à vida. Embora tenhamos de usar os dons que nos foram dados, temos de cuidar para retirar de nós todos os armamentos da carne. Temos de nos restringir à pregação do evangelho, porque este é o poder de Deus para a salvação, e o meio pelo qual o Espírito de Deus ressuscita os mortos e converte o pecador.²⁵³

227. Confissão de Fé de Westminster, capítulo 10; 1689; Confissão de Fé Batista de Londres, capítulo 10.

228. Latim: *regenerare*.

229. João 3.3, 6–7; grego: *gennáo ánothen*.

230. 1 Pedro 1.3, 23; Greek: *anagennáo*.

231. Romanos 6.4; Efésios 2.4–5.

232. 2 Coríntios 5.17.

233. Aquilo que se relaciona ao próprio ser, natureza, ou existência de uma pessoa ou coisa.

234. Romanos 1.18–32.

235. Isaías 53.2.

236. 1 Coríntios 2.14.

237. Romanos 1.22.

238. Lucas 18.27.

239. Jó 15.16; Salmo 51.5.

240. Salmo 34.8; Isaías 55.1–2.

241. Isaías 65.2; Romanos 10.21.

242. Efésios 2.1–3.

243. Romanos 6.5; Efésios 2.4.

244. Mateus 5.6; Efésios 4.24.

245. Romanos 6.21.

246. 2Coríntios 5.17.

247. 1Coríntios 2.1–2.

248. “Veio sobre mim a mão do SENHOR; ele me levou pelo Espírito do SENHOR e me deixou no meio de um vale que estava cheio de ossos, e me fez andar ao redor deles; eram mui numerosos na superfície do vale e estavam sequíssimos. Então, me perguntou: Filho do homem, acaso, poderão reviver estes ossos? Respondi: SENHOR Deus, tu o sabes” (Ezequiel 37.1–3).

249. Romanos 1.16.

250. Ezequiel 37.1-10.

251. Ezequiel 37.3; João 3.8.

252. Ezequiel 37.4.

253. Romanos 1.16.

O ESPÍRITO EFETIVO

Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis. Habitareis na terra que eu dei a vossos pais; vós sereis o meu povo, e eu serei o vosso Deus.

— Ezequiel 36.27–28

Tendo considerado a obra da regeneração no coração humano, voltamos nossa atenção agora para a habitação do Espírito Santo no crente e seus resultados. Mais uma vez, ao lermos Ezequiel 36.27–28, somos confrontados com a certeza absoluta de quem está falando. Suas palavras transmitem ar de soberania e poder. Ele tem um plano para a plena redenção do seu povo, e ele fará com que seja completado para sua glória e o bem dos seus. Ele chamará para si um povo, mudará a sua natureza, e habitará neles pelo seu Espírito. Em retribuição, eles serão o seu povo e ele será o seu Deus. Eles andarão em seus estatutos e cuidarão para observar suas ordenanças. Eles possuirão a herança que Deus lhes preparou desde antes da fundação do mundo.²⁵⁴ O apóstolo Paulo escreve à igreja em Éfeso: “nele, digo, no qual fomos também feitos herança, predestinados segundo o propósito daquele que faz todas as coisas conforme o conselho da sua vontade” (Efésios 1.11).

O mistério e a grandeza da divina providência é insondável. Uma eternidade de estudo não revelará todas as suas verdades. Se o mundo fosse cheio até a borda com os maiores discursos sobre o assunto, ainda teríamos muito mais para descobrir. Contudo, o que sabemos é que Deus conduzirá seu povo até o destino designado, e não perderá nenhum sequer dentre a multidão. Aquele que começou neles boa obra a aperfeiçoará.²⁵⁵

No entanto, cada um virá livremente, seguindo aos desejos de seus corações renovados, sem coação divina ou a mínima violação de suas vontades. Ele os tornará obedientes, fazendo-os novos. Mudará seu comportamento alterando seu coração. “Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas” (2Coríntios 5.17). “Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!” (Romanos 11.33).

O ESPÍRITO QUE HABITA EM NÓS

No capítulo anterior, aprendemos que Deus prometeu criar um novo povo para si mediante a obra sobrenatural regeneradora do Espírito Santo. Ele removeria seu coração espiritualmente morto e radicalmente depravado, o qual era hostil para com ele e contra sua vontade, e colocaria no seu lugar um coração novo e vivo, recriado à imagem de Deus.²⁵⁶ Este novo coração seria vivo para Deus, responderia de maneira positiva aos estímulos divinos e manifestaria um “novo espírito,” ou disposição interna, para com Deus, que o estimaria e se deleitaria em sua lei.

Neste texto, veremos que na conversão, Deus não somente transforma nossa natureza e nosso espírito, ou disposição, para com ele, mas também habita neles por seu Espírito. Ele o faz para que garanta e complete a obra que começou: “Porei em vós o meu Espírito e vos farei andar em meus estatutos.” Baseado nesta verdade, e nas que discutimos no capítulo anterior, podemos criar um esboço que descreve a magnífica obra de Deus na conversão da vida de cada crente.

- *Eu vos darei um novo coração*—Deus regenera o coração do crente, mudando a sua natureza; ele se torna nova criatura.²⁵⁷ Esta é a realidade de todo cristão, sem exceção.
- *Porei em vós um novo espírito*—Este é o resultado da regeneração. Uma nova criatura recriada à imagem de Deus tem um novo espírito ou disposição interna para com Deus. Ele possui novos afetos que se deleitam em Deus e em sua lei.²⁵⁸
- *Porei em vós o meu Espírito* — Deus habita no crente pelo Espírito Santo que nos instrui, induz, e dá poder para que andemos conforme os seus estatutos.²⁵⁹

Estas três declarações simples revelam a sabedoria e o poder de Deus em nossa salvação. Mesmo a mínima contemplação e entendimento disso deve criar em nós maior confiança e alegria. Estávamos mortos nas transgressões e pecado, éramos odiadores de Deus, suprimíamos a verdade e éramos hostis à justiça.²⁶⁰ Estávamos sem força e éramos incapazes de afetar nossa reconciliação com Deus ou nos libertar do poder do pecado.²⁶¹ Estávamos sem esperança e sem Deus no mundo.²⁶² Contudo, o que era impossível aos homens é possível em Deus.²⁶³ Para a glória de seu nome e o bem de seu povo, Deus projetou e decretou nossa salvação. Ela foi planejada em sua mente antes da fundação do mundo, e tornou-se realidade em nosso tempo, por meio da encarnação de seu Filho e o envio do Espírito Santo. Pelo sangue da morte de Cristo, Deus proveu a reconciliação de seu povo. Pela obra regeneradora do Espírito, ele muda seus corações e, conseqüentemente, transforma os seus afetos. Habita neles com o seu Espírito e os induz e dá poder para que obedeçam. Tudo isso ele faz para o louvor da glória de sua graça, para que seja um nome de alegria, louvor e glória diante de todas as nações da terra, que ouvirão de todo bem que ele lhes fará.²⁶⁴

Tal obra interna de Deus em favor de seu povo tem surpreendente paralelo no livro de Salmos, onde Davi clama: “Cria em mim, ó Deus, um coração puro e renova dentro de mim um espírito inabalável. Não me repulses da tua presença, nem me retires o teu Santo Espírito. Restitui-me a alegria da tua salvação e sustenta-me com um espírito voluntário” (51.10–12).

Neste texto, Davi havia cometido um grande pecado contra Deus e foi levado ao arrependimento. Ao buscar a restauração, ele reconhece suas duas maiores necessidades. Primeiro, Davi pede que renove nele um espírito inabalável, uma disposição interior firme na fé para com Deus, capaz de resistir às tentações que o assediam. Segundo, ele pede que o Espírito Santo continue habitando nele e sustentando o seu espírito, agora em estado renovado, para que ele não volte a cometer desobediência voluntária.

A verdade que devemos aprender disso é que, para realizar a obra de salvação na vida do cristão, duas coisas são necessárias: a regeneração inicial do coração e sua constante preservação. Na conversão, a pessoa recebe um novo coração, que resulta em novo espírito ou disposição interna para com Deus. Contudo, a obra contínua do Espírito de Deus, que habita nele, tem de sustentar, conservar e fortalecê-lo incessantemente. Esta é a grande e permanente necessidade do crente, e é suprida em todos os sentidos pela sabedoria, poder e graça de Deus. Ele não somente cria um espírito reto em nós pela atuação do Espírito Santo na regeneração, como também nos habita pelo Espírito, garantindo que a obra seja contínua e progrida até o dia final.

As obras complementares de Deus da criação e providência são ilustração útil dessa verdade. Deus não somente criou o universo, como também tem de continuar a sustentá-lo.²⁶⁵ Não é apenas a origem de toda a vida, como também tem de continuar dando vida a todas as coisas.²⁶⁶ Se Deus retirasse seu Espírito, toda a carne pereceria e toda pessoa voltaria ao pó.²⁶⁷ Semelhantemente, Deus não só nos regenera e torna nova criação, como também tem de sustentar essa nova criação que fez. Deus não somente coloca em nós um novo espírito, mas também o sustenta pelo Espírito Santo que veio habitar em nós. Deus não apenas salva a pessoa, como também a sustenta nessa salvação.

O propósito de ressaltar essa verdade é engrandecer o poder de Deus na salvação e demonstrar que o verdadeiro cristão progredirá na santificação, produzindo frutos. Porém, nesta verdade existe também uma maravilhosa e necessária aplicação prática para a vida cristã: o crente depende totalmente da obra sustentadora de vida do Espírito Santo. Há tantas perigosas heresias dentro da comunidade evangélica sobre o Espírito Santo que muitos cristãos sinceros quase retiraram de todo a consideração correta de seu papel na vida cristã. Temos de nos lembrar, contudo, que sua pessoa e seu ministério são indispensáveis. É impossível viver a vida cristã sem ele. Para o crescimento, a fidelidade e a frutificação contínua, o crente tem de reconhecer esta verdade e cultivar uma vida de absoluta dependência da pessoa, sabedoria e poder do Espírito Santo. Como

os Gálatas, temos de ser lembrados de que a vida cristã, iniciada pelo Espírito, não pode ser aperfeiçoada na carne.²⁶⁸ Como a justificação vem de fé em fé, assim também a santificação começa e termina na pessoa e obra do Espírito Santo.²⁶⁹

OS RESULTADOS CORRESPONDENTES

Como em todas as promessas e operações de Deus na vida do crente, existem resultados correspondentes. Por meio do profeta Ezequiel, Deus prometeu colocar em nós o seu Espírito. Então, como consequência da maior confiança do crente no seu poder, ele promete que essa habitação resultará em nova vida, marcada pela obediência à sua vontade: “Porei dentro de vós o meu Espírito e farei que andeis nos meus estatutos, guardeis os meus juízos e os observeis” (Ezequiel 36.27).

A expressão “*farei que*” é traduzida de um verbo hebraico que denota causa e também pode ser traduzida por “fazer” ou “mover.”²⁷⁰ A ideia que Ezequiel comunica é que pela habitação do Espírito, Deus causará seu povo a andar nos seus estatutos, cuidando para observar suas ordenanças. Embora Davi usasse um verbo hebraico diferente no Salmo 119.35, ele comunica a mesma ideia: “Guia-me pela vereda dos teus mandamentos, pois nela me comprazo”.

Que Deus faça ou cause seus filhos a andarem conforme seus mandamentos é uma inegável verdade bíblica, e não requer nenhuma defesa. Contudo, a maneira como ele realiza essa obra merece maior explanação. Desde o início, temos de afirmar que Deus não viola a vontade do seu povo nem os move à obediência por qualquer medida de coação. Ele não ganha sua concordância contra sua vontade ou seus afetos. Em vez disso, na conversão, Deus regenera o coração do crente, transformando os seus afetos. Assim, o cristão se torna nova criatura, com nova natureza, que não cobiça mais aquilo que é contrário à vontade de Deus, mas tem seu prazer na lei do Senhor.²⁷¹ Concorrentemente, Deus habita o crente com o Espírito Santo, que continua a ensinar, guiar, renovar e dar poder para que ele ande em submissão à vontade de Deus em todo o decurso de sua peregrinação sobre a terra. O crente ainda será assediado por tentações e sofrerá por muitos pecados – sempre terá necessidade da graça de Deus. Contudo, os afetos piedosos e o poder do Espírito marcarão a vida do verdadeiro crente, capacitando-o a andar em obediência coerente e regular a Deus. Embora Deus garanta a obediência do

seu povo, não os traz à submissão chutando e gritando; pelo contrário, eles o seguem como as ovelhas seguem seu pastor. Conforme Jesus declarou aos judeus descrentes: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (João 10.27).

QUATRO CENÁRIOS COMUNS

Como ilustração dessas verdades e demonstração de como elas se aplicam, consideraremos quatro cenários que ocorrem comumente na comunidade evangélica moderna. Os primeiros três casos envolvem indivíduos que se identificariam como cristãos, mas cuja experiência tem pouca ou nenhuma semelhança à conversão conforme ela é apresentada no texto. O quarto caso envolve uma pessoa que nasceu de novo e demonstra os frutos disso.

O primeiro caso envolve um indivíduo que tomou uma decisão de aceitar a Cristo, mas demonstra pouco interesse nas coisas de Deus e nenhum fruto aparente senão sua confissão de fé. Vendo seu desinteresse na fé recém-descoberta e sua falta de compromisso, a igreja designa a ele um parceiro de responsabilidade e o matricula em um programa de discipulado. O cristão dedicado que foi designado para a tarefa é bastante diligente, mas consegue pouco progresso. Depois de diversas visitas e telefonemas, ele é capaz de levar o novo convertido a um culto na igreja. Depois de mais uns meses de implacável procura, o novo convertido é batizado e a vitória foi declarada. Porém, sem ser cutucado constantemente, o novo convertido volta à sua apatia e acaba desaparecendo de tudo. Ele é como o rei Joás, que fez o que era reto aos olhos do Senhor durante os dias de Jeoiada, o sacerdote, mas abandonou o Senhor tão logo Jeoiada morreu.²⁷² Demonstra pouca evidência de regeneração, novo coração ou novos afetos. O estímulo constante de outra pessoa o moveu, mas ele não seguia voluntariamente, como uma ovelha que ouve e obedece a voz do pastor.

O segundo caso envolve um indivíduo que frequenta o culto numa igreja contemporânea, conhecida pelo culto divertido, suas apresentações modernas de múltiplos recursos da mídia e sermões curtos, que enfatizam princípios de vida para o mundo real. Essa pessoa gosta de assistir aos cultos, desenvolve relacionamentos interessantes com os outros e ganha um senso de pertencer ao grupo. As suas necessidades sentidas estão sendo realizadas como nunca antes, e sua vida tem um senso de propósito. Porém, neste ambiente, o evangelho e o

chamado radical de Cristo ao discipulado custoso raramente o confrontam. Por sua vez, ele demonstra pouca paixão pelo conhecimento de Deus ou pela aplicação das Escrituras à sua vida diária. Pouco separa seus propósitos, pensamentos e atos da cultura secular a seu redor. Assim, foi ele atraído a Cristo, ou a um grupo social que afirma seu valor e supre as necessidades que ele sente? Os seus afetos foram transformados de forma a estimar o valor de Cristo acima de todas as coisas, ou ele apenas encontrou um lugar e pessoas que realçam a sua vida atual?

O terceiro caso envolve uma pessoa que professou a Cristo uma vez, mas não está em comunhão com a igreja por muitos anos. O novo pastor o visita e encontra-o cordial e também dando desculpas. Durante o curso do encontro, o pastor o confronta com respeito ao mundanismo, vida sem frutos e negligência da igreja. Em resposta, ele concorda com o veredicto pronunciado contra ele. Admite que tem de abandonar todos os seus vícios por mais que esses lhe deem prazer, se disciplinando a deixar o pecado que o atrai, e simplesmente fazer o que é certo. Aparentemente, parece que Deus fez uma obra em seu coração, mas um exame mais de perto revela que seu coração e seus afetos permanecem o mesmo que antes. De fato, as suas próprias palavras são uma acusação contra ele. Ele simplesmente tomou a decisão de deixar todas as coisas más que ainda gosta muito de fazer e fazer as coisas certas que ainda odeia, a fim de se salvar do julgamento e garantir um lugar no céu!²⁷³ Porém, ele não é realmente um filho de Deus. Embora o cristão lute com a tentação e os desejos da carne que o assediam, ele demonstrará notável transformação dos seus desejos que continuam crescendo no decurso de sua vida. Ele não abandona o pecado simplesmente por ser a coisa certa a fazer, nem pratica a bondade pela própria bondade. Mas ele começa a realmente odiar o pecado que Deus odeia, e amar a justiça que Deus ama. Não é impelido por mero dever, mas também por seus afetos piedosos que fluem de um coração regenerado.

O quarto caso envolve um indivíduo que ouve o evangelho e professa ter recebido a Cristo pela fé. Não tem certeza do que lhe aconteceu e não sabe explicar. Simplesmente sabe que algo está muito diferente — que ele está diferente. Começa a ver sua vida anterior em nova luz. Coisas que antes lhe davam prazer — das quais ele até mesmo se orgulhava — parecem erradas e vergonhosas. Ele começa a interessar-se em Cristo e quer conhecer mais a respeito dele e de sua vontade. Parece afastar-se de suas antigas amizades e encontra melhor companhia entre os santos. A medida que ele continua em frente, experimenta progresso, crescendo até à maturidade, mas também enfrenta desafios e fracassos que são frequentes demais. Ele tem prazer na vontade de Deus, mas descobre que não está imune às tentações. Luta contra o mundo por fora e contra a carne por dentro. Regozija-se na graça de Deus, que o capacita a vencer, e lamenta as vezes em que falha. Encontra em si mesmo uma grande contradição. Ouve sermões e lê livros que o fazem alegrar-se em Cristo como o fim de todo seu desejo, e então, alguns minutos mais tarde, ele tem de lutar contra um coração nem frio nem quente. Quando lê a Palavra, recebe grande consolação, mas ela também o penetra como uma espada de dois gumes e expõe seu pecado anteriormente desconhecido. Ao progredir mais em sua peregrinação, ele se torna fortemente cômico do controle paternal de Deus em sua vida. Às vezes, a disciplina é pequena, mas outras vezes, parece que está sendo fustigado sem alívio. Algumas vezes, ele até pensa em abandonar tudo, mas não consegue. Não suporta a ideia de separar-se de Cristo, e assim, ele volta, “fraco e alquebrado, doente e ferido”.²⁷⁴ Parece-lhe que a vida cristã consiste em três passos para frente e dois para trás. Ele peca, mas não pode continuar em seu pecado; cai, mas não pode permanecer caído. Parece subir uma colina para apenas descer no próximo lado. Porém, pouco a pouco, ele está subindo, progredindo e crescendo. Em tudo que experimenta de bem e de mal, tem evidência inescapável de conversão. Todos os verdadeiros crentes são capazes de se identificar com esse cenário.

Concluindo o capítulo, temos de considerar esta pergunta: Existe evidência de que Deus tenha transformado nossa natureza e afetos? Há evidência da habitação do Espírito Santo em nosso interior, ensinando, liderando e dando poder para que andemos nos estatutos de Deus e sejamos cuidadosos em observar a sua vontade? Se quisermos entender a natureza e o poder da conversão, precisamos primeiro enfrentar esta grande verdade: Deus não apenas salva uma pessoa da condenação do pecado, deixando-a sem a ajuda divina necessária para vencer o poder dele. Pelo contrário, provê tudo que é necessário para garantir que seu povo ande em seus caminhos e tenha cuidado em observar a sua vontade.

254. Mateus 25.34; Efésios 1.4.

255. Filipenses 1.6.

256. Ezequiel 36.26.

257. Ezequiel 36.26 .

258. Ezequiel 36.26.

259. Ezequiel 36.27.

260. Romanos 1.18; 1.30; 8.7; Efésios 2.1.

261. Romanos 5.6; 7.24; 8.7.

262. Efésios 2.12.

263. Mateus 19.26; Marcos 10.27; Lucas 18.27.

264. Jeremias 33.9; Efésios 1.6.

265. Gênesis 1.1–2; Jó 12.10; 34.14–15; Salmo 104.27–30; João 1.2–3; Colossenses 1.17; Hebreus 1.3.

266. 1Timóteo 6.13.

267. Jó 34.14–15

268. Gálatas 3.3.

269. Romanos 1.17.

270. Hebraico: *‘asah*.

271. Salmo 1.2; 1João 5.3.

272. 2Crônicas 24.2, 17–18.

273. Ouvi pela primeira vez esta verdade em uma discussão com o Pastor Charles Leiter, da Igreja de *Lake Road*, em Kirksville, Missouri.

274. Joseph Hart, “Come, Ye Sinners, Poor and Needy,” (Venham pecadores, pobres e necessitados) 1ª estrofe.

PARTE 3

UM NOVO POVO

E A NATUREZA DA VERDADEIRA CONVERSÃO

Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhes inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei. (Jr 31.33-34)

Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos. Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim. Alegrar-me-ei por causa deles e lhes farei bem; plantá-los-ei firmemente nesta terra, de todo o meu coração e de toda a minha alma. Porque assim diz o SENHOR: Assim como fiz vir sobre este povo todo este grande mal, assim lhes trarei todo o bem que lhes estou prometendo. (Jr 32.38-42)

A GLÓRIA DA NOVA ALIANÇA

Eis aí vêm dias, diz o SENHOR, em que firmarei nova aliança com a casa de Israel e com a casa de Judá. Não conforme a aliança que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; porquanto eles anularam a minha aliança, não obstante eu os haver desposado, diz o SENHOR. Porque esta é a aliança que firmarei com a casa de Israel, depois daqueles dias, diz o SENHOR: Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.

— Jeremias 31.31–33

Consideramos, em nosso estudo de Ezequiel 36.22–28, algumas das marcas da regeneração e conversão, conforme apresentadas pelas promessas da nova aliança no Antigo Testamento. A partir deste texto, obtivemos esclarecimento quanto a duas importantes verdades. Primeiro, aprendemos que a conversão é obra sobrenatural de Deus comparável à criação do universo e à ressurreição de Jesus Cristo dos mortos.²⁷⁵ Uma obra milagrosa de Deus transforma a natureza e os afetos da pessoa, fazendo com que ela guarde os mandamentos de Deus e cuide bem em observar suas ordenanças. É, certamente, obra de Deus, iniciada e aperfeiçoada por seu Espírito e para sua glória. Foi por seu amor que Deus começou essa obra, e por seu glorioso nome que ele a completará.

Em segundo lugar, aprendemos que existe enorme contraste entre a visão escriturística da conversão e aquela apresentada pelo evangelicalismo contemporâneo. O evangelho dos dias de hoje ficou reduzido a pouco mais que um conjunto de leis espirituais, e até mesmo as doutrinas mais essenciais, associadas ao evangelismo bíblico e histórico, foram negligenciadas. Os pregadores conclamam as pessoas a “tomar uma decisão” ou fazer uma oração,

com pouca menção às exigências bíblicas de arrependimento e fé, demonstrando pouca preocupação com seu entendimento correto. Recebem na família de Deus aqueles que “se decidiram” por Cristo e lhes dão pouco exame ou advertência. Poucos aprendem a respeito das evidências da conversão autêntica ou recebem instrução quanto a examinar a si mesmos à luz das Escrituras para saber se realmente estão na fé.²⁷⁶ Finalmente, muitas metodologias e programas de discipulado são utilizados para fazer com que supostos cristãos carnavais cresçam em sua fé. Mesmo à luz da pujante falha desses programas em produzir um cristianismo vibrante, poucos estão dispostos a admitir a possibilidade de que a grande multidão de “cristãos carnavais” na igreja são, simplesmente, não convertidos.

Ao considerarmos Jeremias 31.31–33, procuraremos entender melhor a natureza da conversão e as características do cristão autêntico. Começaremos comparando e contrastando a nação de Israel, sob a antiga aliança, com a igreja de Jesus Cristo, debaixo da nova aliança. Daí, aprenderemos que a nação de Israel, que consistia dos que eram fisicamente descendentes de Abraão, em grande parte, era uma nação não regenerada, com apenas pequeno remanescente de crentes, ou verdadeiros israelitas. Por esta razão, a idolatria, rebeldia, e apostasia marcaram a história de Israel. Em contraste, a igreja de Jesus Cristo consiste dos descendentes espirituais de Abraão, tanto judeus quanto gentios. Todo verdadeiro membro da igreja foi regenerado pelo Espírito Santo e recebeu a lei de Deus — não em tábuas de pedra — mas, escrita em seus corações. Por esta razão, a devoção, obediência e perseverança marcam a igreja verdadeira, mesmo quando sob as mais terríveis circunstâncias.

A FRAQUEZA DA ANTIGA ALIANÇA

Jeremias 31.31 começa com a interjeição *eis*, indicando que Deus chama a atenção de Israel a algo de grandíssima importância, algo que se destaca até mesmo do texto inspirado que o cerca. Ele vai fazer um anúncio de suma importância. Portanto, toda atividade menor tem de cessar, toda conversa tem de parar, e todo ouvido tem de se atinar às palavras que Deus está prestes a dizer.

Tendo chamado a atenção de Israel, Deus dirige seu olhar para o futuro, onde ele firmaria uma nova aliança com eles, que ultrapassaria em muito a que foi feita quando Deus os tirou do Egito. Embora a antiga aliança feita com Israel no Sinai, a despeito de sua severidade, seu rigor e seus limites étnicos, também fosse marcada pela graça, os antigos detalhes da economia deveriam cessar com Cristo. Para o leitor contemporâneo, o anúncio de Deus desse novo pacto não parece tão monumental, mas para os israelitas, a quem a mensagem foi entregue primeiro, não era senão de importância fundamental. Israel e toda a sua história como nação era baseada sobre a aliança feita no Sinai. Até a sugestão de que ela acabaria e seria substituída por outra era predizer um evento de proporções cataclísmicas. Significava que o próprio fundamento da existência de Israel e seu relacionamento com Deus seria substituído por outro. Era mais que uma mudança de paradigma. Era igual a dizer que a realidade seria eliminada e outra coisa seria colocada em seu lugar.

Aqui novamente, a não ser que entendamos a natureza radical do anúncio de Jeremias, jamais poderemos entender a superioridade da nova aliança sobre a antiga, a natureza da igreja, e a natureza da verdadeira conversão. Por meio do profeta Jeremias, Deus prometia fazer entre seu povo uma obra de salvação que olhos não viram nem antes penetrou no coração humano, uma obra que estaria infinitamente e abundantemente além de tudo que se pudesse pedir ou pensar.²⁷⁷

Após fazer tal anúncio espantador, Deus passa a expor as fraquezas da antiga aliança, que não eram devidas a qualquer defeito do caráter de Deus ou falha em sua providência. A fraqueza da antiga aliança era totalmente devida ao homem e

sua condição de caído. Como escreve o apóstolo Paulo, “Seja Deus verdadeiro, e mentiroso, todo homem, segundo está escrito: Para seres justificado nas tuas palavras e venhas a vencer quando fores julgado” (Romanos 3.4).

Deus começa a desfazer a antiga aliança ao apresentar sua obra de redenção e fidelidade à nação de Israel. Ele os tomou pela mão e os conduziu à terra do Egito. Entrou em aliança com eles, como um esposo com sua noiva. Cuidou de Israel e das suas necessidades de maneira exemplar. Contudo, o povo não atendeu no nível necessário, mas se tornou a noiva tão gritantemente ilustrada pela relação entre Oséias e Gomer. Ela era esposa de prostituição.²⁷⁸ Havia quebrado a aliança de Deus, como uma noiva inconstante que rejeita o amor de um noivo fiel, envergonhando-o por seus frequentes adultérios. Repetidas vezes, o povo fugira dele para os braços de outros. Repetidas vezes, ele fielmente o tomou e recebeu de volta, até finalmente bani-lo ao exílio. Embora desejasse ser seu Deus e que ele fosse seu povo, era raro que aquiescessem.

A constante rebeldia de Israel ressalta uma importante verdade. Sob a antiga aliança, Deus fez com que Israel fosse seu povo, no entanto não devemos pensar que todos que descendiam de Israel fossem verdadeiramente Israel.²⁷⁹ O Israel que saiu do Egito era composto dos descendentes físicos de Abraão, mas nem por isso eram todos crentes. Na verdade, o relato bíblico prova o oposto. Embora houvesse um remanescente piedoso na nação, uma pequena minoria, que era verdadeiramente regenerada e justificada pela fé, a maioria não era regenerada; antes era incrédula e idólatra. O autor de Hebreus nos diz que a vasta maioria dos que saíram do Egito conduzidos por Moisés morreu no deserto devido à sua incredulidade.²⁸⁰ Mesmo no tempo dos reis, o remanescente de verdadeiros crentes em Israel era tão pequeno que Elias clamou: “mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida” (Romanos 11.3; cf. 1Reis 19.10, 14). A resposta de Deus ao profeta desanimado não apenas provou que havia permanecido um remanescente, como também era bastante pequeno em comparação com o número dos filhos de Israel. Declarou: “conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não

beijou” (Romanos 11.4; cf. 1Reis 19.18). Esta trágica realidade parece marcar a maior parte da história de Israel. Até mesmo a vinda de Cristo revelou apenas alguns verdadeiros israelitas que permaneciam e eram “justos e consagrados” e “esperavam a redenção em Jerusalém” (Lucas 2.25, 38).

Tal verdade sobre a natureza de Israel debaixo da antiga aliança é importante porque muitas vezes o comportamento rebelde da nação de Israel tem sido usado para justificar o mesmo tipo de comportamento na chamada igreja professante.²⁸¹ Argumenta-se que a grande carnalidade da igreja e existência de apenas um pequeno remanescente piedoso é de se esperar porque é exatamente o que vemos ao estudar a história de Israel. Porém, veremos que essa comparação entre Israel e a igreja está errada. Todo o ponto da nova aliança é que ela não seria igual à antiga. Na velha aliança, Deus chamou uma nação física, descendente de Abraão, para ser seu povo, mas dentro daquela grande multidão de indivíduos, apenas alguns eram verdadeiramente regenerados e crentes. O restante era não regenerado e carnal, e hoje sofre eterna perdição. Na nova aliança, Deus chama uma nação espiritual, composta de judeus e gentios e são todos crentes regenerados. Não existe um remanescente piedoso na igreja verdadeira: essa igreja verdadeira é o remanescente piedoso.

As Escrituras ensinam que sempre haverá crentes e descrentes misturados na igreja professante.²⁸² Entendemos também, pelas Escrituras e pela história da igreja, que esse estado danoso se torna mais proeminente quando a igreja prega algo menor que um evangelho bíblico e negligencia a disciplina na igreja. Contudo, a verdadeira igreja é composta somente daqueles que foram regenerados, se arrependem e creem, que estão sendo conformados à imagem de Cristo. Esta é a principal diferença entre a antiga e a nova aliança, e devemos manter e proclamá-la.

A GLÓRIA DA NOVA ALIANÇA

No monte Sinai, Deus escreveu em pedra o Decálogo, ou Dez Mandamentos, e os deu ao povo de Israel pela mediação de Moisés.²⁸³ As Escrituras documentam o evento da seguinte maneira: “E, tendo acabado de falar com ele no monte Sinai, deu a Moisés as duas tábuas do Testemunho, tábuas de pedra, escritas pelo dedo de Deus” (Êxodo 31.18).

A lei foi o grande presente de Deus a Israel, e deveria ter beneficiado a nação de todas as maneiras.²⁸⁴ Porém, tão logo Deus deu a lei, as pessoas a quebraram. Enquanto Moisés recebia a lei no Sinai, o povo fez para si um bezerro fundido e o adorou, como se fosse o Deus que os livrara da escravidão do Egito.²⁸⁵ Tendo quebrado os primeiros dois dos dez mandamentos, eles ainda se corromperam por toda forma de imoralidade.²⁸⁶ Conforme as Escrituras declaram: “o povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se.” (Êxodo 32.6–7).

Em resposta a essa grande rebeldia, Moisés jogou as tábuas que se esmiuçaram ao pé do monte.²⁸⁷ O que Deus dera a Israel para a vida tornou-se catalisador de condenação e morte.²⁸⁸ Eventualmente, a incredulidade do povo e sua constante rejeição dos mandamentos de Deus levaram à sua quase total aniquilação no deserto. O autor de Hebreus escreve: “E contra quem se indignou por quarenta anos? Não foi contra os que pecaram, cujos cadáveres caíram no deserto?” (3.17).

Nesta trágica, contudo frequente rebeldia da nação de Israel, três importantes verdades se tornam claras. Primeiro, a origem e natureza divina da lei é claramente revelada. Não foi uma invenção humana ou angélica: foi Deus que a escreveu. Moisés testemunhou: “As tábuas eram obra de Deus; também a escritura era a mesma escritura de Deus, esculpida nas tábuas” (Êxodo 32.16). Como a lei tem em Deus sua origem, é uma expressão confiável de sua justiça e sabedoria. Nas palavras do apóstolo Paulo: “Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom.” (Romanos 7.12). Assim, podemos confiar que as fraquezas da antiga aliança nada tinham a ver com alguma falta na lei. A lei foi incapaz de dar vida à nação de Israel devido à fraqueza da carne humana decaída.²⁸⁹

Em segundo lugar, a lei foi inscrita em tábuas de pedra retiradas da montanha de Deus. A pedra representa não apenas a natureza imutável da lei, como também a natureza dos corações a quem a lei foi dada. A grande maioria dos israelitas estava “morta nas transgressões e pecados,” e seus corações estavam empedrados (Efésios 2.1). Embora o Espírito Santo tivesse regenerado pequeno remanescente de corações verdadeiramente crentes, o restante vivia como os pagãos em sua volta. Era “de dura cerviz e incircuncisos de coração,” e “fizeram o seu coração duro como diamante, para que não ouvissem a lei” (Atos 7.51; Zacarias 7.12).

A lei estava escrita em tábuas de pedra, mas não no coração da maioria dos israelitas. Embora fosse dada *para* todos eles, ela jamais estivera *dentro* de muitos deles. Para a maioria, era sempre algo externo e estrangeiro, como algo contrário à sua natureza e oposto aos seus desejos. Eles não tinham afinidade com a lei; nenhum afeto espontâneo ou natural por ela. Ao invés disso, odiavam-na e chutavam-na sempre que podiam. Devido aos seus corações empedrados, as dez palavras da lei resultaram em dez acusações contra eles, e o que foi feito para a vida granjeou-lhes a morte.²⁹⁰ Por esta razão é que o profeta Ezequiel ansiava o dia quando o Espírito Santo substituiria os duros corações de pedra por corações responsivos de carne.²⁹¹

Terceiro, a lei, a antiga aliança, foi mediada por Moisés. Embora ele fosse homem exemplar, ainda era carregado de toda espécie de pecados e fraquezas do seu povo. Embora fosse fiel sobre a casa de Deus como um servo, não tinha o poder de expiar o pecado ou conseguir alguma transformação interior ou permanente naqueles que o seguiram na saída do Egito.²⁹² É impossível que o sangue de touros e bodes tire os pecados ou aperfeiçoe a consciência do adorador.²⁹³ É impossível à lei, devido à fraqueza da carne humana, mudar os afetos da pessoa, transformando-a em pensamento e ação.²⁹⁴ Por esta razão Deus declara, por intermédio de Jeremias, a feliz notícia de uma nova e superior aliança, estabelecida sobre promessas melhores.²⁹⁵ Esta possuiria e demonstraria uma plenitude da qual a antiga aliança era apenas tipo ou sombra. Faria demandas sobre o povo de Deus que excederiam em muito o que Moisés lhes entregara,

contudo, proveria uma transformação e um poder que os capacitaria a obedecer. A lei não seria mais escrita em tábuas de pedra, imposta sobre corações de pedra, resultando na condenação e morte. Na nova aliança, Deus tiraria a iniquidade de seu povo por meio de alguém maior que Moisés; transformaria seus corações em carne viva, capaz de responder; e escreveria neles a sua lei.²⁹⁶

Quando Deus declara através de Jeremias: “Na mente, lhes imprimirei as minhas leis, também no coração lhas inscreverei; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo”, fala da maravilhosa doutrina da regeneração. Na nova aliança, Deus não estaria apenas impondo sua lei sobre um povo indisposto, mas recriaria esse povo, fazendo-o apto para essa lei. Seria como já consideramos nas profecias de Ezequiel. Deus retiraria os corações de pedra e os substituiria com corações de carne, que conseguem responder. Não seriam mais um povo antagônico a Deus ou contrário à sua lei, mas disposto, obediente, e dedicado. Noutras palavras, pela obra regeneradora do Espírito Santo, Deus restaura a sua imagem em seu povo. Muda a sua natureza e, como resultado, eles possuem novos afetos. Correspondentemente, ele escreveria sua lei em seus corações com tinta indelével. Seu buril seria o dedo de Deus. Então, para garantir a obra e promovê-la até seu desejado fim, Deus habitaria em seu povo por meio do Espírito Santo e faria com que andassem em seus estatutos e cuidassem em guardar suas ordenanças.²⁹⁷

É importante que compreendamos que a linguagem aqui empregada não é exagero de prosa poética só para aquecer o coração. O que Deus prometeu pela nova aliança é agora a realidade viva na verdadeira igreja de Jesus Cristo. Todo verdadeiro membro do corpo de Cristo é uma recriação sobrenatural feita pelo Espírito de Deus. Cada um sofreu uma transformação radical no cerne de seu ser, e tem a lei de Deus escrita em seu coração. Aos que são novos na aliança, a lei não é mais um código externo e contrário às suas naturezas, opostos por eles. Ao invés disso, essa lei se tornou parte deles. Não é mais um fardo, mas um deleite. Não é mais um catalisador de condenação e morte, mas um guia efetivo para maior piedade.

Esta boa nova não despreza o fato de que o crente, como indivíduo, e a igreja conjunta ainda aguardam sua plena e final glorificação. Mesmo o mais dedicado crente ainda é assediado por muitas falhas e fraquezas que não conseguirá vencer, até que Cristo volte e ocorra a consumação de todas as coisas. No entanto, um novo relacionamento com Deus e a sua vontade marcam o verdadeiro cristão, e também a verdadeira igreja. Na nova aliança, a rebeldia e desobediência não são mais as marcas que destacam o povo de Deus. Em vez disso, a sua característica mais marcante é o novo afeto que têm por Deus, seu Filho, e seus mandamentos. O Salmo 119 descreve de maneira belíssima esses novos afetos: “Terei prazer nos teus mandamentos, os quais eu amo. Para os teus mandamentos, que amo, levantarei as mãos e meditarei nos teus decretos” (vv. 47–48). “Os teus testemunhos, recebi-os por legado perpétuo, porque me constituem o prazer do coração. Induzo o coração a guardar os teus decretos, para sempre, até ao fim” (vv. 111–12). “Amo os teus mandamentos mais do que o ouro, mais do que o ouro refinado. Por isso, tenho por, em tudo retos os teus preceitos todos e aborreço todo caminho de falsidade” (vv. 127–28).

É hermeneuticamente insalubre e extremamente perigoso usar a quase constante rebeldia de Israel para justificar a quase constante rebeldia do chamado cristão carnal e da igreja professa. A desenfreada rebeldia, vista em grande parte do evangelicalismo ocidental, não é significativa que a nova aliança não seja melhor que a antiga só porque ela partilha alguns dos mesmos pontos fracos. Pelo contrário, a apatia, o materialismo e a rebeldia ocorrem porque muitos que dizem ser cristãos, na verdade não tem nada de Cristo, e muito do que é chamado igreja não é, de maneira nenhuma, a igreja viva e verdadeira. Reduzimos o evangelho de Cristo e suas demandas; vestimos a igreja para parecer com o mundo; recusamos pregar a graça que custa muito ou separação daquilo que nos corrompe; e praticamente desprezamos qualquer forma de censura ou disciplina na igreja. Por estas razões e mais, numerosos indivíduos dizem pertencer ao cristianismo sem mostrar

quaisquer evidências que deveriam acompanhá-los, e as organizações eclesiais orgulhosamente se identificam como igreja, contudo mostram pouca semelhança com a noiva de Cristo, conforme revelada no Novo Testamento.

Devemos retornar, portanto, a um entendimento bíblico da regeneração e conversão. Temos de negar a retórica popular que apresenta a igreja como primariamente uma coletânea de pessoas salvas, porém carnis, com só um pequeno remanescente de seguidores de Cristo espirituais ou consagrados em seu meio. Mais uma vez, temos de clamar: “Importa nascer de novo!”, e explicar que tal nascimento resulta em um coração transformado, que se deleita na lei escrita pelo próprio dedo de Deus.

275. 2Coríntios 5.21; Efésios 2.5–6.

276. 2Coríntios 13.5.

277. 1Coríntios 2.9; Efésios 3.20.

278. Oséias 1.2.

279. Romanos 9.6.

280. Hebreus 3.16–19

281. O termo *igreja professante* referencia todos aqueles que professam ter fé em Jesus Cristo e se identificam com o cristianismo. A *igreja professante* e a *igreja verdadeira de Jesus Cristo* não são termos sinônimos.

282. Mateus 13.24–30, 36–43.

283. *Decálogo* vem da palavra grega *dekalogos* (*deka* [ten] + *logos* [palavra]). Assim, o Decálogo muitas vezes é referido como as “Dez Palavras.”

284. Romanos 3.1–2.

285. Êxodo 32.1–5.

286. Êxodo 20.3–6.

287. Êxodo 32.19.

288. Deuteronômio 30.15, 19; Romanos 7.9–10.

289. Romanos 8.3.

290. Romanos 7.9–10.

291. Ezequiel 36.26.

292. Hebreus 3.5.

293. Hebreus 9.9; 10.4.

294. Romanos 8.3.

295. Hebreus 8.6.

296. Hebreus 3.1–3.

297. Ezequiel 36.26–27.

A FORMAÇÃO DE UM NOVO POVO

Serei o seu Deus, e eles serão meu povo. – Jeremias 31.33

Quando Deus declara através de Jeremias: “porei minha lei entre eles, e a escrevei em seu coração”, está falando da obra de regeneração. Ao declarar: “Serei o seu Deus, e eles serão meu povo”, está falando do resultado dessa obra: um relacionamento singular entre Deus e uma comunidade de pessoas que creriam em seu nome e andariam conforme seus mandamentos. Este povo da nova aliança não seria apenas obediente à lei de Deus, como também teria marcante dedicação e fidelidade ao próprio Deus. Teria afinidade — afeto natural e espontâneo — por ele, e ele o tomaria como pertencente a ele. Ele seria o seu Deus em verdade e justiça, e eles seriam um povo que o adoraria em espírito e em verdade, pois tais pessoas Deus busca para seus adoradores.²⁹⁸

O DESEJO DE DEUS POR UM POVO

Desde a Queda e por toda a Escritura, o propósito de Deus na redenção foi fazer um povo para si, tirado da grande massa da humanidade caída. A Abraão ele disse: “Dar-te-ei e à tua descendência a terra das tuas peregrinações, toda a terra de Canaã, em posseção perpétua, e serei o seu Deus.” (Gênesis 17.8). A Moisés ele prometeu: “E habitarei no meio dos filhos de Israel e serei o seu Deus” e “Andarei entre vós e serei o vosso Deus, e vós sereis o meu povo” (Êxodo 29.45; Levíticos 26.12).

Deus prometeu a mais íntima comunhão com a nação de Israel; contudo, poucas vezes eles respondiam de modo digno ou apropriado, e assim, muitas vezes os profetas repreendiam a eles severamente. Isaías declarou que o boi conhece seu dono e o jumento a manjedoura de seu mestre, mas Israel não entendia o valor de Deus nem estimava seu relacionamento com ele.²⁹⁹ O profeta Malaquias argumentou que no decurso natural das coisas, um filho honra ao pai, e um servo o seu mestre, mas Israel não honrava a Deus nem demonstrava reverência para com ele. Em vez disso, a nação desprezava o seu nome e rejeitava seus mandamentos.³⁰⁰ Documentado no livro de Neemias está uma confissão conjunta, na qual a nação de Israel reconhece sua constante desobediência e rebeldia contra Deus: eles haviam lançado pelas costas a sua lei e matado seus profetas que os admoestavam a voltar.³⁰¹ Embora Deus tivesse feito com eles uma aliança e se revelado a eles de maneira sem precedentes, as Escrituras os descrevem como “de dura cerviz e incircuncisos de coração” e “sempre resistindo ao Espírito Santo” (Atos 7.51). Tal obstinada rebeldia entristecia o coração de Deus e resultava na seguinte exclamação divina: “Quem dera que eles tivessem tal coração, que me temessem e guardassem em todo o tempo todos os meus mandamentos, para que bem lhes fosse a eles e a seus filhos, para sempre!” (Deuteronômio 5.29).

Desde o começo de sua aliança com Israel, Deus desejava um povo que estimasse seu valor e guardasse seus mandamentos, a fim de abençoá-los e estabelecê-los para sempre. Então, ao virar as páginas do Antigo Testamento, vemos esse anseio divino tornar-se promessa claramente definida. O Deus que opera todas as coisas segundo o conselho de sua vontade cumpriria o seu desejo sobre a terra.³⁰² Obteria para si um povo que o tomaria como seu Deus. Ele circuncidaria seu coração de pedra, criando neles um novo coração, e os tornaria responsivos à sua vontade. Assim aprendemos das seguintes profecias extraídas de Jeremias e Ezequiel: “Dar-lhes-ei coração para que me conheçam que eu sou o SENHOR; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; porque se voltarão para mim de todo o seu coração” (Jeremias 24.7).

Dize-lhes, pois: Assim diz o SENHOR Deus: Eis que eu tomarei os filhos de Israel de entre as nações para onde eles foram, e os congregarei de todas as partes, e os levarei para a sua própria terra. Farei deles uma só nação na terra, nos montes de Israel, e um só rei será rei de todos eles. Nunca mais serão duas nações; nunca mais para o futuro se dividirão em dois reinos. Nunca mais se contaminarão com os seus ídolos, nem com as suas abominações, nem com qualquer das suas transgressões; livrá-los-ei de todas as suas apostasias em que pecaram e os purificarei. Assim, eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. O meu servo Davi reinará sobre eles; todos eles terão um só pastor, andarão nos meus juízos, guardarão os meus estatutos e os observarão. Habitarão na terra que dei a meu servo Jacó, na qual vossos pais habitaram; habitarão nela, eles e seus filhos e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, meu servo, será seu príncipe eternamente. Farei com eles aliança de paz; será aliança perpétua. Estabelecê-los-ei, e os multiplicarei, e porei o meu santuário no meio deles, para sempre. O meu tabernáculo estará com eles; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo. As nações saberão que eu sou o SENHOR que santifico a Israel, quando o meu santuário estiver para sempre no meio deles. (Ezequiel 37.21–24)

Desde o princípio, Deus ansiava por um povo, mas todos eram indignos para a tarefa, provando que a resposta não se encontra no homem, mas na sabedoria, soberania, e poder de Deus. O que é impossível para os homens é possível para Deus!³⁰³ Fazer para si um povo extraído de uma humanidade decaída e moralmente corrompida requer nada menos que um milagre da mesma magnitude da criação do universo. O Espírito de Deus, que pairava sobre o vazio

sem forma na criação do mundo estaria pairando sobre o coração de todo membro do novo povo de Deus, ressurgindo e os recriando, a partir de uma massa depravada e ignóbil da humanidade, como filhos do Deus vivo.³⁰⁴

CUMPRIDO O DESEJO DE DEUS

Ainda que essa obra possa parecer maravilhosa demais para acreditar nela, é exatamente o que Deus promete na nova aliança, tanto ao cristão individual como ao conjunto da verdadeira igreja, que vivam assim a cada dia. Por meio da obra de expiação feita por Cristo e o trabalho regenerador do Espírito Santo, Deus criou para si um novo povo. Retirou deles o coração de pedra e o substituiu com um coração de carne viva. Recriou esse povo para ser uma raça escolhida, um sacerdócio real, uma nação santa, um povo de sua exclusiva propriedade, pessoas que realmente proclamam as excelências daquele que os chamou das trevas para sua maravilhosa luz.³⁰⁵

Esta é a grande diferença entre a nação física de Israel sob a antiga aliança e a verdadeira igreja de Jesus Cristo debaixo da nova. A nação de Israel era composta de indivíduos que compartilhavam uma genealogia física comum, como descendente de Abraão. No entanto, a maioria era de “meros homens” ou homens “naturais”, desprovidos do Espírito.³⁰⁶ Permaneciam na imagem caída de seu pai Adão. Eram escravizados pela depravação dos corações, e impelidos pela cobiça de sua carne.³⁰⁷ Em sua maioria, não tinham a fé de seu pai Abraão, mas eram não regenerados, descrentes e desobedientes. O fundamento do ensino do apóstolo Paulo para a igreja de Roma era que a maioria dos descendentes de Israel não eram, de maneira nenhuma, israelitas.³⁰⁸

Em contraste, a verdadeira igreja, sob a nova aliança, é composta de homens e mulheres de todas as tribos, línguas, povos e nações, e não há mais distinção entre grego e judeu, circunciso e incircunciso, bárbaro, cita, escravo e liberto.³⁰⁹ Sua união não está em ter o mesmo sangue que Abraão, mas em possuir a mesma fé. Eles creem no testemunho de Deus a respeito de seu Filho, e isso foi imputado a eles como justiça.³¹⁰ Confiaram em Cristo como cumprimento de toda promessa que Deus tinha feito aos patriarcas e ao mundo.³¹¹ Além disso, o povo da nova aliança é unido por mais que um chamado comum, crença religiosa ou exigências éticas compartilhadas. O Espírito do Deus vivo regenerou cada membro da

verdadeira igreja e os ergueu para andar em novidade de vida.³¹² O mesmo Deus que disse “Das trevas resplandeça a luz” é quem brilhou em seus corações para dar-lhes a luz do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo.³¹³ Foi-lhes dado ver Cristo, e foram transformados para que pudessem amar o que veem, e serem irresistivelmente, para sempre, ligados a ele. É um novo povo, desejoso de Deus, que se deleita na sua lei, não por vir de estirpe superior à da nação de Israel, mas porque o Espírito Santo os recriou. Tornaram-se novas criaturas em Cristo Jesus; as coisas antigas já se passaram, e eis que tudo se fez novo.³¹⁴

RESPONDENDO ACUSAÇÕES CONTRA A IGREJA

Com frequência, crentes e incrédulos igualmente queixam-se da existência na igreja de tanta impiedade quanto existe no mundo descrente. Os historiadores apontam às supostas atrocidades da igreja através dos séculos, desde as Cruzadas até a Inquisição. Especialistas em sondar as opiniões públicas dos dias modernos apontam para estatísticas demonstrando que a igreja está cheia de imoralidade sexual, fanatismo, avareza, ódio, falsidade e todos os demais vícios encontrados na sociedade. Profetas autoproclamados insultam a igreja por suas supostas abominações, chamando-a de tudo, desde Sodoma e Gomorra até prostituta desvairada. Porém, suas acusações simplesmente não são verdade. São resultado de um único erro teológico: eles não possuem entendimento bíblico do que seja a igreja. Portanto, acusam a verdadeira igreja pelas atrocidades cometidas por aqueles que se identificam com a igreja, mas não têm parte com ela nem com o seu salvador.

Primeiro, vejamos as supostas atrocidades cometidas pela igreja no decorrer da história. Um exemplo está na Santa Inquisição. De acordo com os historiadores, o papa Gregório IX (r. 1227–1241) estabeleceu a Inquisição, um tribunal eclesiástico para suprimir a heresia, principalmente ativo no norte da Itália e sul da França, infame por seu uso de tortura. Em 1542, a Inquisição Papal voltou sua atenção a um novo inimigo — os protestantes. A importante verdade é que a Inquisição era tribunal de uma organização eclesiástica particular, conhecida como a Igreja Católica Romana. Como, portanto, pode a igreja verdadeira ser culpada pelas atrocidades de uma organização eclesiástica herética que a perseguia? A confissão que uma pessoa faz de fé em Cristo se prova falsa por seus malfeitos.³¹⁵ O mesmo é verdade quanto a uma organização eclesiástica que afirme ser a verdadeira igreja. Como Jesus declarou: “A árvore se conhece pelos seus frutos” (Mateus 12.33).

Segundo, olhemos as estatísticas dos peritos que dizem que a igreja é tão imoral quanto a cultura a seu redor. Temos de reconhecer que esta é uma questão extremamente importante. Se a igreja estiver tão escravizada ao vício quanto declaram as estatísticas, se ela não for melhor do que a presente era de impiedade, a própria infalibilidade das Escrituras e integridade do cristianismo estarão em jogo. O Antigo Testamento refere-se claramente à promessa de que, na nova aliança, Deus faria para si um povo piedoso, dentre judeus e gentios igualmente, um povo que o reverenciaria e andaria em obediência. Se a igreja como um todo não for mais devota ou obediente do que o mundo, então essas promessas falharam. Mas nós afirmamos que nem Deus nem sua Palavra falhou. A verdadeira igreja de Jesus Cristo é fiel, consagrada, produz frutos e cresce em conformidade a seu Senhor. Embora ainda esteja lutando contra o pecado e sempre carente de graça, permanece firme, em forte contraste à cultura impiedosa e imoral que a cerca. O defeito fatal dos pesquisadores é que presumem que todos que se identificam com Cristo são cristãos e que toda organização que se chama de igreja é verdadeira igreja.

Os pesquisadores estão errados porque fizeram suas conclusões a partir de um campo de pesquisa contaminado. Um dos males mais amplamente reconhecidos de dentro do evangelicalismo é que muitos que dizem fazer parte do cristianismo possuem crenças e práticas estranhas ao cristianismo bíblico e histórico. Ainda que professem alguma ligação a Cristo, não são cristãos em sua doutrina, ética ou forma de viver. Portanto, é absurdo presumir que representem a igreja, e tirar conclusões sobre a igreja baseadas em suas opiniões e práticas é igualmente absurdo. As seguintes ilustrações poderão ser úteis para mostrar o problema.

Não se pode disputar que a ressurreição de Jesus Cristo é uma doutrina essencial. Se uma pessoa não assume plenamente tal doutrina, não pode ser considerada cristã por qualquer padrão bíblico ou histórico. Portanto, se perguntarmos a mil indivíduos que dizem ser cristãos e descobrirmos que setenta e cinco por cento deles não acreditam na ressurreição, logicamente não poderemos concluir que setenta e cinco por cento de todos os cristãos não creem

na ressurreição. Uma conclusão mais lógica seria que setenta e cinco por cento das pessoas que acreditam ser cristãs, na verdade, não o são de maneira nenhuma. Continuando o argumento, digamos que exista uma igreja na vizinhança, infame por seu ódio, suas brigas e contendas. Durante uma reunião mensal de negócios, uma briga terrível explode, que lança metade da igreja contra a outra. A reunião está cheia de ira, dissensão, xingamentos e ameaças maldosas. Finalmente, um homem piedoso da congregação se levanta e diz: “Somos cristãos, e, portanto, não deveríamos odiar uns aos outros”. Porém, ele seria mais correto se tivesse dito: “Estamos cheios de ódio uns contra os outros, portanto, não somos cristãos!”³¹⁶

A igreja verdadeira não é tão imoral e ímpia quanto a cultura que a cerca. Ainda que não esteja glorificada, a igreja verdadeira é marcada por sua santidade, consagração e obediência. Quando tropeça e cai em pecado, ela se quebranta, arrependida e disposta a reconhecer seu pecado diante de Deus e dos homens. Os que creem de outra forma têm pouco entendimento da verdadeira natureza da igreja ou da grandeza das promessas da nova aliança sobre a qual ela se fundamenta.

Terceiro, consideremos os “profetas” de boa vontade que vociferam contra a igreja por suas supostas abominações, chamando-a de tudo, desde Sodoma e Gomorra até desvairada prostituta. Quando olhamos o que as pessoas atualmente chamam de igreja, realmente vemos muitas abominações e prostituições. É comum um tipo de imoralidade existente dentro da chamada igreja que não existe nem mesmo entre incrédulos; existem coisas vergonhosas das quais nem poderemos falar sem nos contaminar.³¹⁷ Porém, tais coisas não são a prática comum da verdadeira noiva de Cristo, mas ações de lobos vestidos de ovelha e joio que crescem junto com o trigo.³¹⁸

A verdadeira igreja não é imune ao pecado e pode ficar envolvida por um tempo em coisas do mundo. Da mesma forma, o crente verdadeiro lutará contra o pecado e pode até cair de forma muito grave. Porém, nem a igreja verdadeira nem o crente de verdade viverá uma vida marcada pela impiedade e imoralidade da

presente era. Uma rosa, com qualquer outro nome, ainda será uma rosa, porque ela tem as características de uma rosa, não obstante o nome que lhe dão. Contudo, um espinho também continua sendo espinho, mesmo se for chamado de rosa. Temos de fazer distinção entre aqueles que se identificam publicamente com Cristo e sua igreja, e aqueles que são verdadeiramente cristãos, membros do corpo de Cristo.

Baseado nesta verdade, os “profetas” que ralham contra a igreja deveriam usar de cautela em sua avaliação e em sua maneira de se referir a ela. Não devemos culpar as ovelhas pelos atos dos bodes, nem queimar os campos de trigo por causa do joio. Além do mais, não é uma temeridade referir-se à noiva de Cristo como Sodoma e Gomorra ou insultá-la como prostituta? É verdade que tal linguagem é usada no Antigo Testamento com respeito à nação de Israel, mas devemos nos lembrar de que Deus estava se referindo principalmente a um povo não regenerado, cujos corações eram de pedra, hostis, e cujos atos eram muitas vezes piores do que os dos pagãos ao seu redor. Porém, ninguém deve usar linguagem tão dura contra a verdadeira igreja, noiva de Cristo. Nenhum homem respeitável ficaria de lado, ocioso, enquanto outro lançasse acusações de infidelidade, imoralidade e prostituição contra a sua esposa. Será que achamos que Cristo tolera tal tratamento de sua nova amada? Embora tenhamos de falar-lhe sobre o seu pecado, jamais devemos nos esquecer a quem estamos falando e a quem ela pertence.

Por esta razão, os profetas do Novo Testamento são conclamados a falar à igreja para “edificação e exortação e consolo” (1Coríntios 14.3). Não são instruídos a acusá-la de crimes que não cometeu ou insultá-la com palavras indignas dos mais rudes e grosseiros entre nós. Devemos ter ciúmes pela igreja com um “zelo santo”, mas nossa estima por sua posição como noiva de Cristo deverá temperar o fogo de nossa língua (2Coríntios 11.2). Temos de fazer tudo a nosso alcance para apresentar a igreja de Cristo como uma virgem sem mácula.³¹⁹ Porém, temos de cuidar para nunca subjugá-la ou tratá-la rudemente.

EXPLICADA A APARENTE CARNALIDADE DA IGREJA

A essa altura, é necessário fazer algumas perguntas importantes. Por que a verdadeira igreja parece tão difícil de ser discernida pelo mundo, e por que existem tantos que se identificam com Cristo, mas têm poucos ou nenhum de seus frutos? Por que pessoas carnis parecem ser maioria na igreja evangélica contemporânea, enquanto as pessoas espirituais e dedicadas parecem ser um pequeníssimo remanescente? Ainda que pudéssemos encher todo um livro de explicações, temos de nos confinar apenas a algumas.

Primeiro, o vasto número de pessoas carnis que se identificam com a igreja resulta do evangelho não bíblico que é pregado da maioria dos púlpitos evangélicos. Conforme temos afirmado no decorrer deste livro, tomamos o evangelho de Jesus Cristo e o reduzimos a algumas declarações do credo que a pessoa é chamada a aceitar. Removemos as suas exigências radicais e a maior parte de seu escândalo. Diminuímos a supremacia e o valor de Deus acima de toda sua criação, e colocamos o homem no palco central do teatro divino. É raro mencionarmos a radical depravação do homem e a natureza hedionda de seu pecado, ou expô-la para ferir a consciência. Substituímos o chamado ao arrependimento e fé pela repetição de uma oração. Autoridades eclesiásticas concedem segurança da salvação com pouca preocupação pelas evidências da conversão. O caro chamado do discipulado radical e a demanda por santidade estão quase totalmente ausentes. Por estas razões, os carnis e não convertidos conseguem reivindicar a Sião e moram dentro de seus muros, sem afligir sua consciência ou perturbar sua mente pela contradição.

Segundo, o vasto número de pessoas carnis que se identificam com a igreja vem de nosso baixo conceito da conversão. O entendimento de regeneração se perdeu quase totalmente, e o termo *nascido de novo* passou a significar “tomar uma decisão por Cristo” e “fazer a oração do pecador”. Além do mais, muitos acreditam que uma pessoa pode realmente ser nascida de novo e viver toda sua vida no mundanismo. A igreja não somente tolera a carnalidade contínua dentro

dela, como também parece esperar isso. A natureza radical da regeneração como uma obra sobrenatural de nova criação feita pelo Espírito Santo parece fugir do nosso entendimento. As pessoas não parecem mais crer no poder do evangelho de subjugar o pecado na vida do convertido e compeli-lo a uma maior semelhança com Cristo. É raro o pregador proclamar a mensagem apostólica que exigia das pessoas “que se arrependessem e se convertessem a Deus, praticando obras dignas de arrependimento” (Atos 26.20), ou a admoestação: “Por isso, irmãos, procurai, com diligência cada vez maior, confirmar a vossa vocação e eleição; porquanto, procedendo assim, não tropeçareis em tempo algum (2Pedro 1.10). Não pensamos mais na necessidade de examinar-nos e testar se estamos na fé.³²⁰ Assim, os carnavais cantam os cânticos de Sião, achando que têm como lar futuro o céu, mesmo que este mundo atual presentemente tenha o seu coração.

Antes do Grande Avivamento, pessoas refinadas, mas carnavais, enchiam as igrejas. Sentiam-se seguras de sua posição diante de Deus devido a seu batismo, sua confirmação ou sua civilidade. Achavam que eram completamente cristãs em uma nação totalmente cristã. Contudo, Deus levantou gente como George Whitefield, John e Charles Wesley, Howell Harris, e Daniel Rowland, cuja mensagem sacudiu até o fundo a Inglaterra e o País de Gales. A força de sua mensagem foi fundamentada na crença de que o evangelho era poder de Deus, não somente para libertar a pessoa da condenação do pecado, como também de seu domínio. Pregavam a regeneração como evento milagroso que transformava o mais vil pecador em um santo do Deus vivo. Quando a pregação desses homens os confrontava, os congregantes carnavais na igreja perdiam sua falsa segurança e, ou corriam para o Calvário ou se enfureciam e atacavam aqueles que ousavam questionar a sinceridade de sua fé ou validade de sua conversão.

O mesmo tem de acontecer hoje, se quisermos ver reavivamento e reforma. Nos dias de Whitefield, pessoas carnavais encontravam sua segurança no seu batismo e sua confirmação. Em nossos dias, o mesmo tipo de pessoa carnal procura segurança na aparente sinceridade de uma decisão que fizeram uma vez e em uma oração que uma vez disseram. Pastores bem intencionados que os

recebem sem discernimento, instrução correta ou as admoestações evangélicas necessárias na família de Deus, confirmam sua falsa segurança. Se desejamos reforma e avivamento no que conhecemos como igreja evangélica, o clamor dos púlpitos tem de ser: “Você tem de nascer de novo”. Contudo, antes de proclamar propriamente esta verdade, primeiro temos de entender o que ela quer dizer.

Terceiro, muitas pessoas carnis se identificam com a igreja porque ela comunica uma mensagem errada sobre sua relevância para com o mundo. A teoria errônea, mas prevalecente, é de que a igreja tem de se parecer o mais possível com o mundo para que seja relevante e alcance as pessoas para Cristo. Assim, mudamos nossa aparência, nossos cultos e nosso foco. Tornamo-nos interessados em coisas que interessam às pessoas carnis, para que estas se interessem mais por nós. É um grave erro. A igreja não é relevante para o mundo porque parecemos e agimos como o mundo ou compartilhamos os seus interesses. Somos relevantes porque procuramos nos submeter a Cristo em todos os aspectos da vida, e ele transforma nossos interesses, ações e aparência. É nosso destaque diferente do mundo que nos torna relevantes, e quanto mais nos distinguimos, maior a nossa relevância. O destaque do sal faz com que tenha impacto sobre aquilo em que é derramado. As qualidades singulares da luz é que a distinguem das trevas.

As pessoas não virão a Cristo porque convertemos a igreja em feira de vaidades, arena esportiva, ou centro de diversões. Se utilizarmos métodos carnis para atrair pessoas carnis, teremos de continuar a usar meios carnis para mantê-los. Não conseguiremos, como alguns supõem, mudar o cardápio para uma dieta mais espiritual na metade da refeição. Sem uma obra sobrenatural do Espírito, mediante uma pregação correta do evangelho, as pessoas jamais terão gosto pelo Pão que desceu do céu.³²¹

Além do mais, em nossa constante busca de agradar pessoas carnis, estamos permitindo que as verdadeiras ovelhas morram de fome. Elas não querem entretenimento. Desejam adorar. Não conseguem viver de estranhos antídotos, histórias morais ou princípios da vida. Precisam do verdadeiro leite e da carne da

Palavra de Deus.³²² Não se importam com suas “necessidades sentidas”. Querem aprender a obediência e servir a Deus. Não precisam que façam cócegas em seus ouvidos, nem que animem sua autoestima. Querem ser conformados à imagem de Cristo. Não precisam das exhibições suplementares que a maioria das igrejas amigáveis, culturalmente relevantes, oferece. Simplesmente desejam conhecer a Deus e a Jesus Cristo, a quem ele enviou.³²³ Ainda mais, que terror será para o pastor, presbítero, ou mestre que gastou toda sua vida e ministério cortejando o mundo e cedendo às paixões dos carnavais enquanto permitem que os cordeiros de Cristo não sejam alimentados e cuidados!

Quarto, o número de pessoas carnavais que se identificam com a igreja é resultado de nosso fracasso em obedecer a Deus na questão da disciplina da igreja. A disciplina é aspecto inegável da vida eclesiástica no Novo Testamento, e é mal compreendida entre os evangélicos hoje.³²⁴ O argumento mais comum contra a disciplina na igreja é que ela mostra falta de amor e faz juízo das pessoas. Refutamos, mostrando apenas os ensinamentos do Senhor, que ordenou tal prática. Se somos faltos de amor ao obedecer sem amar seu mandamento, teria ele faltado com amor ao nos dá-lo? Embora não devamos julgar com atitudes censuradoras de crítica, somos ordenados a julgar e até mesmo, se necessário, expulsar o erro.³²⁵ Se, na consumação de todas as coisas, iremos julgar os anjos, será que não somos hoje capazes de julgar as questões pertinentes à igreja e seu bem-estar?³²⁶

Não é boa nossa jactância em um amor que recusa confrontar pecado sem arrependimento. Será que não entendemos que um pouco de fermento leveda toda a massa?³²⁷ Estaremos demonstrando amor a Deus quando permitimos que o pecado corra solto na igreja, de maneira que o nome de Deus seja blasfemado entre os incrédulos?³²⁸ Estaremos demonstrando amor a nossos irmãos em Cristo quando permitimos que eles sejam destruídos pelo pecado habitual, ou estamos demonstrando amor próprio e recusa de entrar em conflito para preservar a nós mesmos?

CONCLUSÃO

Faremos bem em lembrar que a igreja pertence a Deus, e é a noiva de Cristo. Não temos autoridade para fazer o que parece certo a nossos próprios olhos. Temos de nos submeter ao senhorio de Cristo e cuidar da igreja conforme a sua Palavra. Temos de ministrar ao povo de Deus da maneira de Deus.

Quão pouco o verdadeiro evangelho é pregado em nossos dias! Quantas pessoas ficam sentadas confortavelmente nos bancos de nossas igrejas mesmo que não sejam salvas? Quantas igrejas assim chamadas servem para agradar gente de mente carnal enquanto as ovelhinhas de Deus definham, famintas pela Palavra, por verdadeira adoração e comunhão piedosa? Quantas vezes o nome de Deus é blasfemado entre descrentes cujas opiniões sobre Cristo e a igreja foram solapadas pelo testemunho de pessoas carnis que dizem ser de Cristo, no entanto não tem parte com ele?

Temos de retornar a um entendimento bíblico da conversão como obra sobrenatural do Espírito Santo, que resulta na santificação contínua e produção de frutos. Temos de retornar a um entendimento bíblico da verdadeira igreja como uma comunidade redimida de homens e mulheres espirituais que vieram ao conhecimento de Cristo e desejam nada mais e nada menos que isso. Temos de deixar a prática de fazer a igreja parecer uma feira de vaidades, numa tentativa de impressionar gente carnal e atrair os seus interesses. Deus ordenou criar para si um povo que o afirma como seu Deus. Ele ordenou fazê-lo por meio da proclamação de seu glorioso evangelho e do testemunho de seus santos, que andam em simplicidade, santidade e amor, provando que são filhos de Deus, irrepreensíveis e sem culpa, no meio de uma geração ímpia e perversa, entre os quais eles aparecem como luz no mundo.³²⁹

298. Zacarias 8.8; João 4.23.

299. Isaías 1.3.

300. Malaquias 1.6.

301. Neemias 9.26.

302. Efésios 1.11.

303. Mateus 19.26; Marcos 10.27; Lucas 18.27.

304. Gênesis 1.2.

305. 1 Pedro 2.9.

306. 1 Coríntios 2.14; 3.3.

307. Gênesis 5.3; João 8.33–34; Efésios 2.3.

308. Lucas 3.7–8; Romanos 9.6–8.

309. Colossenses 3.11; Apocalipse 5.9.

310. Gênesis 15.6; Romanos 4.3, 16; Gálatas 3.6; Tiago 2.23.

311. “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é o amém para glória de Deus, por nosso intermédio.” (2 Coríntios 1.20). “Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia, como está escrito: Por isso, eu te glorificarei entre os gentios e cantarei louvores ao teu nome. E também diz: Alegrai-vos, ó gentios, com o seu povo. E ainda: Louvai ao Senhor, vós todos os gentios, e todos os povos o louvem. Também Isaías diz: Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios; nele os gentios esperarão.” (Romanos 15.8–12).

312. Romanos 6.4.

313. 2 Coríntios 4.6.

314. 2 Coríntios 5.17.

315. Mateus 7.21–23; Tiago 2.18–19.

316. Esta ilustração vem do Pastor Charles Leiter, da capela de *Lake Road*, em Kirksville, Missouri.

317. 1 Coríntios 5.1; Efésios 5.12.

318. Mateus 7.15; 13.24–30, 36–43.

319. 2 Coríntios 11.2.

320. 2 Coríntios 13.5.

321. João 6.26, 35.

322. Hebreus 5.14; 1 Pedro 2.2.

323. João 17.3.

324. Mateus 18.15–20; 1 Coríntios 5.1–5; 2 Tessalonicenses 3.6, 14.

325. Mateus 7.1–5, 15–20; 1 Coríntios 5.13.

326. 1 Coríntios 6.3.

327. 1 Coríntios 5.6.

328. Romanos 2.24.

329. Filipenses 2.15

O CONHECIMENTO CERTO DO CRISTÃO ACERCA DE DEUS

Não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao SENHOR, porque todos me conhecerão, desde o menor até ao maior deles, diz o SENHOR. Pois perdoarei as suas iniquidades e dos seus pecados jamais me lembrarei.
— Jeremias 31.34

Temos aqui uma profecia impressionante, de que todo membro da igreja possuirá um real e íntimo conhecimento de Deus. Não devemos entender isso como uma metáfora ou hipérbole, mas como uma profecia do Antigo Testamento que se cumpriu no Novo Testamento cristão. O autor de Hebreus confirma esta verdade, citando o texto longamente e aplicando-o à igreja de Jesus Cristo: “E não ensinará jamais cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até ao maior. Pois, para com as suas iniquidades, usarei de misericórdia e dos seus pecados jamais me lembrarei” (8.11–12).

A IGNORÂNCIA DEBAIXO DA ANTIGA ALIANÇA

Para compreender o significado dessa promessa, primeiro devemos entender o seu contexto. Sob a antiga aliança, o conhecimento de Deus parecia limitado a um grupo relativamente pequeno de indivíduos. Profetas, sacerdotes, escribas, e às vezes, reis estavam entre os receptores mais comuns. Por sua vez, eles eram responsáveis por seu conhecimento e obrigados a instruir o resto da comunidade pactual de Israel. Porém, tal instrução parece ter sido uma tarefa um tanto desanimadora, não só pelo grande número de israelitas, como também devido à cegueira e dureza de coração de Israel. Na verdade, esta ignorância autoimposta parece ter sido a causa de uma das maiores e mais frequentes acusações de Deus contra seu povo da antiga aliança. “Ouvi a palavra do SENHOR, vós, filhos de Israel, porque o SENHOR tem uma contenda com os habitantes da terra, porque nela não há verdade, nem amor, nem conhecimento de Deus” (Oséias 4.1). “Deveras, o meu povo está louco, já não me conhece; são filhos néscios e não inteligentes; são sábios para o mal e não sabem fazer o bem” (Jeremias 4.22).

Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR. Eles dizem aos videntes: Não tenhais visões; e aos profetas: Não profetizeis para nós o que é reto; dizei-nos coisas apazíveis, profetizai-nos ilusões; desviái-vos do caminho, apartai-vos da vereda; não nos faleis mais do Santo de Israel. (Isaías 30.9–11).

Destes textos, entendemos por que muitas vezes Deus advertiu seus profetas de que estava enviando-os a um povo que não os escutaria. Disse a Isaías que iria para um povo cujos corações eram insensíveis, cujos ouvidos eram moucos e cujos olhos eram turvos.³³⁰ Avisou Jeremias que ele teria de falar a um povo tolo, que não tinha conhecimento de Deus, e a crianças estúpidas que não possuíam entendimento.³³¹ Finalmente, ao comissionar Ezequiel como profeta em Israel, Deus declarou:

nem a muitos povos de estranho falar e de língua difícil, cujas palavras não possas entender; se eu aos tais te enviasse, certamente, te dariam ouvidos. Mas a casa de Israel não te dará ouvidos, porque não me quer dar ouvidos a mim; pois toda a casa de Israel é de frente obstinada e dura de coração. Eis que fiz duro o teu rosto contra o rosto deles e dura a tua frente, contra a sua frente. (Ezequiel 3.6–8).

Chegado o tempo dos profetas, Israel havia demonstrado sua voluntariosa ignorância de Deus. Porém, sua falta de conhecimento não era resultado de um Deus que se esconde, mas dos corações endurecidos das pessoas, o amor que tinham pelo pecado, e seu desejo “não nos faleis mais do Santo de Israel” (Isaías 30.11). Em quase todos os casos, a ignorância de Israel quanto ao único Deus verdadeiro é atribuída à condição depravada do seu coração. O profeta Jeremias atribuía a falta de conhecimento do povo à sua estultícia e íntimo conhecimento do mal.³³² Isaías culpa os seus corações endurecidos e suas atitudes rebeldes para com Deus.³³³ Ezequiel aponta o dedo acusador à sua teimosia e obstinação.³³⁴

O apóstolo Paulo claramente apresenta no Novo Testamento esse relacionamento direto entre a ignorância de Deus pelo povo e a depravação do coração humano, atribuindo toda a ignorância da humanidade à “impiedade e injustiça dos homens, que suprimem a verdade pela injustiça”.³³⁵ Por esta razão é que a ignorância é considerada um crime e os ignorantes são tratados como criminosos. Por esta razão Deus finalmente exilou os israelitas, por falta de entendimento, e os destruiu por falta de conhecimento.³³⁶

A PROMESSA DO CONHECIMENTO DE DEUS

Nas profecias da nova aliança no Antigo Testamento, Deus prometeu fazer para si um povo que o conheceria, temeria e andaria em seus mandamentos. Além disso, prometeu realizar esse alvo mediante a vinda do Messias: a sua encarnação, expiação e poder de ressuscitar aqueles que estavam espiritualmente mortos, dando-lhes vida.³³⁷

De acordo com as Escrituras do Antigo Testamento, um dos principais resultados da vinda do Messias é que ele libertaria seu povo de sua cegueira espiritual e subsequente prisão moral. A profecia messiânica de Isaías 42.6–7 revela claramente esta verdade. Neste texto, Deus comissiona o Messias e explica o propósito de sua obra: “Eu, o SENHOR, te chamei em justiça, tomar-te-ei pela mão, e te guardarei, e te farei mediador da aliança com o povo e luz para os gentios; para abrires os olhos aos cegos, para tirares da prisão o cativo e do cárcere, os que jazem em trevas.”

Como Filho de Deus encarnado, o Messias não seria meramente alguém que portava a luz, mas seria a própria luz. Não seria uma revelação entre muitas outras, mas a maior revelação de Deus que o mundo poderia conhecer. Por esta razão, o profeta Isaías declarou que o povo que andava em trevas viu grande luz, e aos que andavam em terras escuras, brilharia a luz.³³⁸ O profeta Habacuque acrescentou ao anúncio de Isaías, declarando que a revelação de Deus por meio do Messias não estaria confinada apenas a alguma região ou a um povo só, mas que por ele toda a terra se encheria do conhecimento da glória do Senhor, como as águas cobrem o mar.³³⁹ Consequentemente, tal conhecimento produziria tanta dedicação entre o povo que, desde o nascer do sol até seu poente, o nome de Deus seria grande entre as nações.³⁴⁰

Pela encarnação, o conhecimento de Deus brilharia até os mais escuros cantos deste mundo caído. Porém, dado o que as Escrituras nos ensinam sobre a depravação do coração humano e sua hostilidade para com conhecimento de Deus, entendemos que a maior das revelações terá pouco efeito sobre o coração

humano, a não ser que de alguma forma este seja transformado para recebê-lo. Antes que o conhecimento de Deus possa florescer no indivíduo ou na comunidade coletiva, o coração precisa ser renovado ou transformado. Por isso as promessas do Antigo Testamento de uma nova aliança não antecipam apenas a revelação do Messias de Deus, como também o seu poder de ressuscitar o coração humano e torná-lo receptor disposto dessa revelação. Como Deus declarou através do profeta Jeremias, “Dar-lhes-ei coração para que me conheçam que eu sou o SENHOR; eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus; porque se voltarão para mim de todo o seu coração” (Jeremias 24.7).

Esta promessa está no cerne da nova aliança. Deus tiraria de seu povo o coração de pedra e o substituiria com coração de carne.³⁴¹ Então escreveria sua lei em seus novos corações, e todos o conheceriam — desde o menor até o maior deles.³⁴² Assim, ele removeria as trevas que cercavam seu povo, e todos os membros de sua comunidade da aliança teriam conhecimento real e íntimo de sua pessoa e vontade, desde o menos culto da tribo mais primitiva até os maiores estudiosos e homens de destaque na história da igreja. O profeta Oséias resume de modo belo toda a questão: “Desposar-te-ei comigo para sempre; desposar-te-ei comigo em justiça, e em juízo, e em benignidade, e em misericórdias; desposar-te-ei comigo em fidelidade, e conhecerás ao SENHOR” (2.19–20).

A PROMESSA CUMPRIDA

O que foi apenas prometido e almejado pelas profecias do Antigo Testamento foi maravilhosamente cumprido no Novo Testamento por meio da pessoa e obra de Jesus Cristo. Os escritores do Novo Testamento dizem que Jesus de Nazaré é a verdadeira luz da qual falaram os profetas.

Vindo ao mundo, ele ilumina a todo homem.³⁴³ Ele é Luz do Mundo, e aquele que o segue “não andarás nas trevas; pelo contrário, terá a luz da vida” (João 8.12). Quem viu o Filho viu o Pai, porque o Filho é a imagem do Deus invisível, o esplendor de sua glória, e representação exata de sua natureza.³⁴⁴

As profecias do Antigo Testamento olhavam para frente, para um sacrifício superior, que um dia removeria a iniquidade da terra.³⁴⁵ Tal sacrifício abriria uma fonte para a casa de Davi para a purificação do pecado e da impureza.³⁴⁶ Faria com que um Deus justo perdoasse a iniquidade de seu povo e não mais se lembrasse do seu pecado.³⁴⁷ Teria o poder de unir o povo de Deus para sempre em retidão e justiça.³⁴⁸

Os autores do Novo Testamento afirmam que Jesus de Nazaré é este sacrifício de uma vez para sempre.³⁴⁹ Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.³⁵⁰ Seu sangue foi o sangue da nova aliança, derramado em favor de muitos para o perdão dos pecados.³⁵¹ Para o seu povo, ele tornou-se sabedoria, justiça, santificação, e redenção.³⁵² Por ele, agora eles receberam a reconciliação.³⁵³ Ele mesmo é sua paz.³⁵⁴

As profecias do Antigo Testamento olhavam para um tempo futuro em que todo o povo de Deus, desde o maior até o menor, conheceria a ele — tempo em que a terra se encheria do conhecimento de Deus como as águas cobrem o mar.³⁵⁵ Os escritores do Novo Testamento afirmam ter Jesus Cristo inaugurado essa era por meio de sua morte, ressurreição, e derramamento do Espírito Santo.³⁵⁶ Por sua obra regeneradora, o coração da pessoa é transformado de um caminho endurecido que rejeita a semente do evangelho para um coração de bom solo que humildemente recebe a Palavra implantada.³⁵⁷

Este coração renovado e fértil é “ensinado por Deus” a estimar Cristo e aproximar-se dele para a salvação (João 6.45). Tal imputação de conhecimento não é natural; pelo contrário, é obra milagrosa do Espírito Santo, comparável ao primeiro dia da criação, quando Deus chamou a luz do meio das trevas primevais. O apóstolo Paulo descreve em termos seguintes: “Porque Deus, que disse: Das trevas resplandecerá a luz, ele mesmo resplandeceu em nosso coração, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Cristo” (2Coríntios 4.6).

Simplesmente não podemos exagerar a natureza extraordinária e sobrenatural da obra de Deus no coração e na mente de todo verdadeiro crente. Esta obra iluminadora de Cristo por meio do Espírito Santo no coração do cristão é uma marca da verdadeira conversão e foi prometida a todos, sem exceção. Por esta razão, o apóstolo João não hesita em escrever a seguinte declaração sobre todo verdadeiro crente: “Também sabemos que o Filho de Deus é vindo e nos tem dado entendimento para reconhecermos o verdadeiro; e estamos no verdadeiro, em seu Filho, Jesus Cristo. Este é o verdadeiro Deus e a vida eterna” (1João 5.20).

Este conhecimento de Deus certamente será realidade na vida de cada crente, resultado da obra regeneradora do Espírito Santo. Em razão de seu contínuo ministério de iluminação e santificação, as trevas estão passando, e já brilha a verdadeira luz em todo filho de Deus.³⁵⁸ Na mesma carta, o querido apóstolo assegura até mesmo aos mais recentes convertidos de que foram ungidos pelo Espírito e conhecem a verdade sobre ele.³⁵⁹ Chega a ponto de dizer que essa unção é tão poderosa que eles não tinham necessidade de alguém lhes ensinar, pois o próprio Filho de Deus os ensinava sobre todas as coisas necessárias para a vida e a piedade.³⁶⁰

Isso não significa que os cristãos não precisam de ensino piedoso. As Escrituras são claras sobre Deus ter dado mestres dotados à igreja a fim de equipar os santos e edificar o corpo de Cristo.³⁶¹ Em vez disso, quer dizer que o crente (diferente dos israelitas que não eram regenerados debaixo da antiga aliança) não depende mais unicamente de um mediador humano que dite a ele a verdade de

Deus. Todos os crentes verdadeiros foram “ensinados por Deus” a abraçar seu Filho e “por Deus são ensinados a amar uns aos outros” (João 6.45; 1 Tessalonicenses 4.9). O ministério de ensino de Deus continuará durante toda a vida do crente; e os atos de providência de Deus, bem como as Escrituras e o Espírito Santo, que dão o entendimento, o farão. Em resposta, o cristão deverá operar, ou desenvolver, sua salvação com temor e tremor, prosseguir em conhecer o Senhor, e ser diligente para se apresentar aprovado por Deus como obreiro que não tem de se envergonhar, manejando bem a palavra da verdade.³⁶² Nas palavras de Pedro, o crente tem de “crescer na graça e conhecimento do seu senhor e salvador Jesus Cristo” e produzir frutos de acordo com esse conhecimento.³⁶³

UMA APLICAÇÃO PRÁTICA

Por meio da obra expiatória de Cristo e a obra regeneradora do Espírito Santo, Deus fez para si um novo povo. Ele os reconciliou e transformou em um grupo de indivíduos que, em conjunto, o conhecem e desejam conhecê-lo mais. É um povo que entendeu algo das grandes realidades que deverão governar suas vidas – quem Deus é, quem eram eles antes, o que Deus fez por eles e como deverão viver agora diante dele. Deus lhes deu vida eterna para que conheçam o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem ele enviou.³⁶⁴ Deus lhes disse o que é bom e o que requer deles: praticar justiça, amar a bondade e andar em humildade com seu Deus.³⁶⁵ Tal conhecimento de Deus e de sua vontade, real e pessoal, é uma marca que distingue a verdadeira igreja, e será realidade contínua na vida de cada verdadeiro cristão. Como Jesus disse aos líderes judaicos que eram hostis e se opunham a ele: “As minhas ovelhas ouvem a minha voz; eu as conheço, e elas me seguem” (João 10.27).

Frequentemente, ouvimos dizer que Deus se refere a seu povo como ovelhas porque as ovelhas são criaturas um tanto tolas, propensas a vaguear. Porém, à luz da descrição que Cristo faz de suas ovelhas, essa ideia parece uma contradição ao ensino da Escritura. Cristo chama seu povo de ovelhas porque, diferente dos cabritos travessos e obstinados, elas discernem sua voz com clareza e o seguem com mansidão. Qual, então, a base para esse chavão popular e nocivo? É uma errônea lógica reversa. Em vez de olhar para as Escrituras procurando uma descrição bíblica das ovelhas individuais ou do rebanho coletivo, a maioria forma suas opiniões observando as características do rebanho daqueles que se identificam com o cristianismo evangélico. Como muitos que professam ser cristãos no Ocidente são ignorantes das verdades rudimentares de Deus e parecem surdos à voz do Mestre, presumimos que as ovelhas de Deus são pouco mais do que esses animais, com falta de juízo, que constantemente andam a esmo, incapazes de discernir a voz de seu Mestre. Esquecemo-nos de que Cristo disse que suas ovelhas ouvem a sua voz e o seguem. Assim, seria mais bíblico supor que

muitos que professam Cristo dentro da comunidade evangélica não são ovelhas verdadeiras. Na verdade, são bodes não regenerados que vivem conforme querem porque são o que são. No dia final, Cristo os separará à esquerda do rebanho e eles ouvirão o terrível veredicto da boca do próprio Cristo: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos”.³⁶⁶

Uma das características do verdadeiro cristão como indivíduo e da igreja invisível coletiva é o seu conhecimento de Deus e sua resposta a ele. Embora todos os cristãos tenham necessidade de discipulado, e a obra da santificação nunca seja completamente realizada na presente vida, haverá notável diferença no conhecimento de Deus que o verdadeiro cristão possui, bem como de sua submissão a esse conhecimento. Essa diferença será evidente até mesmo no convertido mais recente. Em virtude de seu coração regenerado e da habitação do Espírito Santo, ele terá um conhecimento certo, definido, de quem Deus é de do que sua lei requer. Reconhecerá o erro do pecado e o acerto na obediência. Ninguém terá de lhe falar para não mentir, roubar, adulterar, ou tomar em pouca conta o nome do seu salvador. Ele terá conhecimento dessas coisas e aumentará nele porque o Deus que começou nele uma boa obra continuará a aperfeiçoá-la.³⁶⁷

Concluindo, temos de nos perguntar essas questões: Existe evidência de que fomos “ensinados por Deus”, ou somos ignorantes quanto aos rudimentos de nossa fé? Estamos crescendo nesse conhecimento, ou somos imobilizados por nossa apatia? Estamos sendo governados cada vez mais pelo que sabemos, ou existe pouca evidência de progresso na piedade? Ouvimos a voz do Mestre e o seguimos, ou somos malandros surdos e cegos que escolhem o próprio caminho? Temos o conhecimento certo de que Deus perdoou nosso pecado e se esquece de nossas iniquidades por amor de seu Filho, que morreu e ressuscitou em nosso favor? Aquele que professa ser cristão deverá responder essas perguntas, e é dever do fiel pastor de Cristo imprimir tais questões sobre o coração e a consciência de seu rebanho.

330. Isaías 6.10.
331. Jeremias 4.22; 10.14.
332. Jeremias 4.22.
333. Isaías 6.10; 30.9.
334. Ezequiel 3.7.
335. Romanos 1.18.
336. Isaías 5.13; Oséias 4.6
337. “Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e já chegou, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus; e os que a ouvirem viverão” (João 5.25).
338. Isaías 9.2; Mateus 4.15–16.
339. Isaías 11.9; Habacuque 2.14.
340. Malaquias 1.11.
341. Ezequiel 36.26.
342. Jeremias 31.33–34.
343. João 1.9.
344. João 14.9; Colossenses 1.15; Hebreus 1.1–3.
345. Zacarias 3.9.
346. Zacarias 13.1.
347. Jeremias 31.34.
348. Oséias 2.19–20.
349. Hebreus 7.27; 9.12; 10.10.
350. João 1.29.
351. Mateus 26.28.
352. 1 Coríntios 1.30.
353. Romanos 5.11.
354. Efésios 2.14.
355. Isaías 11.9; Jeremias 31.34; Habacuque 2.14.
356. Atos 2.16–21.
357. Mateus 13.19; Tiago 1.21.
358. 1 João 2.8.
359. “E vós possuíis unção que vem do Santo e todos tendes conhecimento” (1 João 2.20). A unção recebida por todo crente é provavelmente referência à obra de regeneração e habitação do Espírito de Deus no coração do crente.
360. 1 João 2.27.
361. Efésios 4.11–12.
362. Oséias 6.2–3; Filipenses 2.12; 2 Timóteo 2.15.
363. 2 Pedro 1.8; 3.18.
364. João 17.3.
365. Miquéias 6.8.
366. Mateus 25.31–33, 41.
367. Filipenses 1.6.

O CORAÇÃO E O CAMINHO DO POVO DE DEUS

Eles serão o meu povo, e eu serei o seu Deus. Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos. — Jeremias 32.38–39

Temos diante de nós uma das promessas mais belas entre todas da nova aliança no Antigo Testamento. É uma declaração eloquente e poderosa da soberania de Deus: ele decretou constituir para si um povo, e o fará. Embora essa obra de redenção abranja o pleno decurso da história humana, nossa confiança não deve vacilar. O que a soberania divina tem decretado, seu divino poder cumprirá. Como Deus declarou pelo profeta Isaías:

Porque, assim como descem a chuva e a neve dos céus e para lá não tornam, sem que primeiro reguem a terra, e a fecundem, e a façam brotar, para dar semente ao semeador e pão ao que come, assim será a palavra que sair da minha boca: não voltará para mim vazia, mas fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a designei (55.10–11).

Conforme o decreto de Deus, quando veio a plenitude dos tempos, ele enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para redimir um povo para si.³⁶⁸ Durante os últimos dois mil anos, ele tem aplicado essa obra de redenção a uma multidão incontável, mediante a pregação do evangelho e a obra regeneradora do Espírito Santo. Por esses meios ele fez para si uma verdadeira igreja, da qual pode-se dizer: “Eles são seu povo, e ele é seu Deus”. Por sua soberana graça, ele os separou do resto da humanidade e os fez possessão e tesouro.³⁶⁹ Por essa mesma graça, ele inclinou os seus afetos em direção de Deus, para que nada que desejem

se compare a ele.³⁷⁰ Eles provaram e viram que o Senhor é bom.³⁷¹ Descobriram para si mesmos que em sua presença há plenitude de alegria e à sua destra prazeres para sempre.³⁷² Devido a isso, eles consideram um dia em seus átrios como mais que mil em qualquer outro lugar, e preferem estar às portas da casa de seu Deus do que habitar as opulentas tendas do homem secular.³⁷³

Ele é o seu Deus, e eles são seu povo. Deus lhes deu um só coração, um caminho, e um temor por seu próprio bem e o bem de incontáveis gerações que virão depois deles.

UM SÓ CORAÇÃO

Após declarar seu inabalável compromisso de criar um povo para si, Deus revela a primeira característica desse povo: eles teriam um só coração. Estariam unidos em seu afeto para com Deus, em seu amor uns para com os outros, e no propósito e conduta de suas vidas. Noutras palavras, seriam um.³⁷⁴

Para muitos crentes sinceros, essa promessa parece apresentar um grande problema. À luz das muitas denominações dentro da cristandade e a quase infinda variedade de desvios doutrinários, como podemos afirmar que a promessa de unidade na nova aliança foi cumprida na igreja? A resposta a essa aparente contradição é dupla. Primeiro, temos de reconhecer que sempre que cristãos genuínos, cheios do Espírito, se ajuntam, haverá um elo de união e amor entre eles que pesará muito mais do que todas as suas periféricas diferenças doutrinárias. Segundo, temos de entender que muito das chamadas divisões no cristianismo resultam da verdade frequentemente esquecida de que nem todos que professam ser de Cristo são verdadeiramente cristãos, e nem toda organização religiosa que se chama de igreja é verdadeiramente igreja.

VERDADEIRA UNIÃO

Como cristãos, reconhecemos a importância da verdade e os perigos de desviar-se dela. Por esta razão, somos apaixonados quanto ao que cremos, rápidos em defendê-lo, e tenazes em publicar nossa fé para que outros a conheçam. Quando acrescentamos a essa mistura a possibilidade real de que sejamos culpados de orgulho, centrados em nós mesmos, egoístas e com desejo de nos defender em tudo que dizemos ou fazemos, é fácil ver como os relacionamentos entre irmãos e irmãs em Cristo podem se tornar complicados. De fato, que indivíduos tão impetuosos possam conviver juntos, é testemunho à natureza sobrenatural da conversão!

O Novo Testamento testifica que a igreja não está imune às divisões.³⁷⁵ Até o apóstolo Paulo e o amado Barnabé separaram-se por um tempo.³⁷⁶ Apesar disso, não se pode negar que sempre que cristãos autênticos, cheios do Espírito, se ajuntam, haverá laços de união e amor entre eles que vão além de tudo que o mundo possa oferecer. Seu amor por Deus e por seu Filho querido, seu apreço pelo Calvário, a sua compreensão da graça e a habitação do Espírito os unirá. Os levará a carregar os fardos uns dos outros, ministrar às necessidades dos outros e até a entregar suas vidas por amor ao próximo, se necessário. Isso não é retórica vazia. Tem sido o testemunho dos verdadeiros cristãos de todo lugar através da história da igreja. O amor pelos irmãos sempre foi a marca que distingue o autêntico cristianismo.³⁷⁷

Imagine o seguinte cenário: Um jovem missionário americano está visitando igrejas nas selvas da América do Sul. Terroristas patrulham a área e a viagem é perigosa. Certa noite, o missionário perde o rumo e se depara com um pequeno vilarejo. Tem medo de permanecer na mata, contudo, hesita em entrar no vilarejo por medo dos habitantes serem aliados aos terroristas. Finalmente, o medo cede à necessidade, e ele bate à porta de uma casinha de adobe cravada na encosta da colina. Dentro de poucos minutos, uma velhinha portando lanterna abre a porta. É óbvio que está assustada e pergunta o nome do visitante. Quando ele responde

que é um missionário cristão, ela o puxa para dentro pelo casaco e avisa que é perigoso, escondendo-o no porão-abrigo da casa. Enquanto ele descansa sobre um monte de milho em espiga, a mulher manda um menino chamar os irmãos da igreja e os instrui a trazer comida. Em menos de uma hora, os crentes chegam com um frango que acabaram de matar e várias batatas que rapidamente cozinham e servem ao faminto missionário. À medida que conversam durante a refeição, os anfitriões descobrem que seu visitante é batista e ele fica sabendo que eles são nazarenos. Existem muitas coisas de doutrina em que diferem, mas naquela noite tudo isso parece sem importância. São um pequeno corpo de crentes que amam uns aos outros como se fossem do próprio sangue, cuidando das necessidades do próximo como se cada um considerasse o outro como o próprio Cristo. O missionário se colocou em perigo para trazer-lhes as Escrituras, e eles fizeram o mesmo abrigando-o por uma noite. A despeito de suas diferenças doutrinárias, demonstraram ter um só coração, como Jeremias havia profetizado.³⁷⁸

Em sua oração de sumo-sacerdote, na noite anterior à crucificação, o Senhor Jesus Cristo pediu a Deus que seu povo fosse um.³⁷⁹ Não devemos achar que o Pai tivesse vacilado em responder esta oração ou que um i ou til da promessa desta nova aliança tenha falhado. Sempre que se ajuntam cristãos autênticos em nome de Cristo, pode haver diferenças, discrepâncias, e até mesmo discordância, mas haverá amor. Se o amor não estiver presente, a fé que eles professam deverá ser questionada.

DIVISÕES NECESSÁRIAS

Muitas pessoas e movimentos dentro do evangelicalismo se identificam com Cristo, ainda que se encontrem fora da corrente do cristianismo histórico. Suas doutrinas e práticas são tão contrárias à regra da Escritura que não podem, pela lógica, ser identificados com a fé cristã. Ou eles estão certos e todo o cristianismo histórico está errado, ou são falsos mestres e falsos irmãos sobre os quais Cristo e os apóstolos nos advertiram:

Assim como, no meio do povo, surgiram falsos profetas, assim também haverá entre vós falsos mestres, os quais introduzirão, dissimuladamente, heresias destruidoras, até ao ponto de renegarem o Soberano Senhor que os resgatou, trazendo sobre si mesmos repentina destruição. E muitos seguirão as suas práticas libertinas, e, por causa deles, será infamado o caminho da verdade. (2Pedro 2.1-2)

Embora as divisões ocorram entre cristãos sinceros, é importante reconhecer que as supostas grandes e frequentes divisões dentro do cristianismo como um todo não são tanto entre os membros do corpo de Cristo, mas entre joio e trigo, ovelhas e bodes, bons pastores e lobos.³⁸⁰ Por esta razão, o apóstolo Paulo escreveu à igreja de Corinto que era necessário haver algumas facções ou divisões entre os que se identificam com Cristo, para que os que são aprovados por Deus pudessem tornar-se evidentes.³⁸¹ Noutras palavras, Deus tem propósito até mesmo para a divisão: primeiro, revelar quem é realmente cristão e expor os que não o são; e segundo, remover do corpo os falsos mestres e falsos irmãos para que eles não contaminem mais o seu povo.

Existem muitos mestres populares dentro do evangelicalismo que têm muitos seguidores, cujas reuniões enchem enormes estádios e difundem os cultos pela televisão e rádio por todo o mundo. Os seus ensinamentos misturam antigas heresias, psicologia moderna, humanismo e sensualidade. Eles promovem a autorrealização, prosperidade material, saúde física e alegrias temporais. O resultado é que muitos são atraídos para longe do cristianismo histórico, e, como Himineu e Alexandre, naufragam na fé.³⁸² Isso é de quebrar o coração e difícil de

suportar, no entanto, temos de cuidar em reconhecer que Deus está trabalhando em toda a situação. Ele usa esses falsos mestres para separar as cabras das ovelhas e colocá-los em curais diferentes, a fim de proteger seu rebanho dos erros doutrinários e éticos. Assim como um médico na antiguidade preparava uma cataplasma para extrair o veneno da ferida, Deus usa esses falsos profetas para extrair os descrentes e não regenerados de dentre seu povo, para que o veneno não espalhe e contamine a muitos.³⁸³

Quando a igreja como um todo negligencia a ordem de Cristo de praticar a disciplina na igreja, está tomando a questão em suas próprias mãos.³⁸⁴ Como um bom pastor de ovelhas, Deus faz questão de que pessoas imorais ou impiedosas, como Esaú, não permaneçam entre seu povo por muito tempo.³⁸⁵ Se uma igreja realmente for a igreja e Cristo estiver entre eles, Deus será como fogo refinador e sabão de pisoeiro. Sentará como fundidor e purificador da prata, e refinará o seu povo como o ourives refina o ouro.³⁸⁶ Porém, se os ímpios permanecem na congregação sem a intervenção de Cristo, há evidência de que seu candeeiro foi removido e a igreja não é mais igreja. Foi escrito “Icabode” sobre a porta, pois foi-se a glória do Senhor.³⁸⁷

UM CAMINHO

Sob a antiga aliança, a nação de Israel era marcada por velhacaria. Era como cavalo ou mula sem entendimento, que precisa de refreio e rédea para mantê-lo na linha.³⁸⁸ Por esta razão, Deus declarou mediante o profeta Isaías: “Vai, pois, escreve isso numa tabuinha perante eles, escreve-o num livro, para que fique registrado. Porque povo rebelde é este, filhos mentirosos, filhos que não querem ouvir a lei do SENHOR” (30.8). Repetidamente, Deus chamou Israel dizendo: “Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para a vossa alma; mas eles dizem: Não andaremos” (Jr 6.16).

Como ovelhas desviadas, cada um virou para seu próprio caminho.³⁸⁹ No meio da rebeldia de Israel, Deus enviou seus profetas, não somente para repreender e advertir a nação, mas também profetizar o dia quando ele criaria um novo povo para si, que o ouviria e obedeceria. Eles não precisariam mais de freios ou tutores, porque o Espírito Santo os transformaria, habitaria neles e os conduziria.³⁹⁰ Deus lhes daria novo coração, com fome e sede de justiça, e a sua providência os guiaria nos caminhos de retidão por amor de seu nome.³⁹¹ Teriam propósito e ética em comum. Andariam no caminho marcado para eles pelo próprio Messias. Seria um caminho de santidade, justiça e amor. O profeta Isaías ilustra esta verdade de maneira bela e poderosa:

E ali haverá bom caminho, caminho que se chamará o Caminho Santo; o imundo não passará por ele, pois será somente para o seu povo; quem quer que por ele caminhe não errará, nem mesmo o louco. Ali não haverá leão, animal feroz não passará por ele, nem se achará nele; mas os remidos andarão por ele. (35.8-9)

Quando te desviares para a direita e quando te desviares para a esquerda, os teus ouvidos ouvirão atrás de ti uma palavra, dizendo: Este é o caminho, andai por ele. (30.20-21)

Guiarei os cegos por um caminho que não conhecem, fá-los-ei andar por veredas desconhecidas; tornarei as trevas em luz perante eles e os caminhos escabrosos, planos. Estas coisas lhes farei e jamais os desampararei. (42.16)

Nas promessas da nova aliança do Antigo Testamento, Deus olhava para um tempo quando não somente criaria um novo povo, como também os colocaria em novo caminho, e cuidaria deles para garantir que não se desviassem. Ezequiel profetizou que Deus daria a seu povo um novo coração, colocaria neles seu Espírito e faria com que andassem em seus estatutos.³⁹² Jeremias predisse um dia em que Deus daria a seu povo um só caminho e os ensinaria a andar nele.³⁹³ Isaías declarou que Deus faria uma estrada de santidade para seu povo e os protegeria de todo perigo que pudesse fazer com que se desviassem ou impedissem seu progresso nele.³⁹⁴ Ele andaria com eles como seu mestre, apontando o caminho e conduzindo-os de volta se eles se desviassem.³⁹⁵ Mesmo o mais míope dentre seu povo não teria razão para temer, porque ele transformaria a escuridão em luz diante deles, e aplainaria os lugares íngremes.³⁹⁶ Sob esse novo pacto, estas palavras de Provérbios seriam plenamente cumpridas: “Mas a vereda dos justos é como a luz da aurora, que vai brilhando mais e mais até ser dia perfeito. O caminho dos perversos é como a escuridão; nem sabem eles em que tropeçam” (4.18–19).

Para a alegria do cristão, todas essas promessas foram cumpridas em Cristo, sua obra expiadora no Calvário e seu envio do Espírito. De acordo com o Novo Testamento, Deus não somente predestinou um povo, como também o preparou de antemão para as boas obras nas quais andariam.³⁹⁷ Na plenitude do tempo, ele enviou seu Filho para os redimir, e pela pregação do evangelho e a obra regeneradora do Espírito, ele os chama.³⁹⁸ Todos que ouvem e aprendem do Pai vêm ao Filho e recebem o direito de se tornar filhos de Deus.³⁹⁹ Porque são filhos, Deus envia o Espírito de seu Filho aos seus corações, clamando, “Abba! Pai!”⁴⁰⁰. Este mesmo Espírito também os sela, os santifica, dá poder e os conduz no caminho estreito demarcado por Cristo.⁴⁰¹ Finalmente, embora lutem, cambaleiem e às vezes caiam, a implacável mão da providência de Deus os mantém seguros até aquele dia final.⁴⁰² Nisto, vemos outra corrente dourada da

salvação sem um sequer elo quebrado. Aquele que começou boa obra na vida de cada crente a aperfeiçoará.⁴⁰³ “Que diremos, pois, à vista destas coisas? Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8.31).

Não é de surpreender que os cristãos do primeiro século, bem como os seus inimigos, chamassem o cristianismo de “O caminho”.⁴⁰⁴ Digno de nota é que no livro de Atos, Lucas se refere ao cristianismo como o *caminho do Senhor*, o *caminho* de Deus, o *caminho* da verdade, e o *caminho* da justiça.⁴⁰⁵ É uma boa lembrança para nós nos dias atuais, quando somos propensos a ver o cristianismo apenas como uma posição legal diante de Deus, baseado na fé. Muitas vezes, em nosso desejo de proteger a doutrina de *sola fide*, negligenciamos a verdade de que o cristianismo também é um modo de vida. Jesus Cristo não somente é nosso salvador, também é nosso exemplo. Não devemos somente crer nele, mas segui-lo, imitá-lo, ser conformado com ele em pensamento, palavra e obra.⁴⁰⁶ Por esta razão, o apóstolo João escreveu: “Aquele que diz que permanece nele, esse deve também andar assim como ele andou” (1João 2.6).

Jamais podemos esquecer que a salvação é somente pela graça, por meio da fé somente, e não vem de nós, é dom de Deus.⁴⁰⁷ Contudo, temos de estar atentos ao lembrar que quem foi salvo pela graça mediante a fé tornou-se feitura de Deus, criado em Cristo Jesus para as boas obras que Deus preparou de antemão para que andasse nelas.⁴⁰⁸ Os que creram para a justificação foram também regenerados ou reerguidos para andar em novidade de vida.⁴⁰⁹ Deus os fez novas criaturas com novos afetos. Ele os adotou como filhos e os colocou sob sua tutela e disciplina.⁴¹⁰ Ele fez deles sua obra, e quem começou a boa obra a aperfeiçoará.⁴¹¹ Por esta razão, andar nos caminhos de justiça não é apenas algo que os cristãos *devem* fazer, mas algo que realmente, com certeza, eles *farão*.

De nossa consideração das profecias do Antigo Testamento e seu cumprimento no Novo Testamento, vemos que um propósito e uma ética comum marcam todos os cristãos. Eles andarão no caminho marcado pelo exemplo e pelos ensinamentos de Cristo. Ainda que os cristãos sejam diferentes em

diversas culturas, intelecto, maturidade — e muitas outras categorias — eles terão uma notável semelhança em crença e conduta. De fato, essas semelhanças serão tão surpreendentes que só o trabalho sobrenatural de Deus poderá explicá-las:

- Todos creem que Jesus Cristo é Filho de Deus, sacrifício expiador único pelos pecados da humanidade, e o único nome debaixo do céu pelo qual as pessoas podem ser salvas.⁴¹²
- Todos confessam com a boca Jesus como Senhor e creem no coração que Deus o ressuscitou dos mortos.⁴¹³
- Todos atestam as Escrituras como padrão infalível de fé e prática e buscam submeter suas vidas a seu ensino.⁴¹⁴
- Todos se esforçam a manter-se incontaminados do mundo e buscam a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor.⁴¹⁵
- Todos aspiram produzir os frutos do Espírito e serem imitadores de Deus em Cristo.⁴¹⁶
- Todos procuram amar o Senhor seu Deus de todo coração, alma, mente e força, e amar o próximo como a si mesmo.⁴¹⁷
- Todos lutam contra o pecado, lamentam suas falhas morais, as confessam a Deus, e confiam em suas promessas de perdão.⁴¹⁸
- Todos aguardam a volta de Cristo, pois procuram uma cidade que tem fundamentos, cujo arquiteto e construtor é Deus.⁴¹⁹

Esta breve lista não é exaustiva, mas basta para demonstrar que Deus tem dado a seu povo um só coração e um só caminho. Embora existam muitas diferenças na igreja por todo o mundo, os cristãos autênticos são tão unidos nas coisas essenciais da fé e conduta, que as diferenças não são tão significantes quanto pareciam no começo. O Pai respondeu a oração de Cristo por unidade, e as promessas pactuais de um coração e um caminho são presente realidade entre aqueles que são verdadeiramente cristãos.⁴²⁰ Contudo, permanece a questão quanto a nós como indivíduos que partilham essa unidade e andam por este

caminho estreito. Se uma pessoa crê e vive sua vida de modo que contraste com o que é verdadeiro em diferentes graus na vida de todo cristão autêntico, ela deverá preocupar-se e perguntar se realmente está na fé.⁴²¹

UM TEMOR

Tendo considerado a unidade da igreja em seus afetos e sua conduta essencial, voltamos a atenção a uma terceira característica do novo povo da aliança de Deus: prevalece o temor ou reverência para com Deus, que conduz à integridade e bênção. Por meio de Jeremias, Deus promete: “Dar-lhes-ei um só coração e um só caminho, para que me temam todos os dias, para seu bem e bem de seus filhos.” (Jeremias 32.39).

As pessoas muitas vezes falam mal e raramente entendem o que seja o temor do Senhor. Porém, as Escrituras do Antigo Testamento reconhecem esse temor como fundamento de toda virtude e conhecimento.⁴²² Isso ensina o povo de Deus a detestar o mal e se desviar dele.⁴²³ Leva-os a amar, adorar e servir ao Senhor com dedicação indivisa.⁴²⁴ Governa o relacionamento humano e dirige o povo de Deus a tomar grande cuidado no tratamento de uns para com os outros, porque sabem que Deus não tem parte com a injustiça.⁴²⁵ Por estas razões, e muitas outras, o temor do Senhor é considerado fonte de vida e aspecto essencial da verdadeira piedade.⁴²⁶ Na verdade, o temor do Senhor era tão central à piedade do Antigo Testamento, que o remanescente piedoso em Israel muitas vezes era chamado de “aqueles que temem ao Senhor” (Malaquias 3.16). É significativo também que os profetas dissessem que uma das características mais destacadas do Messias que viria seria o temor do Senhor:

Repousará sobre ele o Espírito do SENHOR, o Espírito de sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do SENHOR. Deleitar-se-á no temor do SENHOR; não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos seus ouvidos (Isaías 11.2–3).

A palavra *temor* é traduzida de uma palavra hebraica que denota medo, pavor, terror, respeito ou reverência.⁴²⁷ Como muitas palavras, especialmente na língua hebraica, possui variedade de significados governados pelo seu contexto. Os inimigos de Deus vivem em temor do Senhor por causa de sua justiça e seus

juízos. Sabem que ele é fogo consumidor,⁴²⁸ e que é terrível coisa “cair nas mãos do Deus vivo” (Hebreus 10.31). As montanhas se derretem como cera na sua presença, e ele faz secar o mar com sua repreensão.⁴²⁹ Ninguém subsiste em sua presença quando ele se ira; e ninguém consegue suportar o fogo contínuo dessa ira.⁴³⁰ Por esta razão, os pecadores são aterrorizados e o tremor toma conta dos ímpios.⁴³¹ Eles imploram que os montes e outeiros caiam sobre eles para escondê-los da face de Deus.⁴³²

Em contraste aos perversos, o povo de Deus não vive aterrorizado dele, mas com profunda e permanente reverência, nascida do entendimento da supremacia de sua pessoa, a majestade de seus atributos e a perfeição de todas as suas obras. Os santos glorificados no céu revelam claramente esta verdade no Cântico do Cordeiro:

Grandes e admiráveis são as tuas obras, Senhor Deus, Todo-Poderoso! Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações! Quem não temerá e não glorificará o teu nome, ó Senhor? Pois só tu és santo; por isso, todas as nações virão e adorarão diante de ti, porque os teus atos de justiça se fizeram manifestos. (Apocalipse 15.3–4)

Mediante a obra regeneradora do Espírito Santo, o cristão passa a conhecer algo do valor infinito de Deus, de sua perfeita justiça, indescritível beleza, incomparável poder e amor insondável. Tal visão, ainda que pouca quando sobre a terra, move o coração regenerado a reverenciar a Deus e glorificar o seu nome. Ao crescer a visão, também cresce a reverência do crente. Ele começa a desenvolver sua salvação em temor e tremor, porque reconhece que Deus está operando nele tanto o querer quanto o realizar, para seu bom prazer.⁴³³ Aprende a recusar a imoralidade e impureza que o cercam, entendendo que devido a tais coisas é que vem a ira de Deus sobre o mundo.⁴³⁴ Ele cresce em sua ambição de agradar ao Senhor em tudo que faz, porque sabe que terá de comparecer diante do trono de Cristo e será recompensado pelo que fez, quer de bem ou mal.⁴³⁵ Além do mais, conhecendo o temor do Senhor, ele submete sua própria vida a Deus, como também se esforça por persuadir outros a fazer o mesmo.⁴³⁶

É também importante observar que o temor do Senhor não somente governará os atos do cristão, como também terá profundo impacto sobre seu relacionamento com Deus. Ele se revestirá de humildade. Embora o cristão tenha recebido o privilégio de chamar Deus de seu pai, ele é fortemente cômico de que seu Pai está no céu e habita em luz inacessível, como rei dos reis e senhor dos senhores.⁴³⁷ Embora o cristão tenha acesso ao Pai e seja encorajado a vir diante dele com grande ousadia, ele reconhece que seu acesso é devido a Cristo, e não presume tomar liberdades que não lhe foram claramente concedidas.⁴³⁸ Finalmente, embora o cristão tenha grande consolação na verdade de que Cristo não se envergonha de chamá-lo de irmão, ele não presume igualdade a Cristo nem fala dele exceto com maior admiração e respeito.⁴³⁹ Se, em qualquer ocasião, ele descobre que de alguma forma trivializou a Cristo ou se referiu a ele de maneira irreverente, seu coração se condói e ele se envergonha.

À medida que o cristão cresce no conhecimento da supremacia de Deus e grandeza de suas obras, sua reverência aumenta. Com o tempo, isso passa a governar todas as áreas da vida. Mesmo no meio de uma falha moral ele descobre que possui profunda e permanente reverência por Deus, da qual não consegue escapar. Essa reverência divinamente implantada o conduzirá ao arrependimento e confissão.⁴⁴⁰

Fica claro que o temor do Senhor não é uma virtude comum entre muitas pessoas ou igrejas que professam ser evangélicas. Sua raridade é sinal de alerta de que nem tudo está bem. Como o temor do Senhor e autêntica piedade existem em um relacionamento direto, a diminuição de um indica o sinal de advertência do outro. Conforme já notamos, o temor do Senhor é tão fundamental para a piedade bíblica que o verdadeiro povo de Deus era frequentemente chamado simplesmente de “os que temem ao Senhor”. Fariamos bem em perguntar se aqueles que nos conhecem melhor nos despreveriam dessa forma. O declínio do temor do Senhor entre o povo de Deus muitas vezes resulta de sua ignorância dos seus atributos e obras. A ausência do temor do Senhor muitas vezes é sinal de que as pessoas estão em estado não regenerado e não convertido.

BÊNÇÃOS MULTIPLICADAS

Jeremias 32.38–39 fecha com mais uma promessa sobre a comunidade da nova aliança: não somente o temor do Senhor e sua bênção caracterizariam o cristão individual e a igreja coletiva, mas tais benefícios transbordariam e inundariam a vida de seus filhos e os filhos de seus filhos. Conforme Jeremias declara no versículo 39, aqueles que temem o Senhor o fazem “para seu bem e o bem de seus filhos depois deles”.

A promessa de bênção sobre os descendentes de um homem que teme ao Senhor é comum sob a velha aliança. De acordo com Provérbios, o temor do Senhor não somente oferece uma forte confiança para aqueles que a possuem, mas é também refúgio para seus filhos.⁴⁴¹ Gênesis 18.19, onde Deus revela a Abraão o seu plano, ilustra de maneira poderosa essa relação entre os piedosos e os seus descendentes: “Porque eu o escolhi para que ordene a seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que tem falado a seu respeito.”

Devido à mordomia da verdade por parte de Abraão, o Deus de Abraão se tornaria Deus de Isaque, Jacó, e seus descendentes depois deles. Assim, era responsabilidade de cada geração em Israel instruir a geração seguinte, recontando as grandes obras de redenção da parte de Deus, ensinando os seus mandamentos e dando exemplo de verdadeira piedade mediante sua reverência e obediência. O alvo era que cada geração vivesse como luz para seus descendentes e para as nações pagãs em sua volta, para que todos se convencessem dos benefícios da lealdade e obediência ao único Deus verdadeiro. Foi por esta razão que Deus deu as seguintes admoestações à nação de Israel:

Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo

caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas. (Deuteronômio 6.4-9)

Guardai-os, pois, e cumpri-os, porque isto será a vossa sabedoria e o vosso entendimento perante os olhos dos povos que, ouvindo todos estes estatutos, dirão: Certamente, este grande povo é gente sábia e inteligente. (Deuteronômio 4.6)

Os pais de cada geração deveriam se entregar inteiramente à instrução da próxima geração. Os mandamentos de Deus estariam em seu coração e eles deveriam ensinar com diligência aos filhos e filhas. Deus e a sua palavra deveriam ser a parte essencial de toda a vida dentro e fora do lar.⁴⁴² Porém, embora a lei e os profetas constantemente pressionassem quanto à seriedade desta tarefa em Israel, era raro ser obedecida. Na verdade, o escritor de Juízes diz que até mesmo a primeira geração de pessoas que entrou na Terra Prometida negligenciou grosseiramente tal mordomia: “Foi também congregada a seus pais toda aquela geração; e outra geração após eles se levantou, que não conhecia o SENHOR, nem tampouco as obras que fizera a Israel” (Jz 2.10).

Embora existissem períodos breves de reavivamento ao correr a história de Israel, eram de curta duração. Era raro uma geração cumprir seu importantíssimo dever de ensinar os filhos. Era raro a geração que sucedia se beneficiar da piedade e instrução recebida da geração que a precedeu. Porém, neste contexto, Jeremias profetizou que um dia futuro e uma aliança em que todo membro do povo de Deus receberia um coração que temesse ao Senhor, não somente para o próprio bem como também para o bem de seus filhos depois dele.⁴⁴³

Temos de compreender que nestes versículos Deus não garante a salvação de cada criança que nasce em uma família cristã, mas promete que todo cristão autêntico, todo membro verdadeiro da igreja, será marcado por profundo e permanente temor de Deus, que será de grande benefício espiritual para seus filhos e a todos quantos entram em contato com ele. De fato, uma das grandes evidências de que a pessoa é realmente cristã será o bem espiritual que flui dela para as pessoas a seu redor, especialmente as que estão mais próximas a ela, como

cônjuge e filhos. O mesmo pode-se dizer da igreja conjunta. Sabemos que uma igreja é realmente igreja devido ao bem espiritual ou benefício que as outras pessoas recebem por seu ensino e piedade.

Concluindo, àqueles de nós que se dizem cristãos, temos de responder várias perguntas importantes que restam: Será que o temor do Senhor é notável característica de nossa vida? É uma realidade observável em nossa comunhão com os outros nas igrejas? Nossa reverência pelo Senhor tem impacto espiritual positivo sobre aqueles que nos cercam, especialmente sobre os que nos são mais próximos? Somos fiéis mordomos que transmitem a verdade de Deus às gerações que nos sucedem? Estamos cumprindo nosso alto chamado de ensinar os filhos, e eles estão sendo beneficiados por nosso exemplo? Deverá causar-nos grande preocupação se tais coisas forem estranhas ou raras entre nós, pois não são opções da fé cristã, mas evidências dela.

IMPLICAÇÕES

Aprendemos três características vitais do povo da nova aliança de Deus: primeiro, os que realmente são cristãos possuirão um só coração e serão unidos em seu afeto por Deus e um pelo outro. Segundo, possuirão um caminho, ou uma singularidade de propósito e conduta: serão seguidores de Jesus Cristo. Terceiro, serão marcados por um genuíno temor do Senhor, que resultará em sua própria bênção bem como a bênção dos que virão depois deles.

A natureza radical da conversão não pode ser exagerada. No entanto, o cristão não é perfeito desde o dia de sua conversão. Ainda estamos aguardando nossa redenção final e glorificação última.⁴⁴⁴ Apesar de todas as mudanças que o Espírito Santo tem feito em nós, existe um aspecto de nossa situação caída que continua. Ele se coloca contra nossa nova natureza e luta contra tudo em que tentamos nos conformar com Cristo e com a verdadeira piedade. O apóstolo Paulo refere a esse inimigo como a nossa carne, e descreve a guerra travada por ela: “Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer” (Gálatas 5.17). A vida cristã é uma luta titânica do novo homem contra a carne, o mundo e o diabo, mas é justamente essa nossa luta contra o pecado, nosso quebrantamento em meio ao fracasso, e nosso esforço por continuar apesar de nosso desvio, que provam que Deus opera em nós.

Porém, existe grande disparidade entre o que as Escrituras ensinam sobre o povo da nova aliança de Deus e a situação, em grande parte, do evangelicalismo ocidental. Em muitos casos, o humanismo e materialismo tomam precedência sobre afetos para com Deus e amor sacrificial pelos irmãos. As doutrinas centrais que foram entregues uma vez para sempre aos santos foram reinterpretadas pela lente da preferência pessoal, conveniência ocidental e psicologia, sem a mínima preocupação com a gramática, o contexto, ou as confissões e credos de tempos mais nobres. O foco singular de ser como Cristo, que conduz à recompensa eterna, foi substituído por um desejo de autorrealização no âmbito temporal.⁴⁴⁵

O temor do Senhor tem sido descartado por explicações esfarrapadas ou totalmente banido junto a outras doutrinas bíblicas consideradas duras demais para o frágil coração do homem moderno.

À luz desses desvios da Escritura e das mais respeitadas confissões do cristianismo histórico, não é de se maravilhar que a comunidade evangélica esteja inundada de carnalidade e pecado. Contudo, o que mais assusta sobre muitos dos indivíduos e igrejas que se identificam com o evangelicalismo não é que eles lutem contra o pecado, mas que nem tentem lutar. O grande perigo dentro do evangelicalismo ocidental não é que está manchado com certo grau de mundanismo, apatia e amor de si mesmo, mas porque não tem problema com essa mancha. Na verdade, grande maioria nem parece notar que está ali. Existem apenas duas possíveis causas para essa cegueira tão terrível e mal tão óbvio.

A primeira possibilidade é que muitos pastores e congregantes dentro do evangelicalismo são carnavais e não convertidos. Mesmo nos dias do Grande Despertamento nos Estados Unidos, este era o caso. O grande evangelista George Whitefield (1714–1770) escreveu:

Estou verdadeiramente persuadido que os pregadores em geral falam de um Cristo desconhecido e não sentido; e a razão pela qual as congregações têm estado tão mortas é porque homens mortos têm pregado a elas. Ah! que o Senhor os vivifique e reavive, por amor de seu próprio nome! Pois como podem homens mortos gerarem filhos vivos? É realmente verdade que Deus pode converter os homens até mesmo pelo diabo, se isso for de seu agrado, e assim ele pode fazer por meio de ministros não convertidos; mas acredito que raramente ele faça uso de qualquer desses com este propósito. Não; o Senhor escolherá vasos condizentes pela operação do bendito Espírito para seu uso sagrado.⁴⁴⁶

Os que sugerem que o evangelicalismo está inundado pelos não convertidos se expõem às acusações de falta de amor, autojustiça e intolerância. Contudo, temos de dizê-lo: Mesmo a mais inflexível confissão de fé não prova a conversão da pessoa. Jesus advertiu: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus”.⁴⁴⁷ Um cristão é conhecido por seus frutos.⁴⁴⁸ Assim, não estamos demonstrando amor

aos muitos que confessam ser evangélicos, mas não produzem frutos, se deixarmos que eles durmam em Sião enquanto se aproxima sua ruína. Deus disse ao profeta Ezequiel:

Filho do homem, eu te dei por atalaia sobre a casa de Israel; da minha boca ouvirás a palavra e os avisarás da minha parte. Quando eu disser ao perverso: Certamente, morrerás, e tu não o avisares e nada disseres para o advertir do seu mau caminho, para lhe salvar a vida, esse perverso morrerá na sua iniquidade, mas o seu sangue da tua mão o requererei. (Ezequiel 31.7–18; ver também 33.7–9).

Uma segunda possibilidade é que muitos que são realmente convertidos definham por falta de conhecimento, culpa de muitos que estão nos púlpitos pregando. Muitos pregadores raramente ensinam sobre os atributos de Deus. Ou eles negam ou ignoram a radical depravação do homem. Apresentam a cruz como um martírio de amor em vez de propiciação que satisfaz a justiça divina e aplaca a ira de um Deus santo. Reduzem o evangelho a algumas declarações a respeito de Cristo, tão esparsas em seu conteúdo doutrinário que não podem ser consideradas um credo. Trocaram o chamado ao arrependimento e fé do evangelho por uma transação supersticiosa feita entre o pecador e Deus. Ministros conferem segurança de salvação sobre aqueles que abaixam as cabeças, levantam a mão e repetem uma oração do pecador. Os que professam fé em Cristo são raramente desafiados a examinar a si mesmos para ver se estão na fé, ou tornar certo seu chamado e eleição.⁴⁴⁹ São poucos os que ouviram dizer que sem santidade ou santificação ninguém verá o Senhor.⁴⁵⁰ Finalmente, princípios práticos projetados para dar ao povo a melhor vida possível neste mundo substituíram as doutrinas que instruem a pessoa na piedade e a preparam para a eternidade. Apesar de toda nossa atividade, não reduzimos a fome da Palavra de Deus na terra.⁴⁵¹

O que devemos fazer, então, para trazer uma cura? Primeiro, reconhecer que a cura está além de nós e clamar a Deus por misericórdia pela desordem que criamos. Nos dias de Ezequiel, Deus buscava um homem que edificasse o muro e ficasse em pé na brecha perante ele para que o povo não fosse destruído, mas ele

não encontrou ninguém.⁴⁵² Pela sua graça, que Deus nos encontre ali, noite e dia, nunca calados e não dando trégua, até que ele faça da igreja um louvor em toda a terra.⁴⁵³

Segundo, temos de nos envergonhar de todos os meios carnis que temos usado para fazer a igreja “crescer” e derrubá-los com grande desprezo. Temos de nos purificar da armadura de Saul e escolher apenas as melhores pedras para nossa funda: a Palavra de Deus, oração intercessora e amor sacrificial. Jamais podemos nos esquecer de que ainda que andemos na carne, não guerreamos pela carne. As armas de nossa milícia não são carnis, mas divinamente poderosas para destruir toda fortaleza e obstáculo que se levante contra o evangelho e o avanço do reino de Cristo. É somente no poder de Deus que podemos destruir as especulações de nossa era e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus. Só pelos meios de Deus conseguiremos levar cativo todo pensamento que se levanta para a obediência de Cristo.⁴⁵⁴

Terceiro, a necessidade da aprovação do homem não deve nos reger. Temos de desprezar todas as recomendações exceto as que são próprias para o homem de Deus. Nessa questão, o apóstolo Paulo nos dá instruções específicas:

Pelo contrário, em tudo recomendando-nos a nós mesmos como ministros de Deus: na muita paciência, nas aflições, nas privações, nas angústias, nos açoites, nas prisões, nos tumultos, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, na pureza, no saber, na longanimidade, na bondade, no Espírito Santo, no amor não fingido, na palavra da verdade, no poder de Deus, pelas armas da justiça, quer ofensivas, quer defensivas; por honra e por desonra, por infâmia e por boa fama, como enganadores e sendo verdadeiros; como desconhecidos e, entretanto, bem conhecidos; como se estivéssemos morrendo e, contudo, eis que vivemos; como castigados, porém não mortos; entristecidos, mas sempre alegres; pobres, mas enriquecendo a muitos; nada tendo, mas possuindo tudo. (2Co 6.4–10).

368. Gálatas 4.4.

369. Deuteronômio 26.18.

370. Provérbios 3.14–15.

371. Salmo 34.8.

372. Salmo 16.11.

373. Salmo 84.10.

374. “Ainda tenho outras ovelhas, não deste aprisco; a mim me convém conduzi-las; elas ouvirão a minha voz; então, haverá um rebanho e um pastor.” (João 10.16). “Já não estou no mundo, mas eles continuam no mundo, ao passo que eu vou para junto de ti. Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste, para que eles sejam um, assim como nós.” (João 17.11). “a fim de que todos sejam um; e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que tu me enviaste.” (João 17.21).

375. 1 Coríntios 1.10–12; 11.18; Filipenses 4.2.

376. Atos 15.37–40.

377. João 13.35; 1 João 2.9–11; 4.7–12.

378. Jeremias 32.38–39.

379. João 17.11.

380. Mateus 13.24–30, 36–43; 25.31–33; 7.15; Atos 20.29–30.

381. 1 Coríntios 11.19.

382. 1 Timóteo 1.19–20.

383. Hebreus 12.15.

384. Mateus 18.15–18.

385. Hebreus 12.15–16.

386. Malaquias 3.2–3.

387. 1 Samuel 4.21.

388. Salmo 32.9.

389. Isaías 53.6.

390. “Mas, antes que viesse a fé, estávamos sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se. De maneira que a lei nos serviu de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé. Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio. Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus” (Gálatas 3.23–26).

391. Salmo 23.3; Mateus 5.6.

392. Ezequiel 36.26–27.

393. Jeremias 31.34; 32.39.

394. Isaías 35.8–9.

395. Isaías 30.20–21.

396. Isaías 42.16.

397. Romanos 8.29–30; Efésios 1.4–5; 2.10.

398. Ezequiel 37.1–14; João 3.3–8; Romanos 1.16; Gálatas 4.4–5.

399. João 1.12; 6.45.

400. Gálatas 4.6.

401. Mateus 7.13–14; Atos 1.8; Romanos 8.14; 15.13, 16; Efésios 1.13, 18–19; 3.16, 20; 4.30; 6.10; Colossenses 1.29; 1 Tessalonicenses 1.5; 2 Tessalonicenses 2.13; 1 Pedro 1.2.

402. Hebreus 12.5–11.

403. Filipenses 1.6.

404. Atos 9.2; 19.9, 23; 24.14, 22.

405. Atos 18.25, 26; 2 Pedro 2.2, 21.

406. Mateus 16.24; João 10.27; 1 Coríntios 11.1; 1 Tessalonicenses 1.6; Romanos 8.29; 2 Coríntios 10.5; Filipenses 3.10.

407. Efésios 2.8–9.

408. Efésios 2.10.

409. Romanos 6.4.

410. Hebreus 12.5–11.

411. Filipenses 1.6.

412. Atos 4.12.

413. Romanos 10.9.

414. João 17.20; 2 Timóteo 3.15–17.

415. Hebreus 12.14; Tiago 1.27.

416. 1 Coríntios 11.1; Gálatas 5.22–23; Efésios 5.1.
417. Mateus 22.37–40; Marcos 12.30; Lucas 10.27.
418. Mateus 5.4; Gálatas 5.17; 1 João 1.8–10.
419. 1 Tessalonicenses 1.9–10; Hebreus 11.10.
420. Jeremias 32.38–39.
421. 2 Coríntios 13.5.
422. Salmo 111.10; Provérbios 1.7; 9.10; 15.33.
423. Provérbios 3.7; 8.13; 16.6; 23.17.
424. Deuteronomio 6.13; 10.12; 1 Samuel 12.24; 2 Crônicas 19.9.
425. Levíticos 25.17; 2 Crônicas 19.7.
426. Provérbios 14.27.
427. Hebraico: *yir'ah*.
428. Êxodo 24.17; Deuteronomio 4.24; 9.3; Isaías 29.6; 30.27, 30; 33.14; Hebreus 12.29.
429. Salmo 97.5; Isaías 50.2; Miquéias 1.4; Naum 1.4.
430. Salmo 76.7.
431. Isaías 33.14.
432. Oséias 10.8; Apocalipse 6.16.
433. Filipenses 2.12–13.
434. Efésios 5.3–7.
435. 2 Coríntios 5.9–10.
436. 2 Coríntios 5.11.
437. Mateus 6.9; 1 Timóteo 6.15–16.
438. Efésios 2.18; 3.12; Hebreus 4.16. “Mas o SENHOR está em seu santo templo. Cale-se diante dele toda a terra” (Habacuque 2.20). “Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu, na terra; portanto, sejam poucas as tuas palavras.” (Eclesiastes 5.2).
439. Hebreus 2.11.
440. Em Jeremias 32.40, Deus declara: “Farei eterna aliança com eles e colocarei meu temor em seus corações para que não se afastem de mim”. Embora o crente pode e deve cultivar o temor do Senhor, é um dom de Deus implantado no seu coração no momento da regeneração.
441. Malaquias 3.16
442. Deuteronomio 6.6–9.
443. Jeremias 32.38–30.
444. Romanos 8.30; 1 Coríntios 15.51–52; Efésios 1.14; 4.30; Filipenses 3.19–20.
445. É importante observar que a preocupação com a autorrealização exige que Deus se remova do centro de todas as coisas e se torne uma espécie de deus-servo, que existe para promover o homem.
446. George Whitefield, *George Whitefield's Journals* (London: Banner of Truth, 1960), 470.
447. Mateus 7.21.
448. Mateus 7.16, 20.
449. 2 Coríntios 13.5; 2 Pedro 1.10.
450. Hebreus 12.14.
451. Amós 8.11.
452. Ezequiel 22.30.
453. Isaías 62.6–7; Ver também Ezequiel 36.37–38.
454. 2 Coríntios 10.3–5.

A ALIANÇA ETERNA

Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim. — Jeremias 32.40

Se somos de fato cristãos, chegaremos logo a um reconhecimento profundo de que nossa segurança e garantia de salvação repousa sobre duas grandes colunas: a fidelidade de Deus à sua aliança e sua obra perfeita de redenção em nosso favor.⁴⁵⁵ Uma das características marcantes e essenciais do crente autêntico é que no decurso de sua vida, ele crescerá no conhecimento de que a salvação é toda de Deus, tudo pela graça, tudo por Cristo. Deus nos amou quando nós não o amávamos.⁴⁵⁶ Veio a nosso lado quando não queríamos vir a ele.⁴⁵⁷ Nos fez justos para com ele quando não tínhamos força para tanto.⁴⁵⁸ Ele não nos abandonará, embora nossos fracassos sejam muitos e as acusações da consciência, feitas pelo diabo, nos sobrepujem.⁴⁵⁹

O crente maduro, que cresceu no entendimento de que a salvação é toda pela graça, se perturba profundamente com a mínima sugestão de que sua salvação possa ser resultado de sua própria virtude ou mérito. Ele prefere que suas maiores falhas morais sejam expostas, e ele seja desprezado, do que alguém pensar sobre ele acima do que deve e considere a Cristo menos do que deve. Além disso, terá desdém de todo louvor, exceto aquele que é depositado aos pés de Cristo. É por esta razão que o cristão maduro não se repulsa pela pregação que expõe a depravação total do homem. Sabe que, quanto mais trevas é atribuída ao homem,, mais Cristo, a Estrela da Manhã, brilhará.⁴⁶⁰

O crente maduro se deleita na obra de Deus em seu favor e se gloria em que sua justificação, santificação e glorificação última estão somente em Cristo.⁴⁶¹ O grande clamor de seu coração é: “Mas longe esteja de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim, e eu, para o mundo” e, “Não a nós, SENHOR, não a nós, mas ao teu nome dá glória, por amor da tua misericórdia e da tua fidelidade” (Gálatas 6.14; Salmo 115.1). Tal verdade é exposta com maravilhosa clareza na carta de Paulo à igreja em Filipos, onde ele dá uma das mais sucintas, ainda que poderosa, descrição do cristão autêntico. Escreve: “Porque nós é que somos a circuncisão, nós que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não confiamos na carne” (Filipenses 3.3).

Se existe uma única prova da conversão é esta: o verdadeiro crente se gloria na pessoa e obra de Cristo e não põe a mínima confiança em si mesmo ou nos seus próprios feitos. Ele rejeita e desdenha toda esperança de justiça própria derivada da lei, a fim de ser encontrado em Cristo, tendo justiça que vem de Deus, com base na fé.⁴⁶² Seu grande deleite e sua confissão serão *sola fide, sola gratia, solus Christus*, e *solus Deo Gloria!*

Não é possível exagerar esta verdade. À medida que o cristão amadurece, ele mesmo diminuirá e Cristo aumentará.⁴⁶³ Abandonará toda esperança em seu próprio mérito e confiará na obra perfeita e acabada de outro. Não confiará em olhar para dentro, mas olhará para fora, somente para Cristo. Um camelo carregado de bens não pode passar pelo buraco da agulha.⁴⁶⁴ Nem pode o homem entrar no reino do céu carregado de autojustiça.

A FIDELIDADE DE DEUS NA ALIANÇA

Jeremias 32.40 começa com a promessa de Deus de fazer uma eterna aliança com seu povo: um imutável e irrevogável juramento de que ele jamais deixará de fazer-lhes o bem. O termo *eterna* é traduzido de uma palavra hebraica que denota aquilo que é perpétuo, eterno, que não tem fim.⁴⁶⁵ Este versículo emprega o termo para provar que a fidelidade de Deus à sua aliança e as consequências desta aliança seriam para sempre.⁴⁶⁶ Por todos os anos da vida do crente, através das muitas gerações que restam na era presente e nos dias incontáveis da eternidade que ainda virão, as bênçãos desta nova aliança jamais se esgotarão. A vinda do Messias deu início aos últimos tempos e é o grande cumprimento de tudo que foi profetizado na Lei e nos Profetas.⁴⁶⁷ A plenitude dos tempos e a consumação de todas as coisas em Cristo vieram sobre nós.⁴⁶⁸ Embora ainda aguardemos a redenção do corpo e a consumação final de todas as coisas, sabemos que nossa posição presente diante de Deus é perfeita, como sempre será.⁴⁶⁹ Ele se tornou nosso Deus, e nós somos o seu povo. Ele nos “abençoou com toda sorte de bênção espiritual nos lugares celestiais em Cristo” (Efésios 1.3). Nossa posição é final, eterna, imutável e irrevogável. Deus preferiria quebrar sua aliança com o dia e a noite, e mudar os muros fixos do céu e terra, do que rejeitar seu povo.⁴⁷⁰ Ainda que uma mulher pudesse esquecer o filho que amamenta e não tivesse compaixão do filho de seu ventre, Deus jamais se esqueceria de nós: ele escreveu nossos nomes na palma de sua mão.⁴⁷¹

Embora não seja declarado explicitamente, as palavras específicas de Jeremias 32.40 deixam claro que nossa confiança na natureza indestrutível e imutável da nova aliança será fundada sobre o caráter impecável de Deus. Pelo profeta Jeremias, Deus se revela como ator principal ou primeiro proponente de nossa salvação, bem como aquele sobre o qual depende todo o pacto. Ele declara: “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim” (Jeremias 32.40). Assim, da própria confissão de Deus, aprendemos que a nova aliança é baseada

totalmente em sua fidelidade e poder para cumprir aquilo que prometeu. A implicação desta verdade é dupla. Primeiro, traz glória a Deus. É a sua obra desde o começo até o fim, e portanto, seu cumprimento glorifica somente a ele. Segundo, é conforto para seu povo e serve como fundação para a sua força. Nossos corações derreteriam de desespero e seriam totalmente enfraquecidos além de qualquer possibilidade de recuperação, se até mesmo a mínima parte de nossa salvação dependesse de nós. Contudo, sendo que a aliança é fundada sobre um Deus que não pode falhar e uma obra de redenção de duração e valor infinitos, ela é eterna.

Correndo o risco de insistir em assunto já tratado, temos de nos perguntar: qual esperança teríamos, até o melhor entre nós, se essa aliança não fosse incondicional? Até mesmo se nossos piores feitos fossem colhidos e nos fosse permitido apresentar somente nossas melhores obras diante do trono do juízo de Deus, tal pensamento não nos faria tremer? As Escrituras já não testemunharam contra nós que nossas obras mais justas nada mais são que trapos imundos? Diante da ardente justiça de Deus, todos nós murcharíamos como uma folha, e nossas iniquidades nos varreriam para longe, como o vento.⁴⁷²

Todo cristão que tenha o mínimo conhecimento das Escrituras sabe que nossa condição seria aterradora, não fosse esta palavra dada pelo profeta Jeremias, uma palavra tão fiel e infalível quanto o Deus que a deu. É promessa tão eterna quanto a mente divina que a formou. Ela assegura a nós crentes que apesar de nossa incapacidade, fomos levados a uma aliança eterna e incondicional com Deus. Tudo é obra dele, e, portanto, temos uma palavra segura sobre a qual nos firmar, não somente nesta vida como também em todas as eras por vir. É por esta razão que reconhecemos livremente, de comum acordo, que é pela graça que somos salvos, não por nós, não por obras, para que ninguém se glorie.⁴⁷³

As promessas do Antigo Testamento quanto à natureza eterna e incondicional da nova aliança não se limitam ao profeta Jeremias, mas são igualmente reveladas nas palavras do profeta Isaías. Por este, Deus declara a seu povo: “Inclinai os

ouvidos e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá; porque convosco farei uma aliança perpétua, que consiste nas fiéis misericórdias prometidas a Davi” (55.3).

Deste texto, entendemos que a aliança eterna que Deus faria com seu povo seria fundada sobre, ou de acordo com as fiéis misericórdias de Deus mostradas a Davi. Embora a frase seja de interpretação um pouco difícil, a maioria dos estudiosos concordam no seguinte: Primeiro, a maior de todas as misericórdias que Deus mostrou a Davi foi a promessa do Messias. Embora Davi fosse se juntar a seus pais e sua linhagem fosse quase toda destruída pelo pecado e rebeldia,⁴⁷⁴ Deus prometeu que um ramo surgiria daquela árvore tombada da linhagem de Davi.⁴⁷⁵ Este restauraria seu povo, e por meio dele, a casa ou dinastia de Davi duraria para sempre e seu trono seria estabelecido sem fim.⁴⁷⁶

De modo correspondente, a aliança eterna que Deus fez com seu povo é conforme estas mesmas fiéis misericórdias. Na plenitude dos tempos, quando estávamos sem força e sem Deus no mundo, veio o Messias da linhagem de Davi.⁴⁷⁷ Ele foi ferido por nossas transgressões, moído por nossas iniquidades, e pelas suas pisaduras, somos sarados.⁴⁷⁸ Ao terceiro dia, Deus o ergueu da morte, terminando a agonia de sua morte, já que era impossível que ele permanecesse preso por seu poder.⁴⁷⁹ Então, ele foi assunto ao céu, onde se assentou à destra de Deus.⁴⁸⁰ Por meio dele, o tabernáculo caído de Davi foi reconstruído, para que toda a humanidade pudesse buscar o Senhor, até mesmo os gentios que são chamados por seu nome.⁴⁸¹ Nele temos a redenção por seu sangue, o perdão de nossas transgressões, conforme as riquezas de sua graça, que ele derramou abundantemente sobre nós.⁴⁸²

O Messias veio, e levantou a casa de Davi que estava em ruínas, quando repará-la estava além do poder ou habilidade do homem mortal. De modo semelhante, ele entrou em nosso estado arruinado e infame, e fez conosco uma aliança eterna, não por nossos méritos, mas de acordo com suas multifacetadas e inexauríveis misericórdias. Como Davi, nossa salvação, bem como a sua continuidade, dependem totalmente de Deus e de seu Cristo. Esta verdade traz maior esperança

àqueles que já não encontram esperança nenhuma em si mesmos. Embora as nossas falhas sejam inúmeras, sabemos que estamos seguros, porque nem Deus nem seu Cristo falhará em cumprir a aliança feita conosco.

Segundo, as fiéis misericórdias mostradas por Deus a Davi não se limitam à sua exaltação de rapaz pastor de ovelhas a rei de Israel, nem só à promessa de uma casa eterna por meio do Messias, mas referem-se também à graciosidade de Deus para com Davi, a despeito da sua infidelidade e seus fracassos morais. Por mais virtudes que Davi tivesse, ainda era um homem com natureza semelhante à nossa, sujeita à carne, manchada por muitas transgressões contra a lei de Deus.⁴⁸³ Embora ele se agarrasse a Deus pela fé e nunca se desviasse para as práticas idólatras de outros reis, diversos dos seus pecados documentados foram notórios. A sua mentira a Aimeleque levou à chacina da cidade sacerdotal de Nob.⁴⁸⁴ Seu relacionamento adúltero com Beteseba terminou com o assassinato do marido dela, Urias, e a morte do filho infante de Davi e Beteseba.⁴⁸⁵ O seu orgulho em levantar o censo resultou em pestilência que matou setenta mil homens, desde Dã até Berseba.⁴⁸⁶ No entanto, apesar do pecado de Davi, Deus cumpriu cada promessa que fez a ele e à sua casa, para que ele declarasse no fim de seus dias e na última canção que temos escrita por ele: “Pois estabeleceu comigo uma aliança eterna, em tudo bem definida e segura. Não me fará ele prosperar toda a minha salvação e toda a minha esperança?” (2Samuel 23.5).

Novamente, tais misericórdias demonstradas a Davi, bem como aquelas que são demonstradas a nós na nova aliança, não são de acordo com nossas virtudes ou nossos méritos, mas fundadas sobre o caráter de nosso Deus. A aliança é “ordenada e segura em todas as coisas” porque repousa nele. Ele não muda, e por isso não somos consumidos.⁴⁸⁷ Ele prometeu fazer-nos bem, não conforme merecemos, mas de acordo com sua benignidade e ternas misericórdias, que são nossas por meio da fé em Jesus Cristo. De fato, é somente em Cristo e por sua expiação que as divinas misericórdias exaltadas por Davi em seus salmos se tornam possíveis.

Em razão da eterna aliança de Deus e as promessas que ela contém, o cristão tem maior segurança. Em Cristo, Deus fez uma aliança eterna, imutável e indestrutível com cada um de nós, de que não deixará de nos fazer o bem. Esta verdade, combinada com a fé, deve dar esperança até mesmo ao santo mais tímido. Deve fazer o mais fraco entre nós corajoso como um leão, mesmo quando enfrentamos os estrondos retumbantes da consciência e as mais cruéis calúnias do mal. Quando o acusador numerar as nossas falhas e declarar anulado o pacto, olhamos para a fidelidade de nosso Deus e a obra perfeita de Cristo em nosso favor. Quando Satanás vem contra nós com grande vingança, agarramo-nos a Cristo com igual violência. Não tememos e não vacilamos, porque nossa esperança está na aliança eterna, fundada sobre as fiéis misericórdias de nosso Deus. Ele não deixará de nos fazer o bem!

ADESÃO DO CRENTE

As promessas que temos considerado até aqui são o grande fundamento e fonte da esperança do cristão. Contudo, essas promessas muitas vezes têm sido mal-entendidas. Se Deus fez um pacto eterno conosco do qual nunca se afastará, isso significa que nossa salvação está segura, mesmo que vivamos em apatia e rebeldia à sua pessoa e vontade? Será que vamos continuar no pecado para que a graça aumente?⁴⁸⁸ Absolutamente não! O mesmo Deus que prometeu jamais se desviar de seu povo também prometeu criar neles uma reverência que evite que se desviem dele. Por meio do profeta Jeremias, ele declarou: “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim” (Jeremias 32.40).

Para entender corretamente e aplicar este texto, temos de reconhecer que ele contém duas promessas interdependentes. Como os dois lados de uma moeda, nenhum deles existe propriamente sem o outro. Na primeira promessa, Deus jura fazer aliança eterna com seu povo, da qual não se afastará, para lhe fazer o bem. Porém, na segunda promessa, Deus se compromete a colocar no coração do seu povo o seu temor, para que ele não se desviem dele nem caiam em estado perpétuo ou fixo de incredulidade e rebeldia. Ainda que todos tropecem de muitas formas e alguns caiam em graves pecados por um tempo, se forem verdadeiramente cristãos, eles retornarão, quebrados e crentes.⁴⁸⁹ Não podem se desviar para sempre ou recuar até a destruição.⁴⁹⁰ As maiores confissões da igreja refletem esta gloriosa verdade:

Eles, porém, pelas tentações de Satanás e do mundo, pelo predomínio da corrupção restante neles e pela negligência dos meios de preservação, podem cair em graves pecados e, por algum tempo, continuar neles; incorrem, assim, no desagrado de Deus, entristecem o seu Santo Espírito e, em alguma medida, vêm a ser privados de suas graças e confortos; têm seus corações endurecidos e suas consciências feridas; prejudicam e escandalizam outros e atraem sobre si juízos temporais.⁴⁹¹

A conversão de uma pessoa é possivelmente a mais magnífica demonstração do poder de Deus no universo. Embora necessite uma decisão da parte do indivíduo, é primariamente obra de Deus do começo ao fim. Na conversão, Deus regenera e transforma o coração da pessoa de modo que ela se torna nova criatura.⁴⁹² Isso não é apenas linguagem poética, metáfora exagerada ou hiperbólica – tem de ser tomada literalmente. Pela obra regeneradora do Espírito Santo, a pessoa recebe nova natureza, com novos afetos justos, que não toleram mais ficar afastados de Deus, não aceitam a amizade com o mundo nem a prática do pecado.⁴⁹³ Ainda que ele se desvie, não pode se desviar por muito tempo, mas é compelido por muitas forças de dentro e de fora, a retornar para Deus. Sua nova natureza terá nojo de seu pecado e fará com que ele tenha asco, mesmo quando a carne proibida ainda estiver entre seus dentes.⁴⁹⁴ O Espírito que nele habita o convencerá de seu pecado e renovará sua esperança de encontrar perdão e restauração nas misericórdias do seu Deus.⁴⁹⁵ O Filho o buscará e o atrairá com grandes recordações do amor do Calvário.⁴⁹⁶ O Pai empregará todos os meios da providência e estenderá sua mão com amável disciplina. Ele o afastará do caminho da destruição, o ensinará o temor do Senhor e o fará participante na própria santidade de Deus.⁴⁹⁷ Por esta razão, o cristão autêntico não se desviará nem se encolherá para a destruição. Perseverará até o fim, não somente na fé como também em santificação, que conduz à retidão pessoal. O Deus que começou boa obra nele a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus.⁴⁹⁸

É importante entender que nas promessas da nova aliança, Deus não somente declara o que fará *pelo* povo, como também o que fará *em* seu povo. A obra expiatória de Cristo *por nós* é fundamento da nova aliança e sempre terá preeminência em nossos pensamentos e nossa dedicação. Porém, a obra regeneradora do Espírito Santo *em nós* é igualmente essencial. A glória da nova aliança não é somente que Deus liberta seu povo da condenação do pecado, como também os livra de seu poder. Essa primeira obra é realizada mediante a cruz. A obra posterior se realiza mediante a regeneração do Espírito Santo, que transforma radicalmente, ou recria, cada membro do novo povo da aliança de

Deus. O resultado é que não somente estão *legalmente* reconciliados a Deus, como também estão ligados a Deus *devocionalmente*. Assim, são verdadeiramente o seu povo e ele é o seu Deus.⁴⁹⁹

Mais uma vez, temos de enfatizar que tais promessas não negam a realidade da luta sempre presente contra o pecado na vida do crente, mesmo do crente mais maduro. No entanto, para sermos fiéis ao evangelho, temos de aderir à verdade que “se alguém está em Cristo, é uma nova criatura.”⁵⁰⁰ Será inclinado a Deus, possuirá um verdadeiro conhecimento de Deus e terá temor de Deus a ponto de não desviar-se dele. Embora até mesmo os maiores entre nós tropecem e caiam de muitas formas, mesmo o mais fraco entre nós não se desviará de Deus em apostasia prolongada ou firmada.⁵⁰¹ Não o faremos, pois não podemos, e não podemos porque somos novas criaturas, incapazes de viver sem a luz da presença de Deus, ou de suportar as trevas e sujeira da presente era.

À luz destas verdades, fica agora evidente que a promessa da nova aliança com respeito ao crente aderir a Deus serve como prova da verdadeira conversão. Os realmente regenerados perseverarão até o fim, se agarrarão em Deus em esperança. Além do mais, serão marcados por genuína reverência para com Deus, que resulta em obediência. Em contraste, os que não têm esse respeito perdurador terão pouca confiança em sua participação na aliança. Aqueles que dizem estar seguros em Cristo, mas não perseveram na fé, santificação e temor do Senhor, têm pouca base para a esperança. Como Bildade, o suíta, declarou: “a confiança [do hipócrita] será cortada, e sua crença é como teia de aranha” (Jó 8.14).

As verdades da nova aliança servem como imensa advertência a membros carnis e apáticos da igreja, que se gabam de salvação e repousam tranquilos em Sião.⁵⁰² Estão certos ao crer que Deus nunca se desviará de seu povo, mas errados em presumir que fazem parte desse povo quando suas vidas contradizem essa confissão. Têm de ser solenemente admoestados para certificar-se do seu chamado e eleição, examinar a si mesmos, tirar a prova, verificando se estão na fé.⁵⁰³ Se houver neles pouca evidência do temor de Deus, haverá também pouca evidência de que tenham parte no povo de Deus, não obstante a frequência ou

insistência de sua confissão. Uma segurança bíblica de que Deus tenha firmado uma aliança eterna conosco só é possível quando houver real e permanente prova de ter ele regenerado nosso coração e feito com que nós o adoremos.

Muito do que hoje se pratica dentro da comunidade evangélica ocidental, quanto a evangelização, conversão e segurança de salvação, é negação de tudo que as Escrituras ensinam sobre a nova aliança, o novo nascimento e a própria natureza de Deus e da salvação. É por essas razões que as verdades de Jeremias 32.40 são tão importantes. Deus prometeu jamais deixar aqueles a quem salvou. Contudo, também prometeu colocar o temor em seus corações, para que eles jamais se desviem dele. Sabemos que entramos na nova aliança, não apenas por termos feito certa vez na vida uma oração ou profissão pública de que cremos, mas por causa da contínua e crescente reverência por Deus, que se manifesta na nossa santificação. Em suma, nossa santificação, resultado da regeneração, evidencia a nossa justificação, que é resultado da fé!

Antes de terminar, é importante observar que essa promessa final de Jeremias 32.40 não somente adverte ao membro carnal da igreja, como também é conforto e encorajamento para o verdadeiro crente, cuja segurança da salvação está enfraquecida pela condenação do coração ou pela calúnia do mal.⁵⁰⁴ A ilustração seguinte pode ajudar a entender e aplicar esta verdade.

Imagine um jovem que dê forte evidência de uma conversão autêntica, mas luta, a ponto de se desesperar, contra a insegurança da salvação. Mesmo após frequente e prolongado aconselhamento com diversos pastores, ele encontra pouca razão para esperança. O caluniador o abateu e aumentou tanto os seus pecados que ele não consegue muita evidência da graça. Um dia, ele derrama o coração para um evangelista visitante. Depois de escutar por quase uma hora, o evangelista conclui que o jovem recebeu bom conselho sobre o assunto, no entanto não teve nenhum progresso. Então, ele olha nos seus olhos e diz: “Cristo e o seu evangelho parecem ter feito pouco por você, senão lançá-lo no poço do desespero e sofrimento. Minha recomendação é que você simplesmente esqueça tudo e vá embora. Abandone a Cristo e se lance de cabeça no pecado. Pelo menos,

ao dar vazão à carne, terá alegria por um tempo, e talvez você seja tão endurecido que se esquecerá do juízo futuro”. O jovem fica chocado com a resposta do evangelista e responde: “Nunca poderei fazer isso!”

Rapidamente, o evangelista retruca: “Por que não? Você não tem esperança de salvação, e suas lutas passadas contra o pecado não lhe deram alívio. Por que não deveria simplesmente fugir de Cristo?” A isso o jovem grita: “Não posso fugir de Cristo porque minha salvação está somente nele. Ainda que meu pecado me vença mil vezes, eu não correrei para o pecado porque o odeio. Não me afastarei de Deus porque eu o temo.”

Naquele momento, o evangelista olha nos olhos do jovem e simplesmente cita as palavras de Jeremias 32.40: “Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim”.

O rosto do moço fica vermelho de surpresa, e ele declara: “Como eu poderia amá-lo, se ele não tivesse me amado primeiro? E como poderia odiar o pecado, se ele não tivesse renovado meu coração? E como poderia ter temor de Deus, se ele não tivesse colocado seu temor em mim?” O jovem se afasta com grande segurança e alegria no Espírito Santo.

O poder e a fidelidade de Deus salva e guarda o crente autêntico. Por esta razão, mesmo o mais fraco entre nós pode descansar no fato de que Deus jamais nos abandonará nem deixará de fazer o bem a nós. Contudo, no mesmo grau, devemos crer e proclamar que como evidência da verdadeira conversão e comunhão na nova aliança, não nos desviaremos completamente de Deus nem correremos de cabeça para o pecado como prática resolvida e estabelecida. A graça de Deus que se manifesta na nova aliança não conduz à apatia ou indolência de consagração, pelo contrário, constrange o cristão à maior piedade e o instiga à mais forte diligência. Podemos estar certos deste resultado, não por confiar na força dos homens, mas por entender o propósito e poder de Deus na salvação. Aquele que começou boa obra em seu povo, a aperfeiçoará até o dia de Cristo Jesus. Ele nos deu novo coração para que nos deleitássemos em corresponder à

sua pessoa e sua vontade.⁵⁰⁵ Ele nos deu seu Espírito para dirigir-nos e nos dar poder.⁵⁰⁶ Escreveu as suas leis em nossos corações e colocou em nós o seu temor para que não nos desviássemos dele.⁵⁰⁷ Ele é nosso Deus, e nós somos seu povo.⁵⁰⁸

455. “Porque eu sou o SENHOR, e não mudo; portanto não sois consumidos, ó filhos de Jacó” (Malaquias 3.6). “Quando, pois, Jesus tomou o vinagre, disse: Está consumado! E, inclinando a cabeça, rendeu o espírito” (João 19.30).

456. 1João 4.10.

457. João 3.19–20.

458. Romanos 5.6.

459. 1João 3.20; Apocalipse 12.10.

460. 2Pedro 1.19; Apocalipse 22.16; ver também Malaquias 4.2; Lucas 1.76–79.

461. 1Coríntios 1.30.

462. Filipenses 3.8–9.

463. João 3.30.

464. Mateus 19.24; Marcos 10.25; Lucas 18.25.

465. Hebraico: *‘olam*.

466. Matthew Henry, *Matthew Henry’s Commentary on the Whole Bible* (London: Fleming H. Revell, n.d.), 4:616.

467. Isaías 2.2; Oséias 3.5; Mateus 5.17; 11.13; Atos 24.14; 28.23; Romanos 3.21; Hebreus 1.2; 2Pedro 3.3.

468. Efésios 1.10.

469. Romanos 8.23; Efésios 1.14; 4.30; Filipenses 3.20–21; 1 Tessalonicenses 1.10; Apocalipse 21.1.

470. Jeremias 33.25–26.

471. Isaías 49.14–16.

472. Isaías 64.6.

473. Efésios 2.8–9.

474. 1Reis 2.10; Atos 2.29; 13.36. A dinastia de Davi foi de tal modo reduzida até o tempo da vinda de Cristo que podia ser referida como “terra seca” (Isaías 53.2) ou tronco seco de uma árvore caída (Isaías 11.1).

475. Isaías 4.2; 11.1; Jeremias 23.5; 33.15; Zacarias 3.8; 6.12.

476. “E tua casa e teu reino serão estabelecidos para sempre diante de ti. Teu trono será firmado eternamente” (2Samuel 7.16). “Sua semente durará para sempre e o seu trono como o sol diante de mim; será estabelecido para sempre como a lua, mesmo como a fiel testemunha no céu” (Salmo 89.36–37). “A ele foi dado domínio e glória e um reino, para que todos os povos, nações e línguas o sirvam. O seu domínio é eterno, e não passará, e seu reino não será destruído” (Daniel 7.14).

477. Romanos 1.3; 5.6; Gálatas 4.4; Efésios 2.12.

478. Isaías 53.5.

479. Mateus 16.21; João 2.19–21; Atos 2.24; 1Coríntios 15.4.

480. Marcos 16.19; Hebreus 1.3; 10.12; 12.2.

481. Atos 15.16–17.

482. Efésios 1.7–8.

483. Tiago 5.17.

484. 1Samuel 21.2–10; 22.9–19.

485. 2Samuel 11.2–5, 14–17; 12.15–18.

486. 2Samuel 24.2–17.

487. Malaquias 3.6.

488. Romanos 6.1.

489. Tiago 3.2.

490. Hebreus 10.39.

491. Confissão de Fé de Westminster e a Confissão de Fé Batista de Londres de 1689, capítulo 17, “A Perseverança dos santos”.
492. 2Coríntios 5.17.
493. “Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática de pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus” (1João 3.9).
494. Números 11.33.
495. Isaías 55.6–13; 57.16–19; João 16.8; Hebreus 4.15–16.
496. Lucas 19.10; 15.4–7, 8–10; Romanos 5.8–10; 1João 4.9–10.
497. Hebreus 12.10.
498. Filipenses 1.6.
499. Jeremias 31.33; Ezequiel 36.28.
500. 2Coríntios 5.17.
501. Tiago 3.2.
502. “Ai dos que andam à vontade em Sião e dos que vivem sem receio no monte de Samaria, homens notáveis da principal das nações, aos quais vem a casa de Israel!” (Amós 6.1).
503. 2 Pedro 1.10; 2Coríntios 13.5; 2Pedro 1.10.
504. 1João 3.19–20.
505. Ezequiel 36.26.
506. Ezequiel 36.27.
507. Jeremias 31.33; 32.40.
508. Jeremias 31.33; 32.38; Ezequiel 36.28.

A BONDADDE DE DEUS PARA COM SEU POVO

Farei com eles aliança eterna, segundo a qual não deixarei de lhes fazer o bem; e porei o meu temor no seu coração, para que nunca se apartem de mim. Alegrar-me-ei por causa deles e lhes farei bem; plantá-los-ei firmemente nesta terra, de todo o meu coração e de toda a minha alma. Porque assim diz o SENHOR: Assim como fiz vir sobre este povo todo este grande mal, assim lhes trarei todo o bem que lhes estou prometendo.

— Jeremias 32.40–42

Neste texto do profeta Jeremias aprendemos três importantes verdades. Primeiro, pela obra expiatória do Messias, Deus fez uma aliança eterna e imutável com seu povo — ele não o abandonará, mas fará o bem a ele. Segundo, pela operação regeneradora do Espírito Santo, ele estabeleceu a disposição de seu povo para com ele: terá por ele reverência e não se desviará. Terceiro, tendo fixado seu relacionamento e sua disposição com seu povo, agora ele abriu caminho para bênçãos celestiais e comunhão mais íntima. Foi abolido tudo que impedia o caminho para Deus e seu povo desde a queda de Adão. Por meio da obra redentora de Cristo, o pecado foi punido, a justiça foi satisfeita, e uma retidão perfeita nos foi imputada. A obra regeneradora do Espírito removeu a hostilidade do coração, quebrou o poder do pecado, e deu um novo coração ao povo de Deus, para que ande em novidade de vida.⁵⁰⁹ Consequentemente, Deus agora se alegra com seu povo e cumpre os planos que decretou para ele desde antes da fundação do mundo — “pensamentos de paz e não de mal, para vos dar o fim que desejais” (Jeremias. 29.11).

REGOZIJO DIVINO

Periodicamente, por todas as Escrituras do Antigo Testamento, Deus fala de maneira antropomórfica⁵¹⁰ para descrever seu senso de pesar e tristeza devido à constante rebeldia de seu povo. Nos primeiros estágios da história humana, a Escritura diz “se arrependeu o SENHOR de ter feito o homem na terra, e isso lhe pesou no coração” (Gênesis 6.6). O salmista exclama que, tão logo Deus libertou seu povo da escravidão do Egito, “quantas vezes se rebelaram contra ele no deserto e na solidão o provocaram!” (Salmo 78.40). Por esta razão durante quarenta anos ele estava adverso a essa geração e os descreveu como povo que errava no coração e não conhecia seus caminhos.⁵¹¹ Os profetas foram ainda mais explícitos. Por intermédio de Ezequiel, Deus disse a Israel que estava ferido por seus corações adúlteros, que se desviaram dele, que fizeram papel de meretriz olhando para os ídolos.⁵¹² Pelo profeta Isaías, ele testemunhou que seu povo não o buscou, mas preferiu pôr o peso de seus pecados nele e o deixava exausto com suas iniquidades.⁵¹³ No livro de Amós, aprendemos que a corrupção de Israel e sua recusa em ouvir a palavra do Senhor, moveu Deus a declarar: “Eis que farei oscilar a terra debaixo de vós, como oscila um carro carregado de feixes” (2.13). Finalmente, o Antigo Testamento fecha com o livro de Malaquias, com a acusação feita por Deus contra Israel de que eles o deixaram cansado “com suas palavras” a ponto de ele ansiar por alguém que “fechasse as portas” do templo, para que não fosse mais oferecido o culto (Malaquias 2.17; 1.10).

Deus havia libertado os israelenses da fornalha de ferro do Egito e entrou em aliança com eles no Monte Sinai.⁵¹⁴ Ele os havia escolhido para ser povo de sua própria possessão, dentre todos os povos que estavam na face da terra. Eles deveriam ser uma nação santa diante do Senhor seu Deus.⁵¹⁵ No entanto, em contraste ao grande chamado que receberam, a grande maioria continuou não regenerada de coração, hostil aos mandamentos de Deus e inclinada a toda espécie de idolatria e imoralidade. Em suma, a possessão e tesouro de Deus tornaram-se fardo implacável, o qual ele estava cansado de carregar.⁵¹⁶

Só no contexto dessas terríveis acusações contra a humanidade poderemos ver o poder e a magnificência desta promessa do novo pacto. Por meio da obra expiatória de Cristo e a obra regeneradora do Espírito Santo, Deus criou para si um povo em que pode se alegrar e realizar toda espécie de bem sem medida. Devido à sua obra *em nós*, ele pode agora e sem reservas ser *por nós*.⁵¹⁷

Embora não esteja completamente explicada em Jeremias 32.41, a frase “regozijar neles” denota a alegria desimpedida e sem reservas do casal de noivos em sua câmara de núpcias. Esta verdade é explicitada em passagem semelhante em Isaías: “Porque, como o jovem desposa a donzela, assim teus filhos te desposarão a ti; como o noivo se alegra da noiva, assim de ti se alegrará o teu Deus” (62.5). Como o noivo se entrega voluntariamente, cheio de alegria e sem reservas à sua noiva, assim é que Deus entrega a si mesmo a seu povo, para seu bem. Não há nada escasso ou sovina no relacionamento de Deus conosco. Ele não dá com relutância ou abençoa devido a um compromisso anterior que agora lastima. Em vez disso, ele dá com alegria — até mesmo êxtase — e sem repreensão.⁵¹⁸

Essa questão deveria ser resolvida no coração do crente de que Deus é por ele e se deleita em fazer-lhe bem. Porém, agora precisamos determinar a natureza exata desse bem que Deus se deleita em nos dar. À luz do ensino do Novo Testamento, não pode significar que Deus se alegra em nos dar uma ininterrupta vida de prosperidade e facilidade em tudo. Nem pode querer dizer que ele tenha compromisso de nos proteger de quaisquer dificuldades, problemas ou grandes sofrimentos. O que realmente quer dizer é-nos mostrado na epístola de Paulo aos da igreja em Roma:

Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito. Porquanto aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho, a fim de que ele seja o primogênito entre muitos irmãos. (Romanos 8.28–29)

Neste texto, Deus nos dá tanto a promessa do *bem* quanto uma exata definição do que seja esse bem. Ele prometeu fazer com que tudo coopere em nossa vida, desde o maior até o mínimo detalhe, para que sejamos conformados à imagem de Cristo. Tendo nos reconciliado consigo mesmo pela morte de seu Filho, Deus agora se regozija em nos conformar à sua semelhança. É este o *summum bonum*, o bem supremo, da vida cristã. É o mais alto alvo e mais fantástico privilégio que poderia nos ser concedido. Todas as outras coisas na vida cristã são estabelecidas sobre ele e fluem dele.

Para compreender esta verdade, precisamos apenas lembrar que todos os problemas da humanidade fluem de nossa corrupção moral. Nossa falta de piedade foi autora de todos os males desta presente era caída. A promessa de nosso bem nesta vida ou na vida por vir seria absolutamente impossível, não fosse a transformação moral para o mais alto padrão possível, que é o próprio Cristo. A utopia herdada por criaturas imorais logo se tornaria um paraíso perdido. Um céu sem a semelhança de Cristo logo se tornaria em inferno. Por esta razão, Deus se regozija em nos conformar à imagem de seu Filho e nos abençoar com todo o bem que resulta dessa conformidade. Somos feitura dele,⁵¹⁹ e ele não sonega de nós nenhum bem ao buscar nossa transformação da “origem bruta” que somos à gloriosa imagem de seu Filho, Jesus Cristo.⁵²⁰ Como declarou o salmista: “o SENHOR dá graça e glória; nenhum bem sonega aos que andam retamente” (84.11).

PLANTANDO COM FIDELIDADE

Deleitar-se ou até mesmo desejar alguma coisa boa tem seu valor, mas possuir a capacidade ou os recursos para realizar o que se deseja é outra coisa bem diferente. Um homem pobre pode desejar o prazer de fazer bem a seu filho e se esforçar com toda sua força de vontade. Porém, limites naturais podem impedi-lo além de seu controle. No final, todos os seus esforços nada valem, e seu filho fica desapontado e desiludido. Muitas vezes, é esse o caso com os homens que labutam com toda força em prol das coisas mais dignas, no entanto fracassam em todos os seus esforços. Mas este jamais é o caso com Deus. Ele é “SENHOR, o Deus de todos os viventes” (Jeremias 32.27). Criou os céus e a terra por seu grande poder e sua mão estendida. Nada lhe é difícil demais.⁵²¹ Ele opera todas as coisas segundo o conselho de sua vontade.⁵²² O seu propósito será estabelecido, e ele realizará todo seu bom prazer.⁵²³ Conforme declara o salmista: “O conselho do SENHOR dura para sempre, os desígnios do seu coração, por todas as gerações” (33.11).

É sobre o fundamento de rocha firme dessas verdades que interpretamos a promessa de Deus neste texto: “Eu os plantarei com fidelidade nesta terra”. A fidelidade de Deus a seu povo Israel em exílio foi revelada na promessa de que ele os ajuntaria de todas as terras onde foram dispersos no juízo e os traria à terra que fora separada de modo singular para eles.⁵²⁴ Na nova aliança, tal promessa foi cumprida na conformidade do crente a Cristo e glorificação final no céu. Como Deus foi fiel, movendo nações inteiras para trazer o povo exilado de volta ao lar, ele também é poderoso para mover céu e terra para nos conformar à imagem de seu Filho e nos conduzir para o lar em glória. Era esse o fundamento do encorajamento de Paulo à igreja de Filipos: “Estou plenamente certo de que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus” (Filipenses 1.6).

O Deus que governa o universo, que move o elétron em volta do núcleo, que inclina o coração do rei segundo o seu querer, que estabelece e derruba nações inteiras, põe sobre nós os seus olhos para o bem, e nos levará até o lugar que ele ordenou por nós antes da fundação do mundo.⁵²⁵ Diferente da criança que se desilude com as promessas falidas de seu pai, nós temos uma infalível esperança, fundada sobre promessas melhores.⁵²⁶ Nosso Deus não somente cumpre a sua palavra livrando-nos da condenação do pecado, como também agora opera em nós para cumprir sua promessa de livrar-nos do poder do pecado. Temos garantia certa de que ele trabalha e continuará trabalhando em e por nós, até o fim, para conformar-nos à imagem de seu Filho amado. Ele garante que seu Filho primogênito tenha uma congregação incontável de irmãos dos quais ele não se envergonhará.⁵²⁷

Deus em Cristo não é somente autor da nossa salvação, como também seu consumidor.⁵²⁸ Assim sendo, a participação no processo de santificação não é uma opção na vida cristã, que o crente pode escolher ou não para si. É um aspecto certo e indispensável da salvação, sobre o qual preside a infalível providência de Deus. O Deus que justifica o crente, e lhe dá a promessa de glorificação futura, também o santificará até aquele dia final. Será que pode o que crê em Cristo ter certeza de sua justificação? Absolutamente sim! Pode quem crê e foi justificado ter certeza da glorificação? Absolutamente sim! Pode aquele que crê para salvação e espera na glória futura ter certeza de que Deus continuará a santificá-lo no decurso de toda sua vida? Absolutamente sim! Como declara o escritor de Hebreus:

É para disciplina que perseverais (Deus vos trata como filhos); pois que filho há que o pai não corrige? *Mas, se estais sem correção, de que todos se têm tornado participantes, logo, sois bastardos e não filhos.* Além disso, tínhamos os nossos pais segundo a carne, que nos corrigiam, e os respeitávamos; não havemos de estar em muito maior submissão ao Pai espiritual e, então, viveremos? Pois eles nos corrigiam por pouco tempo, segundo *melhor* lhes parecia; Deus, porém, nos disciplina para *aproveitamento*, a fim de *sermos* participantes da sua santidade. Toda disciplina, com efeito, no momento não parece ser motivo de alegria, mas de tristeza; ao depois, entretanto, produz fruto pacífico aos que têm sido por ela exercitados, fruto de justiça. (Heb. 12.7–11, ênfase acrescida).

Deus plantará fielmente seu povo na terra, e completará a obra que começou. A sua disciplina é, muitas vezes, difícil, mas sempre será com bom propósito e cumprirá a obra. Na verdade, uma das maiores evidências da salvação é a realidade da disciplina de Deus em nossa vida, para que compartilhemos de sua santidade e produzamos o fruto pacífico de justiça. Da mesma maneira, uma das maiores evidências de uma falsa fé ou profissão vazia é quando uma pessoa diz ser cristã, mas a obra de Deus de santificação está ausente em sua vida. Ela é capaz de viver no pecado, ser apática para com a justiça e permanece incólume pela disciplina divina.⁵²⁹ Deus não é pai negligente que permite a seus filhos que corram soltos e desimpedidos em pecado. Ele não somente gera os filhos, como também zela por eles com maior cuidado. Ele não deixará de usar a vara com o filho, mas demonstrará seu amor disciplinando-o com toda diligência.⁵³⁰

OS Inesgotáveis RECURSOS DE DEUS

O progresso que se percebe na santificação do verdadeiro crente não resulta de sua força de vontade ou grau de dedicação. Não é algo que acrescenta à fé para que seja salvo, mas é resultado de sua fé. O Deus que o justificou também o regenerou e tornou nova criatura, com novos afetos e renovado poder para viver de maneira piedosa diante dele. Conforme escreveu o apóstolo Pedro: “Visto como, pelo seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude” (2Pedro 1.3).

Em Jeremias 32.40–42, encontramos uma das mais surpreendentes promessas de toda a Escritura. Na verdade, a expressão só é encontrada aqui e em nenhum outro lugar. Pelo profeta Jeremias, Deus promete operar em nossa santificação “de todo coração e de toda a alma.”⁵³¹ Tal declaração antropomórfica não ensina que existam semelhanças fisiológicas entre Deus e o homem, mas que ele extrairá de seus inesgotáveis recursos da divindade para realizar seus propósitos em seu povo. Isso nos diz que para Deus, a santificação e glorificação final não são questões triviais, mas de tamanha importância que ele promete empregar a plenitude de sua divindade para assegurar que se realizem! É maravilhosamente incrível que Deus tenha criado e sustenha o universo por uma palavra, e ainda prometa trabalhar pela santificação e glorificação final do crente com a inteireza de sua pessoa e seu poder.⁵³²

Esta declaração singular tem uma aplicação dupla, como uma promessa que instila esperança e advertência que evoca temor. Para o crente é uma promessa. Até mesmo o mais forte entre nós luta contra o pecado e o desânimo que o acompanha. Temos necessidade constante de ver a linha final da corrida e sermos assegurados de que chegaremos ao fim com vitória. Precisamos algo mais que uma mentalidade do “trenzinho que disse eu consigo”. Precisamos da confiança além de nossa determinação e persistência. Precisamos da ajuda de alguém maior que nós, cuja força é infinita, tanto quanto sua misericórdia, e cujo caráter é da

maior estirpe. Precisamos de um Deus que “opera todas as coisas conforme o conselho de sua vontade”, e aperfeiçoa toda obra que iniciou.⁵³³ É, portanto, maior encorajamento saber que o autor e consumidor de nossa fé tenha prometido cumprir nossa salvação. Ainda que varie a velocidade e o grau do progresso na fé de pessoa a pessoa. Ainda que alguns corram ao topo do monte enquanto outros caminhem somente em regiões mais baixas, todos crescerão, todos obterão notável progresso na fé, todos serão conformados, em graus diferentes, à imagem de Jesus Cristo.

De maneira correspondente, este texto é também grande advertência aos que não progridem na fé, mas ficam estagnados; que mantêm uma forma de piedade, mas negam seu poder; que chamam pelo nome do Senhor, mas não possuem consagração interna, piedade autêntica, nem a procura da santidade, sem a qual ninguém verá o Senhor.⁵³⁴ É um aviso a todos de que a árvore se conhece pelos frutos, o livro é avaliado por sua capa, e a evidência da justificação é a obra contínua da santificação. Deus jurou por si mesmo em prol da santificação e glorificação final do crente. Assim, os que professam Cristo, e no entanto demonstram pouca ou nenhuma evidência da obra transformadora da divina providência estarão construindo suas casas sobre areia:⁵³⁵ “São assim as veredas de todos quantos se esquecem de Deus; e a esperança do ímpio perecerá. A sua firmeza será frustrada, e a sua confiança é teia de aranha. Encostar-se-á à sua casa, e ela não se manterá, agarrar-se-á a ela, e ela não ficará em pé” (Jó 8.13–15).

Que o crente que luta se console; que o membro de igreja que se encontra apático seja advertido. A grande evidência da verdadeira conversão é a obra contínua de Deus de santificação em nossas vidas. Se fomos salvos pela graça mediante a fé: “Somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Efésios 2.8–10). A evidência de que Deus começou boa obra em nós é que ele continua essa obra até o dia final.⁵³⁶

509. Romanos 6.4.

510. Quando Deus fala de modo antropomórfico, fala como se fosse humano. Por exemplo, Deus é onipotente e não se fatiga. No entanto, para acentuar os pecados de seu povo, poderá dizer que os pecados deles o deixaram cansado.

511. Salmo 95.10.

512. Ezequiel 6.9.

513. Isaías 43.22–24.

514. Êxodo 19.5; Deuteronômio 4.20.

515. Deuteronômio 7.6.

516. Isaías 1.14.

517. Romanos 8.31.

518. Tiago 1.5.

519. Efésios 2.10.

520. *Origem bruta* é pedra ou madeira em seu estado natural, que ainda não foi formado pela ferramenta do artista.

521. Gênesis 18.14; Jeremias 32.17.

522. Efésios 1.11.

523. Isaías 46.9–10.

524. Ezequiel 36.24.

525. Provérbios 21.1; Jeremias 18.7–10.

526. Hebreus 8.6.

527. Romanos 8.29; Hebreus 2.11–12.

528. Hebreus 2.10; 12.2.

529. A palavra *disciplina* é traduzida do grego *paideúo*, que denota treinamento, instrução, e castigo. A palavra *fustiga* vem do grego *mastigóo*, que significa, “bater com chicote”. A severidade desta forma de punição é ilustrada em Mateus 10.17, 20.19, e 23.34. Donald Guthrie escreve: “Castigo se torna sinônimo de filiação”. *The Letter to the Hebrews: An Introduction and Commentary*, Tyndale New Testament Commentaries (Grand Rapids: Eerdmans, 1983), 253.

530. Provérbios 13.24.

531. Jeremias 32.41.

532. Gênesis 1.3–31; Hebreus 1.3; 11.3.

533. Efésios 1.11; Filipenses 1.6.

534. 2Timóteo 3.5; Hebreus 12.14.

535. Mateus 7.26.

536. Filipenses 1.6.



A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.ministeriofiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel